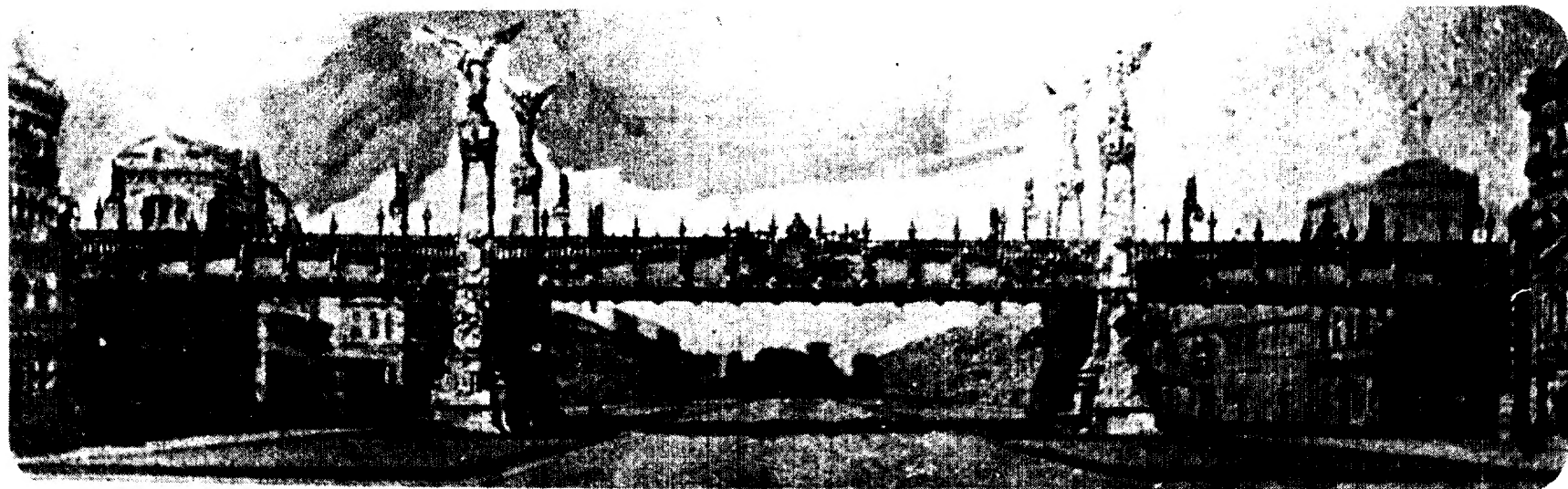


Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO, 7 DE JANEIRO DE 1973 N.º 17974 — ANO 52.º — PREÇO 1\$50



**LEIA
HOJE**

**JUDEUS RUSSOS
EM ISRAEL**

(nas centrais)

**O ÁLCOOL
E A DROGA**

(pág. 11)

**LEIA
AMANHÃ**

**O Natal
visto pelas
crianças**



Caricatura de Fialho, em 1903, num «postal» de Celso Herminio. Reproduzido da Ilustração Portuguesa.

FIALHO INVENTOU EM 1906 A "LISBOA MONUMENTAL"

Nas páginas da melhor revista do reino de el-rei D. Carlos inventou Fialho d'Almeida uma cidade de Lisboa. Já pensava em viadutos o Fialho dos Gatos. O Fialho odioso, maldito, marginal, que encartava a revolta de menino marçano e o azedo de mil fracassos com uma prosa de turbilhões e luminárias que subia a céu de delírio para pergulhar prazenteiramente nos abismos do mau-gosto. Em 1906, reformado do combate e da folia, casado com «uma senhora de posses», exilado no Alentejo, proprietário, semi-doido, na pena feérica e cosmopolita corre-lhe sempre a tinta do fel e do veneno, mas para contornar de farpas os volumes disciplinados, as manchas subitas, «as belas cintilações do sol que não inventámos», os espaços aber-

tos, a arquitectura nova que o seu amor impressionista e libidinoso de velho fauno pedia para Lisboa, a rainha: «falta brindar a cidade com os atractivos e vícios que a gente culta e rica tem por passatempo, pois além das capitais não engordarem de virtudes, é certo que um pouco de deboche activa a civilização dos povos bisonhos e é um factor maravilhoso de sugestões», escrevia na *Ilustração Portuguesa*. E escrevia também: «A Praça de Pombal devia ser o Terreiro do Paço socialista, duma Lisboa socialista, o coração proposital da nova vida cívica, como o outro ficou da burocrática». Reinava D. Carlos. Quatro anos depois, instalava-se a República.

Le Duc Tho em Paris

PARIS, 7 — (F.P. e UPI-ANI)

«O momento decisivo sou» — disse Le Duc Tho, o conselheiro especial da delegação de Hanoi, chegando ontem a Le Bourget num avião especial da Aeroflot, vindo de Moscovo. Le Duc Tho disse aos jornalistas que, desde que a parte americana «demonstre realmente uma atitude séria e de boa vontade para com a República Democrática do Vietname do Norte, o problema vietnamita pode ser resolvido pacificamente de uma maneira rápida». Mas, para tanto, é preciso que os Estados Unidos não se «obstinem em exigir mudanças não razoáveis» relativamente ao acordo de Outubro último.

E amanhã que as conversações entre Le Duc Tho e o conselheiro americano Henry Kissinger são retomadas. Kissinger é aguardado hoje na capital francesa.

O enviado de Hanói passou por Moscovo onde conferenciou com dirigentes soviéticos sobre a guerra na Indochina.

Tho declarou que um acordo de paz poderá ser rapidamente alcançado se os Estados Unidos mostrarem boa vontade, mas avisou que o Vietname do

Soou o momento decisivo

Norte não cederá a pressões.

Tho considerou que a nova conversação «privada» era uma vitória para o povo vietnamita e uma vitória dos povos, mundiais amantes da liberdade «os quais condenam energicamente — disse — os crimes dos Estados Unidos».

O seu regresso a Paris dava testemunho da seriedade de Hanói e da sua boa vontade. A condenação dos povos do mundo estava na origem do regresso às conversações dos técnicos e das suas próprias conversações, que terá na segunda feira com Kissinger.

VIETNAME FINALMENTE O ACORDO

Os bombardeamentos a norte do paralelo 20, no Vietname do Norte, terminaram. O facto atribui-se às dificuldades facilmente previsíveis que o presidente Nixon iria encontrar — caso os ataques contra as cidades norte-vietnamitas continuassem — no interior do Congresso. Os membros democráticos do Senado e da Câmara dos Representantes aprova-

ram moções propondo cortes orçamentais de molde a impedir a continuação do esforço militar americano no Vietname. Entretanto as conversações de paz começam amanhã ao mesmo tempo que inúmeras notícias, provenientes de vários pontos do mundo, afirmam que o acordo de paz será assinado antes do próximo dia 20 de Janeiro



LEIA NAS PÁGINAS DE ESPECTÁCULOS

MARIA OLGUIM

**ACTRIZ
HÁ 55 ANOS**

«Nasci em Castelo Branco a 26 de Abril de 1894. Apareci no teatro aos 24 anos, como amadora, e como profissional aos 27»

Começou assim a entrevista que Maria Olguim concedeu ao nosso camarada Lauro António, a poucos dias da homenagem que lhe vai ser feita no palco e no écran do Teatro São Luiz no próximo dia 12 do corrente. Comemoram-se os cinquenta e cinco anos de actividade profissional da octogénaria actriz, ela própria um pouco da história do teatro e do cinema em Portugal. Em 1922, Maria Olguim estreava-se no cinema mudo. Interpretaria, no decorrer da sua carreira, dezenas de filmes e centenas de peças, do teatro declamado à revista. A sua história, uma vida inteira dedicada à arte de representar, está hoje nas páginas deste jornal.

**EDIÇÃO
DE 28
PÁGINAS**



— um suplemento de 8 páginas, com a reprodução de alguns dos trabalhos mais representativos, entre milhares, dos que foram enviados ao nosso jornal

**Faleceu
o jornalista
Francisco
Rodrigues**

Faleceu o nosso camarada de profissão Francisco Rodrigues de 71 anos, que foi um dos jornalistas que formaram a primeira redacção do nosso prezado colega Diário Popular, onde trabalhou durante 30 anos. Francisco Rodrigues iniciou-se no jornalismo no Jornal de Notícias. Apesar de estar reformado há um ano, continuava a trabalhar constituindo um exemplo de dedicação à profissão que escolheu. A família e aos seus companheiros de trabalho apresentamos as nossas condolências.

OS ALUNOS VOLTAM ÀS AULAS

Com maior alegria por parte das crianças que dos adolescentes, começaram anteontem as aulas do 2.º período em todos os estabelecimentos de ensino primário e secundário do país.

Nos pátios das escolas e colégios primários começaram as brincadeiras.

«A Ana era uma menina e eu esperava por ela no café Dois e ela nunca mais chegava e eu dava-lhe chicotadas a brincar».

As correrias: «Agora fuge. Apanhámo-te!»...As charadas infantis, réplicas de um toca e fuge de adulto:

«Pergunta-me coitadinha...» — «Coitadinha?»

«Não estou delatadinha, estou em pé...» Uma certa humilhação por ter



caído no logro. «Pergunta lá outra vez.» E vem a desforra: «Não, agora

já sei a brincadeira!» Anteontem foi dia de brincadeira para as esco-

las primárias. A maioria das crianças ficou feliz por voltar aos seus amigos, às suas alianças e às suas lutas, às aulas, aos jogos, às professoras a quem estão ligadas por laços de afectividade ou mesmo de conflito profundamente úteis. Os dias de ontem foram para explicar as férias do Natal, os presentes, o «primeiro cálice de vinho» ou de «champagne», a primeira noite até às quatro da manhã, as invulgaes idas ao cinema.

A partir de segun-

da-feira a aprendizagem recomeça e toda a gente quer saber coisas mais difíceis pois, isso sem dúvida, significa um certo grau de importância na pequena sociedade que formam e também na que os admite.

No ensino secundário o ânimo para o recomeço das aulas não seria bem o mesmo. As férias são uma oportunidade de liberdade mas também de maior controle.

«Em tempo de férias não se pega em livros. E isso já não é mau de

todo. Pelo menos esquecemos os pontos, as chamadas, as más notas, os raspanetes e o medo das consequências quando nos baldamos às aulas. Mesmo assim, estar em aulas, é muitas vezes, menos aborrecido».

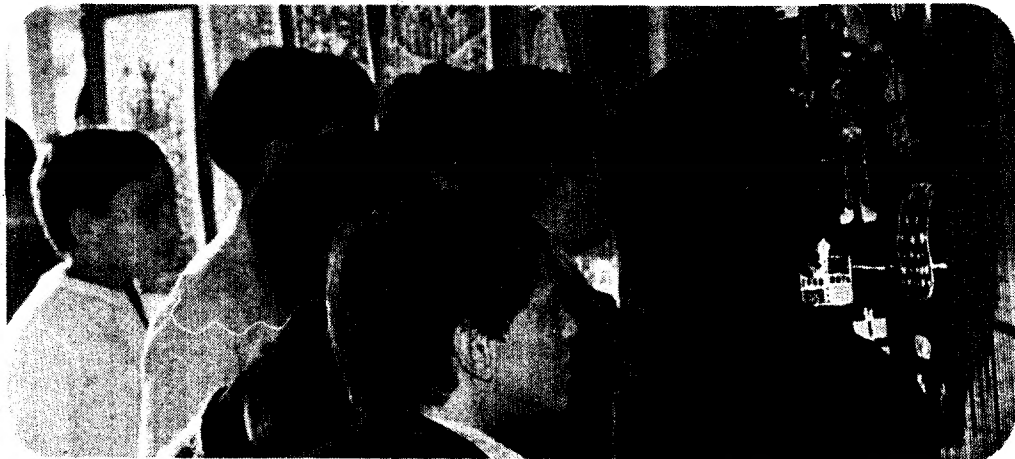
ABRIRAM AS FACULDADES

...No ensino superior as faculdades reabriram após o período normal de férias.

No Técnico, cujas instalações reabriram também no dia 4 apenas começaram os exames normais de passagem do anterior ano lectivo, estando marcada a reabertura oficial das aulas para o próximo dia 9.

Na Faculdade de Medicina as aulas começaram também no mesmo dia.

Em Económicas, embora tudo esteja a decorrer com normalidade por parte da disciplina escolar, apenas começaram os exames do ano lectivo anterior. Não se sabe ainda, neste princípio de Janeiro, quando começarão pela primeira vez, as aulas do ano lectivo 1972/73.



LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO.

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172

Rua 1.º de Dezembro, 45

OS GRANDES PROBLEMAS DO CONCELHO DE LOURES

Os problemas de equipamento escolar, o antepiano director do Concelho de Loures e os problemas rodoviários foram objecto de uma visão retrospectiva por parte do presidente da Câmara Municipal de Loures, durante a sua primeira reunião deste ano.

No que ao problema de equipamento escolar respeita, informou o presidente que remeteu há dias à Direcção-Geral das Construções Escolares as respostas a um inquérito, nas quais se dava conta das carências do concelho nesse capítulo e se apresentavam hipóteses de solução para muitas delas. Referiu, também, a construção da 2.ª fase da Escola de Santo António dos Cavaleiros, cujo anteprojecto já deu entrada na Câmara de sua presidência, recordando as deambulações verificadas durante a execução da primeira fase, motivadas pelas rectificações e cumprimento de formalidades que fizeram «arrastar» o assunto por alguns meses.

Ao referir o Antepiano Director, já aprovado pela Câmara na anterior reunião, o dr. Luiz Demony lembrou o que se passa com o estudo de ordenamento de Santa Iria de Azoia e de toda a região ou sector de Sacavém, onde existem alguns processos pendentes por razões relacionadas com a zona de protecção do

Aeroporto de Lisboa. Entretanto, aguarda-se a entrega de projectos feitos por uma empresa privada, a partir de estudos pelo Município de Loures.

A necessidade de infra-estruturas e reserva de terrenos para equipamento foi dos outros aspectos focados, fazendo-se ressaltar a sua necessidade antes de ser dado seguimento a determinados projectos.

Quanto aos problemas rodoviários foram referidos os relacionados com a estrada entre Unhos e Frieiras e as questões levantadas pela criação de um trabalho importante, nomeadamente nos sectores de Odivelas e Loures.

Mais uma vez houve referência à construção da Escola Técnica de Odivelas e à resolução dos problemas de realojamento motivados pela remoção indispensável das casas de renda económica existentes no local destinado ao empreendimento. A esse propósito, informou ainda o presidente, já foram estabelecidos contactos para que se encontre uma solução urgente.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na «Casa das Novidades», Rua Jacinto Nunes, 31 GRÂNDOLA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Júlio Gomes da Silva, Agência Sineense de Procuradoria e Comércio, Lda., Rua Cândido dos Reis SINES



REGRESSO DE "O LAR"

No palco do Teatro Vasco Santana representar-se-á durante 15 dias apenas, até à estreia de uma nova peça — uma obra notável que, em 1970, deu à Companhia Teatro-Estúdio de Lisboa dois importantes prémios da Crítica: o prémio para a melhor interpretação feminina (Helena Félix) e o prémio para melhor encenação (Luzia Maria Martins). «Lar» é o título dessa obra que nos revelou um dramaturgo de craveira internacional — David Storey, e que nos proporcionou um nível de interpretação que será lembrado por todos aqueles que apreciaram o bom teatro. Helena Félix e Ana Paula, recriam agora os papéis que ficaram para sempre associados aos seus nomes. A seu lado, em três esplêndidas substituições (que são autênticas criações), António Montez, Francisco Nicholson e Benjamim Falcão.

Peça inesquecível, «Lar» é, como disse um crítico, «um espectáculo que deve ser visto por toda a gente interessada num teatro de nível europeu».

NOVIDADES JURÍDICAS

Acabam de sair:

— CÓDIGO DA CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

3.ª edição Anotada e Actualizada

Por João José Garcia de Freitas e Joaquim Soares Teles Directores de Finanças

1 vol. de 1.032 páginas — Preço Esc. 375\$00

— REGIME JURÍDICO DO CONTRATO DE TRABALHO

ANOTADO

2.ª edição, actualizada e aumentada

Por Bernardo da Gama Lobo Xavier Assistente do Centro de Estudos Sociais e Corporativos Advogado

CONTENDO: LEI DO CONTRATO DE TRABALHO

com notas explicativas e remissivas e índice ideográfico

LEGISLAÇÃO COMPLEMENTAR REGIMES ESPECIAIS

Preço Esc. 180\$00

PEDIDOS A

ATLÂNTIDA EDITORA, S. A. R. L.

RUA FERREIRA BORGES, 103-111 — COIMBRA

FACTOS

Diário de Lisboa

CASOS "POLICIAIS" FANTASMAS 72

Agora que o lufa-lufa do ano/72 chegou a seu termo, o repórter de polícia (assim como o leitor mais atento), recorda certos casos ocorridos ao longo dos trezentos e sessenta e cinco dias transactos, para quem a solução exacta e definitiva jamais chegou a acontecer. E não se torna tarefa esgotante procurar nos arquivos da memória os três acontecimentos que, a seu devido tempo, maior atenção despertaram na opinião pública da nossa terra e que ainda hoje se apresentam envolvidos numa estranha auréola de mistério.

Torna-se evidente que uma quadrilha empenhada no assalto a uma instituição bancária (e logo vem a talhe de foice o golpe de dois mil contos levado a cabo na agência do Banco Português do Atlântico em Alhos Vedros) se encontra melhor apetrechada do que uma turma de ratos especializada em extrair pneus e peças várias nos veículos estacionados em plena via pública.

Não temos sequer a veleidade de comparar o agressor ou agressores que provocaram a morte do cozinheiro do Bar «Hipopotamo», com o noctívago embriagado que numa noite do Cais do Sodré ou numa taberna de Alcântara soca um parceiro de farra.

Mal esclarecidos estaríamos se pretendessemos meter no mesmo saco os meninos que numa noite chuvosa e fria de Outubro, espantaram, roubaram e violentaram duas jovens na mata de Monsanto, com os casanovas exibicionistas que na Baixa lisboeta ou de qualquer vila ou cidade de província lançam para o ar um piropo de mau gosto ou um beliscão atrevido às donzelas de passagem.

Ratos de automóveis são detidos diáriamente, noctívagos e casanovas, facilmente referenciados, transitam amiúde pelas malhas policiais. Temos a noção exacta das distâncias e não ignoramos as dificuldades que rodeiam muitas das investigações até se alcançar o autor ou autores de arrojados assaltos ou apanhar e julgar certos meninos, eternamenteinhos. Mas o leitor atento tem o direito de interrogar-se, como nós o fazemos.

ALHOS VEDROS

Utilizando dois automóveis roubados que depois abandonaram, quatro (?) indivíduos assaltaram, cerca do meio dia de 6 de Novembro a agência do Banco Português do Atlântico em Alhos Vedros, apoderando-se de dois mil contos em dinheiro. Durante alguns dias ainda constou que a polícia seguia uma pista que facilmente a iria conduzir à identificação dos elementos que constituíam o grupo assaltante.

A última informação oficial colhida pelo nosso jornal junto do chefe dos Serviços de Imprensa do Banco lesado, foi de que as investigações já se encontravam numa fase bastante adiantada, mas que não era possível fornecer dados concisos que poderiam vir a prejudicar os trabalhos de pesquisa policial.

Depois disto um círculo cerrado faz cair o caso no mais absoluto esquecimento. Até hoje.

BAR HIPOPÓTAMO

Encontrado muito ferido na manhã de 2 de Dezembro no patamar do Bar «Hipopotamo», o cozinheiro Manuel Garcia que ali prestava serviço, acabaria por morrer de pneumonia (isto segundo o resultado da autópsia) no Hospital Curry Cabral, após ter estado quatro dias numa maca do Hospital de S. José, à espera de vaga, não tendo o seu nome sido anotado no livro de registos nem participada a ocorrência às autoridades, pelo que as investigações policiais só se iniciaram oito dias decorridos.

Falou-se em tráfico de drogas, tentativa de roubo, agressão por motivos passionais. Manuel Garcia teria dito à mulher: Eu vi no escuro que eram três homens que me agrediram. Mas segundo a Judicatura, embora a hipótese de crime não estivesse totalmente atredada, o cozinheiro morreu de pneumonia e os ferimentos teriam sido provocados por queda na rua ou nas escadas do Bar.

Recorde-se que a vítima apresentava a cara ensanguentada, fractura de várias costelas e de uma perna e ainda traumatismo na coluna vertebral. Demasiadas lesões para quem sofreu uma simples queda (pensamos). O que desde logo nos concede o direito de continuarmos a não afastar a hipótese de crime.

MONSANTO

Na noite de 23 para 24 de Novembro, sete adolescentes transportaram até Monsanto duas raparigas que dois deles haviam conhecido pouco antes numa noite da Avenida da Liberdade e, uma vez ali, após as terem despojado de dinheiro e objectos de valor, rasgando-lhes os vestidos desnudaram-nas brutalmente e obrigaram-nas a actos indecorosos. Por fim abandonaram-nas em plena noite.

QUANTO PODE

Neste apontamento aqui ficam três interrogações referentes a outros tantos casos fantasmiais, pensamos, ainda constantes e pendentes nos arquivos policiais ao ano ora findo.

MANUEL GERALDO

O nosso mundo

SAUDADES

No tempo das romarias, anteriormente à existência de altifalantes que impingem seus anúncios de mistura com melodias de ritmo duvidoso ou impróprio, os cantares populares, as cantigas ao desafio e até as chamadas bandas marciais, sobretudo no Minho, encantavam quem a eles assistia, sem falar na cor garrida dos festões, nos lumes vivos ou até na alegria reinante. As romarias eram verdadeiras festas populares e os cantores ou os coros, ignorantes da música importada à pressa, exprimiam musicalmente os seus sentimentos ou afectos, criticavam os defeitos alheios ou cortejavam a sua amada, contudo, ao mesmo tempo, criavam sempre algo de novo, com bom sentido de observação e, as mais das vezes, com um polvilho de graça. E, nas cantigas ao desafio, a graça e o sentido da improvisação, de braço dado com natural veia poética, operavam prodígios, dando larga e agradável compensação a quem escutasse. («Correio do Minho»).

ÉVORA

As queixas avolumam-se na nossa redacção e os pedidos de informação sobre o que se passa com o fornecimento da energia eléctrica à cidade continuam a ser-nos formulados. Nós não sabemos responder, mas apenas fazer coro com essas reclamações, pois também nos sentimos vítimas da anomalia. Em nossa edição de 22 do mês findo, fizemos eco do que se está a passar, esperançados que as coisas voltassem ao seu devido lugar. Porém, foi em vão. Tudo continua na mesma. Os electrodomésticos continuam a avariar-se em barda, a televisão mal se vê e a corrente entra em casa do consumidor com menos de metade da voltagem que é normal. E, como se isto não fosse bastante, em certas zonas da cidade, como é o caso da Rua da Mouraria e suas confluências, nem mesmo correntes têm. Ainda no dia 2 a luz ali faltou cerca de meia hora de uma vez e cerca de uma hora de outra, nos períodos das 19,30 às 20 e das 22 às 23. Como acontece com qualquer outro género, o consumidor que paga e paga bem a corrente eléctrica, tem o direito de a receber em condições e permanentemente. E apenas o que se deseja. («Notícias d'Evora»).

TORRÃO FAGUEIRO

Os habitantes da freguesia de S. Martinho do Bispo, sobretudo os que aqui nasceram e continuam fiéis ao princípio de que «a terra onde se nasce é mãe também», na linguagem de João de Deus desde sempre, nas horas eufóricas de felicidade ou nos momentos de angustiante sofrimento, deram provas iniludíveis da sua capacidade realizadora, da sua dedicada cooperação, em prol do torrão fagueiro. Eles ajudaram a restaurar fontes, quando a água escasseava, ergueram capelas, abriam estradas, enfim, fizeram toda uma série de melhoramentos, que não passariam, pelo menos durante largo período de tempo, de um velho sonho, já que o erário municipal, só por si, não comportava tão pesados encargos. («Diário de Coimbra»).

O HOMEM PERTENCE À NATUREZA

Para compreender o que nos traz de verdadeiramente novo e de original este novo livro de Serge Moscovici — «A Sociedade Contra Natureza» — talvez seja preciso recordar os temas de um livro anterior — «Ensaio Sobre a História Humana da Natureza» — do qual este é, de qualquer maneira, menos o seguimento do que o complemento. Moscovici afirmava ali audaciosamente que a «natureza» tem uma história que não se opõe à história humana, mas da qual esta faz, de qualquer modo, parte. A argumentação era levada até às suas mais extremas consequências, pois que, segundo o autor, um foguetão é um objecto «natural» pela mesma razão que uma floresta virgem e que um rio. Mas esta «natureza» é objecto e sujeito de história, e Moscovici opõe a natureza do artifice, à do engenheiro, a do mecânico, para chegar aquela, mais moderna de todas, do cibernético. Um mesmo esquema explicativo de conjunto dava uma chave para as mutações que se haviam sucedido. Os portadores de invenção, primeiro marginais, ganhavam pouco a pouco o centro de quadro. Assim é a química moderna que tem a sua origem não nos meios sábios mas nos gabinetes de cavalheiros amadores.

«A Sociedade Contra Natureza» completa o livro precedente simultaneamente na base e no vértice. Na base, na medida em que explora a história do homem antes mesmo do aparecimento do artesanato, e a este título poder-se-ia intitular, como a obra famosa de Engels, «As origens da família»; no vértice, dado que apresenta em conclusão não o problema de mítico «regresso à Natureza», mas o muito real problema do regresso do Homem «na» Natureza.

UMA PROECÇÃO HISTÓRICA

Para ali chegar era preciso pôr, e tentar resolver, uma questão fundamental. Qual é o valor da oposição «natureza-cultura» que os etnólogos nos ensinaram a reconhecer na base do discurso que cada sociedade tem sobre si própria? Na Grécia clássica, pode-se afirmar, a criança, o escravo, estão do lado da «Natureza» e a selvageria; O grego, o homem adulto e o cidadão estão do lado da «cultura». O índio da América é para Montaigne um homem natural, e o negro de África é para muitos sábios do século XVIII um animal mais próximo do macaco do que do Homem. Sabemos hoje que as mulheres e os negros são «homens» pela mesma razão que os europeus, e que a mais «selvagem» das tribos índias ou africanas se definiu, opondo-se à «natureza» ou à selvageria que a rodeia. Porém, que vale, quanto ao fundo, esta oposição capital, desde que se trate de explorar o universo do discurso? Ao reeditar em 1967 as suas «Estruturas Elementares do Parentesco», de 1948, Claude Lévi-Strauss observava: «Deve-se considerar, talvez, que a articulação da natureza e da cultura não reveste a aparência interessada de um reino hierarquicamente sobreposto a um outro que lhe seria irreduzível, mas mais de uma retomada sintética permitida pela emergência de certas estruturas cerebrais que se erguem, elas próprias, da cultura, dos mecanismos já montados, mas que a vida animal não ilustra a vida animal não ilustra a não ser sob a forma desunida

e que ela aprova em ordem dispersa. «E um pouco esta intuição que retoma e desenvolve com uma amplitude singular numa perspectiva constantemente histórica Serge Moscovici. De que se trata, com efeito? Daquilo a que chamamos a «hominição». Os mitos de origem e de ordenação respondem à pergunta: de onde vem o Homem? por esquema clássico. De desordem primitiva, passa-se à ordem por intermédio, em geral, de um ordenador divino ou super-humano; o tempo em que os deuses e os animais se misturavam com os homens, passa-se à separação do céu e da terra. Adão é expulso do Paraíso, e a história humana começa.

As sínteses que herdamos da época romântica, reproduzem, na realidade, estes esquemas. Ao «comunismo primitivo» opõe-se o reino da propriedade, à «promiscuidade sexual original» opõe-se a família baseada na proibição de incesto, ao matriarcado o patriarcado. Para se dar conta da passagem do animal ao homem procurar-se-á «um» critério único: posição erecta, linguagem, desenvolvimento cerebral, cozinha. Quanto ao neo-romantismo contemporâneo, aceita à sua maneira este esquema, dando que preconiza de boa vontade o «regresso» ao comunismo primitivo, à promiscuidade sexual, até mesmo, como os cínicos do século IV antes da nossa era, à alimentação crua e ao incesto.

DAS SOCIEDADES ORGANIZADAS SEGUNDO A IDADE E O SEXO

Infelizmente, «nenhum» dos critérios considerados para definir a hominição resiste ao exame, e nunca houve, nem no caso do homem, «nem no caso do animal», comunismo primitivo, matriarcado ou promiscuidade sexual original. Com efeito, por muito alto que se suba, não apenas na história humana mas na história dos primatas dos quais somos o ramo triunfante, encontra-se em presença — Serge Moscovici mostra-o com um luxo esmagador de informações — sociedades organizadas e hierarquizadas segundo o sexo e segundo a idade (o que não significa, evidente — e Serge Moscovici não o diz, e até diz o contrário — que, por exemplo, a superioridade masculina, facto social

e não biológico, seja uma categoria eterna). A sociedade não é «contra natureza», e o autor constata que todo o seu livro é um desmentido ao seu título, ela está «na Natureza».

Para se dar conta daquilo que se pode, se o houver, continuar a chamar hominição, Serge Moscovici é levado a colocar o acento sobre uma fase decisiva da nossa história que viu um ou mais ramos de hominidas passar da condição de colectores — não existe entre os homens de hoje, colectores puros — à de caçador, e é efectivamente como caçador que o homem venceu a quase totalidade da sua história social: «O facto capital não é a especialização dos primatas, do homem descendente do macaco, mas a separação no interior de uma população que vive da colheita, a erupção, fora de um grupo de colectores, de um grupo de depredadores-caçadores com um modo próprio de trocas com as forças materiais». Não se trata de substituir um critério por outro, pois a caça não é um critério, mas um conjunto que subentende muitos outros, uma actividade global que pôde orientar as mutações que fizeram a nossa espécie. «Trata-se de caça, do mundo ao qual rejeitamos a afinidade, que nos repugna não domesticado, mas os primeiros hominidas não tinham que se dissociar dele nem o queriam... Da mesma maneira que nós penetramos os segredos das reacções químicas, das ficções nucleares, importava-lhe penetrar os segredos do bisonho, do cavalo e do gamo. Ao abandonar a floresta para se dirigir à savana, não deixaram uma área geográfica por outra, como o fizeram os antropóides: foram para esse mundo animal que os atraía. Em lugar de se situar acima dele, marcaram, criando, uma relação distinta dele a eles.»

Pode-se concluir, com o autor, por esta citação de Engels: «A cada novo passo, somos assim levados a pensar que não dominamos de maneira nenhuma a Natureza, à semelhança do conquistador de um povo estrangeiro, como se estivéssemos colocados fora da Natureza, mas que, pelo contrário, lhe pertencemos completamente, pela carne, pelo sangue, pelo cérebro, e dele fazemos parte».

A C. P. INFORMA:

LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos complementares da Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder, entre Pêro Negro e Dois Portos, a partir do dia 28 de Dezembro de 1972, serão suprimidas, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), as seguintes automotoras:

AUTOMOTORA N.º 4025 — Entre Lisboa (Rossio) e Dois Portos. O transporte dos Srs. passageiros e das bagagens faz-se entre Lisboa (Rossio) e Cacém pelo comboio n.º 4645 que parte daquela estação às 13-15 horas; entre Cacém e Pêro Negro, por automotora; e entre Pêro Negro e Dois Portos por autocarros.

AUTOMOTORA N.º 4122 — Entre Dois Portos e Pêro Negro. O transporte dos Srs. passageiros e bagagens entre estas estações é feito por autocarros.

Os comboios n.ºs 4022 e 4027 retomam, a partir de 28 de Dezembro o seu horário normal.

O apeadeiro de Feliteira estará encerrado para serviço às automotoras n.ºs 4025 e 4122.

Os autocarros passam junto do apeadeiro de Zibreira e no cruzamento do apeadeiro de Feliteira.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

REPORTAGEM

Lisboa, «rainha deitada em que tudo são ombros e joelhos», já tem pontes, túneis e viadutos a ligar-lhe as curvas da anatomia: mas nenhum dos que em 1906 sonhou Fialho para a vestir de rendas de ferro e «negligés» de cimento.

A rainha engordou com a idade, depois da «morrinha bronca» do princípio do século, que não deixava pousar os corvos do seu emblema no «armorial das capitais vertiginosas onde deliciosamente a vida se greiha nos estonteio das quotidianas sensações», mas injectava a imaginação languesciente e monumentalista dos seus literatos em exílio de Paris e dos seus arquitectos voando pesadamente entre a arte nova e o granito burguês, bombeiral e Valmor.

A rainha engordou e foi outra a linha Santos e Castro para as cinturas, adiposidades, estreitos e arestas da velha, como para o contorno rodoviário das suas filhas periféricas e monstros.

Derrubadas as árvores, cimentados os jardins, extintas as zorras e charabãs, mordem a sua agonia de alcátrão multidões de utilitários que trazem dos formigueiros e arrabaldes para a floresta de semáforos quotidianas sensações, mas de perigo, gasolina, fuga de nervos: não a embriaguez leve de sol, areia, verde e caleches — esta, para um Fialho velho e sensual, a imagem da Lisboa «civilizada» que nasceria, e não nasceu, do «estado de selvageria boçal» em que se afundava a «rainha» nas vésperas da República de 1910.

E nas vésperas também da segunda morte de Fialho d'Almeida, ex-Valentim Demónio, que esgatanhara a compostura de Lisboa e seus senhores com sarcasmos sangrentos, panfletos brutais e boémias apocalípticas.

Em 1906, Fialho imaginava para Lisboa, «resumo do país», viadutos, ruas suspensas, rotundas, arcos do triunfo, arcadas, cais de honra, alamedas, mirantes e palácios. Depois duma vida inteira «à razão de mil e trezentas páginas por ano» e ganhando com elas menos que um pedreiro, o escritor colabora na Ilustração Portuguesa que Carlos Malhei-

FIALHO D'ALMEIDA INVENTOU EM 1906 UMA «LISBOA MONUMENTAL»

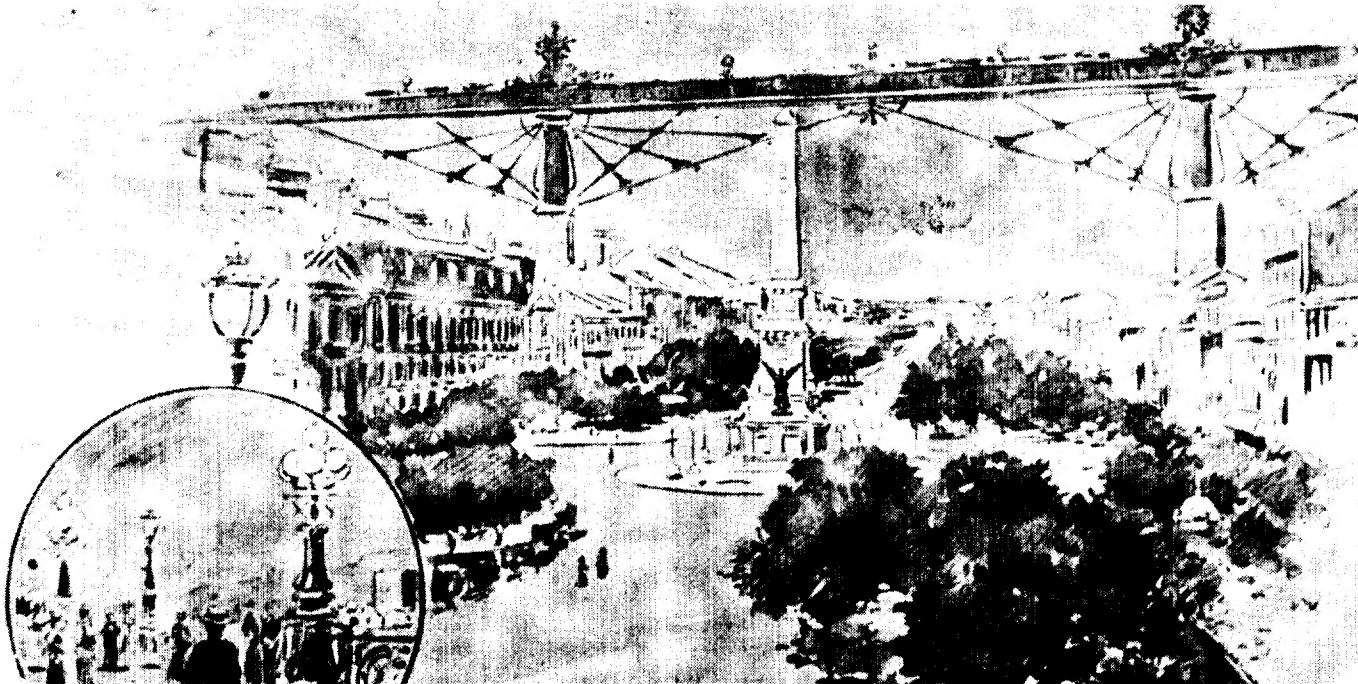
ro Dias dirigia para os burgueses airados e esclarecidos. A 29 de Outubro daquele ano, agreste e delirante, concede nas páginas da revista uma «Lisboa Monumental».

Valmor, Machado, arte gêba

Do seu projecto nada se realizou, menos a ideia dos viadutos, que ele partilhava com Alvaro Machado. Arquitecto e desenhador, Machado lançou-a ao papel. O resultado, em traços de pena e aguada, ilustra a prosa do panfletário.

As razões excluíam a ciência urbanística, a política funcional ou as grandezas da planificação à escala das décadas: eram teses literárias e estéticas, mas isto só as da «memória descritiva» de Fialho. O arquitecto, célebre, veio a projectar o mausoléu do Visconde de Valmor, o dos prémios que tocaram o palácio Mayer, «como vão tocando outros casarões, parece que de propósito escolhidos entre o mais gebo e pior que as artes de construir têm delatado», na frase do escritor.

Vejamos: Fialho concebia uma avenida, «envolta em verdes, rica de tons como um bosque de templo japonês», que ligasse o Botânico da Escola Politécnica ao «grande rio da Avenida». E pergunta: «Não seria esplêndido? Não tinha sido um benefício para a circulação crescente desses bairros altos e distantes aproximá-los da Baixa por essa alameda de luxo, estragada quase para a vida? Hein? — E completar a escoante com as projectadas e nunca utilizadas pontes de S. Pedro de Alcântara ao Campo de Santana, por cima da Avenida, e a de Santana à Graça ou ao Castelo, sobre a rua da Palma, em vez da população dos bairros ex-cêntricos continuar a enxurrar e a confluir aos focos de vida através de antigas ruas ladeirosas e misérrimas».



NÃO HÁ «VITÓRIAS SOBRE OS VIADUTOS

No Bairro Alto, ainda «ex-cêntrico» mas por mais modernas razões, já não moram nobres e ricos que gostassem de caminhar pela rua suspensa até «ao palácio das festas no morro do Castelo, coroando a cidade com suas cúpulas», outra invenção de Fialho. E pobre e apeado o eixo transversal da cidade, para ele não houve, nem há, viaduto. Esta ideia de desembaraçar o trânsito dos donos de carros e poupar-lhes a vista de «ruas misérrimas» é que teve um acolhimento muito actual.

Passaram setenta anos. Um dos primeiros actos da República foi consagrar-se dando o seu nome à mais moderna e majestosa avenida de Lisboa: era a Ressano Garcia. No dia 6 de Outubro de 1910 passou a chamar-se Avenida da República e para ela desenhara Alvaro Machado também um viaduto, situado sobre a actual Duque de Avila. Respeitada a escala do tempo e da vida da cidade, a via projectada antecipa as razões de abertura do viaduto do Campo Grande e, de certo modo dos acessos à Avenida Gulbenkian.

OS CRIMES DA MANTEIGA

Fialho, praticante de boti-

ca, filho da província sepultado na miséria de Lisboa, escrevia, já médico e fracasado, já escritor e «proibido às senhoras», na Autobiografia: «a bairrada onde eu praticava era tão velha, infecta, escura e desordenada, que ainda hoje me surpreendo da triunfância vital deste arcaboço, que pôde resistir sete anos àquele inferno de ratos, pias rotas, miséria alimentícia e ranços de unguentos pré-históricos». Valeu-lhe isso, diz, mas a crónica de Lisboa marginal contradiz, «uma resistência aparentemente submissa e tímida de orgulho, que pela vida fora tem sido a minha bela independência e a minha força».

Valeu-lhe, sim, para lá ou para cá da vida procelosa, da revolta e da boémia, um ódio carnal e tenaz «ao poder, ao pobre, ao fosco», à miséria, à sujidade, à doença, ao escasso, ao apertado, ao medíocre e ao promíscuo. E ao comércio, às lojas e aos mercados. A tudo. A Lisboa. E protesta: «que barbaridades, que bestialidades, que escoicinhos de burros no bom gosto, que crimes insolúveis de beleza, sem freio singram, a capricho da manteiga e do arroz endinheirados, do vinho a copo, da agiotagem

podenga, da carne seca e da loja de armarinho voltendo à prática abarrotando de ouro em burras prenhes!»

PERNALTAS E BICHARIAS

Voltemos ao sistema das duas grandes pontes sobre a cidade, transcrevendo Fialho, antes de enumerarmos, à parte, as suas mais esplêndidas, sensíveis e ardidas invenções urbanísticas. Entre as quais se conta, «no ponto em que a Avenida Ressano entra no Campo Grande, um arco de triunfo ou um grande hemicycle de estátuas e cascatas, por cujas pontas as carruagens curvassem, deixando um salon no côncavo, para ter-se de restaurantes e cafés, e que ao mesmo tempo servisse de palco ou fundo sobre que fazer convergir as ruas do parque e destacar perspectivas de maciços».

Autêntico «galhardo cântico de pedra ao triunfo imortal do pensamento», não seria? A hipérbole é de Fialho, para outra congeminação. Vamos às pontes.

Fialho: A ponte sobre os vales da Avenida e da Rua da Palma era uma obra de seguro efeito cenográfico, gigantesco e pernaltado, barrando o ar num salto audacioso, principia o cronista,

para quem a cidade é agora palco a engrinaldar de certa estética, tal que sirva à representação solene da «mediocridade dos intelectuais, improgressividade dos ricos e ignorância e inação dos dirigentes» do fim da Monarquia, conforme o improprio disparado noutro parágrafo contra os inimigos de vida inteira.

Mas há mais vantagens: sobre o facto de estabelecer entre bairros periféricos uma grande circulação, rápida e mais curta, tinha ainda o predado raro de contar as casarões monótonas desta cidade sem cúpulas nem torrelas, com um magnífico jogo de obras de arte. (Ao alto de cada pilar ou perna do gigante desenhara Machado uma escultura feminina, alada, protegendo o burgo subjacente com a mão estendida: Pátria, Vitória ou Ninfa, não se sabe).

Percorrer em manhãs e tardes essa avenida a 80 metros do solo, bordada de passeios e refúgios suspensos sobre misérrimas, vendo por baixo vertiginosamente ferver a bicharia dos bairros pobres, a avenida estender-se em regueiros brancos e verdes, de asfalto e folhas de árvores, na estonteação do ar livre, com horizontes de voo de águia, se-

REDUZA
CUSTOS
COM
CABOS

Solidal

ARMADOS E NÃO ARMADOS

ALUMÍNIO
MACIÇO



ECONOMIAS NA AQUISIÇÃO
MONTAGEM · LIGAÇÃO

COMPLETA GAMA DE ACESSÓRIOS

SOLIDAL CONDUTORES ELÉCTRICOS, S.A.R.L.

LISBOA-TEL. 674828 ■ PORTO-TEL. 491392 ■ ESPOSENDE (FABRICA)

ria um destes prazeres si-
baríticos que os cogitadores
agradeceriam a Deus, como
antevisão do paraíso dos
maduros.

ORADORES E SUICIDAS

Que vagabundagens por
ali, nas noites quentes, pe-
rorando no ar pulcro, sobre
a madorna bronca do burgo,
as velhas questões que fa-
zem chispar o olho rufo, de
papagaio, de D. Gual-
dim (Que seria este
Gualdim? Ide Fialho, «in-
tratável e pobre, com
o pelo ralo e a boca
cheia de sarcasmo» sa-
bemos nós por Raul Bran-
dão que o seguia uma malta
suspeita a quem ele deslum-
brava com as suas diva-
gações de artista, e com os
seus ditos amargos e iróni-
cos. Que percorria até de
madrugada as ruas dos bai-
ros pobres e as azinhas
distantes, nos seus passeios
de noctívago, e é com en-
canto que alguns dos seus
amigos e companheiros fa-
lam dessas noites de
boémia literária. É o que
vem na Enciclopédia).

Que curvejos de quedas
dali a abaixo — ocorre logo
de seguida a este obcecado
da morte voluntária — quan-
do às aproches da canícula
estuga o suicídio os cére-
bros fracos, a pretexto du-
ma firma imitada numa le-
tra, ou dum monsieur topa-
do na alcova conjugal em
suspensórios! Essa ponte,
sobre os seus pégãos de pe-
dra, ciclópicas, gíngindos
de elevadores para o formi-
gueiro maluco das subidas
e descidas, marcaria nos
fastos da cidade o advento
duma época novíssima, agi-
tada, em que se confundi-

Pináculos, timpanos, imortalóides, centauros e mulheres

Não ficou pelos viadutos
em parceria, mais arrojados
que os de Santos e Castro,
a imaginação de Fialho de
Almeida. A «Lisboa Monu-
mental» descrita na Ilus-
tração Portuguesa traz mu-
ltas outras coisas de embas-
bacar. Fale o escritor.

PARQUE EDUARDO VII

Estão daí (da Praça Mar-
quês de Pombal) seguindo,
não é verdade, a longa arca-
ria, alta e camposa, fazendo
o círculo da praça as esca-
darias de acesso aos pa-
lácios dos pontos diagonais,
as colunatas solenes, as tor-
res gracios, de varandins, pi-
náculos, timpanos, e logo,
no fundo, o parque com a
rica grade forjada, os bele-
vederes e cascatas de fon-
tes que poderiam opulen-
tar-lhe, solenizar-lhe o aces-
so (neste país de canícula
onde burrifos de água são
medicamento e não deleite),
e fugindo à direita e à es-
querda, em rampas longas,
em cobras perspectivais, as
duas avenidas, que bem po-
diam deixar a arquitectura
da praça por via de pórticos
cobertos, ou simplesmente,
aos dois lados estátuas

de contemporâneos, não
postas ao centro da via, mas
dos cantos cortados dos
prédios-topos, e com inte-
gração no todo arquitectu-
ral, monumental.

PARQUE MAYER

... Teríamos aberta, da Pa-
triarcial à Avenida, através
dos jardins da Politécnica,
uma saída rica e aristocrá-
tica, por onde as carruagens
subissem e descessem, sob
as árvores ligadas dos dois
parques, a que fabricaria,
sobre a Avenida, sua entra-
da de estilo grille, um hemi-
ciclo de estátuas ou colu-
nas, onde muito bem po-
diam estar Brotero e Garcia
de Horta, por exemplo... De-
pois, a cavaleiro na monta-
nha, a Politécnica, branca
e monacal... daí nas tardes
de sol, sob o recolhimento
das frondes, a bicha surda
dos carros estalando na
areia da descida, confluindo
em ribeira, entre os flabelos
das palmas...

AVENIDA DA REPÚBLICA

... Fazer desse curso uma
coisa magnífica, criando ti-
pos de prédios-quinas, com
ressalto de tectos e de for-
mas, regularizando as fa-

chadas dos intermédios, de
sorte a esse imenso corre-
dor ser um agradável deleite
dos olhos e do espírito.

AVENIDA DA ÍNDIA

... Ao iniciarem-se os tra-
balhos, propusémos se
aproximasse do rio o mais
possível e com o triplo da
largura que tem hoje e se
fossem enfileirando no rel-
vão central, por ali fora, a
começar em Algés, até San-
ta Apolónia, estátuas de to-
dos os heróis das descobei-
tas e das conquistas... uma
fileira de colossos...

AVENIDA DA LIBERDADE

... Bem podia servir de sa-
lão contemporâneo, ir reco-
lhendo nos seus relvões, de
ambos os lados, todas quan-
tas gentes merecessem a
glória e valesse a pena fi-
xar na perpetuidade cultu-
ral das gerações. Nesta se-
riam só os monumentos pe-
quenos, de busto e soclo,
na base alguma figura sim-
bólica ou benitório para flo-
res nas datas biográficas.
Todos os modernos imorta-
lórios da vida burguesa, to-
dos os heroísmos vegetes...

todas as celebridades mi-
núsculas... Ali poderiam de-
frontar, adentro do im-
passível bronze, os juizes
da história, pela boca cínica
dos passantes. E por ventu-
ra isto intelectualizaria o ar,
tão denso de matizez pa-
lúrdia, quem sabe! No sub-
consciente da turba, o mun-
do de viricultura e espiritua-
lidade estética e hipereste-
sia moral de que tanto há
mister essa canalheta fútil
que faz o substrato da cida-
de e tem nas cagadas dos
pássaros da avenida princi-
pal a recompensa dos seus
ócios.

TERREIRO DO PAÇO

... Toda à beira da doca
uma balastrada de mármo-
re, alta e severa, aberta de
balaústres... Em toda a mu-
ralha e rampados do emba-
cadouro... Balastradas do
mesmo tipo correriam por
todos os rebordos, seguindo
os muros parapeitos, bor-
dando as rampas das esca-
das laterais e plano inclina-
do central, e essas balaus-
tradas interrompidas em
pontos simétricos por ma-
çoços pilares empoleirados

de estátuas colossais, sen-
tadas e agrupadas... que al-
ternariam com outras, sus-
tentando, em lanços de
bronze, gigantescos faróis
de electricidade ou gás,
conforme for. Entre esses
grupos seriam mais fornidos
e de expressão apoteótica
(elefantes, cavalos, vitórias
trombeteando, génios medu-
zares correndo à água, lutas
atléticas de leões e centauros)
todos os que, defron-
tando o rio, canalizassem o
olhar do turista para a blo-
queio da praça em blo-
co.

CASTELO DE SÃO JORGE

...Não o antigo palácio
dos califas mouros, remen-
dado e acrescentado por
reis portugueses até D. Se-
bastião... Mas alguma coisa
ofuscante, assim como um
gigantesco solar de policro-
mias e de rendas, ferro e
cobre dourado, faiança e
mármore branco... Roleta,
mulheres, circo de verão,
teatrofones, música clássi-
ca, atlética, mascaradas,
festas de carácter pitoresco
e popular...

TROMBETEANDO DE BETÃO

riam as línguas, como em
Babel, sem receio da cólera
do Senhor!

PERSPECTIVAS, FACHA- DAS, ILUSÕES

Esta pois, com acrescen-
tos que se omitem, a versão
Fialho do rasgo futuroológico
de Machado arquitecto, cujo
talento se assinala no monu-
mento a Eduardo Coelho,
fundador do Diário de
Notícias: «monumento
fenício que em São Pedro
de Alcântara celebra a be-
nemerência de Coelho e o
futuro minaz da sua
agência», contra o qual pe-
de o prosador, «neste
período fecundo de reedifi-
cações e ruínas», a interces-

única função social é ga-
nhar dinheiro, a intervenção
nefasta que em nome duma
liberdade de que não sabem
usar, se lhes tem dado na
estética urbana do país».

Fialho queria que a capi-
tal fosse um «acréscimo dos
bairros de Paris», como o

são, em nome da beleza, do
camartelo da Câmara, de al-
guém de direito, ou mesmo,
«isoladamente, de algum so-
nhador químérico de pers-
pectivas, fachadas, ilus-
ões».

Fialho tinha um pensa-
mento urbanístico: melhor,
uma ideia crítica da cidade,
segundo os mesmos
princípios e condicionamen-
tos em que se ergueu a sua
«parte nova» (as Avenidas
Novas datam dessa época),
mas reivindicando para ela
aquilo que chamamos um
plano, um guia de conjunto,
uma direcção central autori-
tária «para tirar às ve-
reações e comités locais, a
brasileiros e mercantes cuja

«platô» imenso, rodeado de
«palácios de cúpulas, torres
e colunatas» que fazia falta
junto da entrada «triumfal»
do Parque Eduardo VII. «No
que sobrasse — escreve —
residências privadas, toda-
via mantendo o seu tipo si-
métrico, relacionado no en-
semble, obedecendo a algu-
ma bela traça decorativa...»
A Rotunda da época, ainda
sem marquês e respectivo
leão, era «uma circunfe-
rência de casas sem beleza
simétrica, nem ordem...»

E depois, aludindo, com
gosto suspeito mas reserva-
damente, à arquitectura es-

panhola, clamava por «uma
arte... de dar ao edifício
qualquer coisa da fisio-
nomia pensante do arquitecto,
da verve do dono, do pito-
resco da raça, em guiza de
ele ser na continuidade da
rua, na quina da praça, na
folhagem perspectivada do
parque, no fundo do jardim,
não como entre nós, uma
nódoa de muro esburacado,
sem fascias, mas uma ale-
luia opípara, gloriosa, da ar-
te para a luz, um halali da
ventura humana, contente,
cheiz soi, para a magnifi-
cência fraternal da nature-
za».

E projectos para as bicha-
rias? Que Reboleiras sonha-
riam os patos-bravos de
1906? Só trata de palácios
o espaventoso socialista?
De mais não cura a ilus-
tração Portuguesa. Mas, por
falar em socialismo e em ci-
dades, Valmores, platiban-
das e torreões, bem po-
deríamos imaginar a crónica
que Fialho escreveria de
Moscou reconstruída, da
cúpula dos seus colossos,
sob os candelabros do seu
metropolitano: não era as-
sim que ele imaginava a Lis-
boa «do período cooperati-
vista e colectivista»?

SERVIÇO PORTO-SALAMANCA

A partir de 14 de Janeiro de 1973, é suprimido, devido à sua baixa utilização, o
serviço directo Porto-Salamanca, estabelecido em certos dias da semana, através das
automotoras rápidas n.ºs 6001 e 6002.

A ligação Porto-Salamanca continua assegurada pelas vias Barca de Alva e Vilar
Formoso, mediante as circulações seguintes.

A	P	C	A
7:50	P. Porto	C. 22-18	
12:20	C. Barca d'Alva	P. 17:35	
16:20	P. Porto	C. 12:35	
20:21	C. Salamanca	P. 8:55	

A — Automotora Rápida Porto-Barca d'Alva e vice-versa. Ferrobús (classe única) Barca
d'Alva e Salamanca e vice-versa.

B	C	D	P	C	D	B	E
14:10	15:05	20:58	P Porto	C	10:28	14:29	15:00 7:00
15:48	17:00	22:38	C Pampilhosa	P	8:43	12:08	13:20 4:33
16:18	17:40	22:54	P	C	8:01	11:55	12:53 2:15
19:57	21:03	2:13	C Vilar Formoso	P	5:05	9:05	9:35 22:20
20:47	21:27	2:32	P	C	4:45	8:50	9:00 22:10
23:58	23:58	5:03	C Salamanca	P	1:55	6:10	6:10 22:20

R — Carruagens directas de 2.ª classe de e para o Porto.

C — Sud-Express — So 1.ª classe. Transbordo em Pampilhosa.

D — Efectua-se de 2 de Dezembro de 1972 a 31 de Janeiro de 1973. Carruagens directas
de 2.ª classe de e para o Porto. Os passageiros de 1.ª classe têm transbordo em
Pampilhosa.

E — 1.ª e 2.ª classes. Transbordo em Vilar Formoso e em Pampilhosa.



Três quilómetros da «Rissano Garcia» e sua ponte congeminada em 1906, surgiu, sessenta
anos depois, carros em vez de caleches, um viaduto...

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

TEMPORADA DE CONCERTOS 1972/73

6.º CONCERTO

HOJE, ÀS 16 HORAS

AMANHÃ E DEPOIS, ÀS 21,45 HORAS

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

ANGELUS NOVOS (primeira audição)

TOMÁS MARCO

ADAGIETO (da 5.ª Sinfonia)

MAHLER

A VOZ HUMANA

COCTEAU/POULENC

Maestro **MANUEL IVO CRUZ**

Soprano **ANA LAÇO**

Encenação **CARLOS AVILEZ**

Cenografia **DORITA CASTEL-BRANCO**

Bilhetes desde 15\$00 Maiores de 10 anos

PALACETE SÉCULO XVIII

Em óptimo local de Lisboa, lindíssima decoração interior, amplas salas recepção, monta-cargas e elevador, garagem para 4 carros, instalações para pessoal, aquecimento central. Vende-se por 7500 contos.

ORCOSI

Rua 1.ª de Dezembro, 45-3.º

Telefs.: 32 31 72 - 36 74 44

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco
Borja (às Jane-
las Verdes)

Hoje e todas as noites às
22 h., sábados e domín-
gos matinées às 16 h. de:

«ALICE NOS JARDINS
DO LUXEMBURGO»

de Romain Weingarten,
com Carmem Dolores,
Ana de Sá e Augusto
Figueiredo

Direcção de
Jorge Listopad
Marc. Tel. 677299
Maiores 14 anos
Sub. Fundo Teatro

TEATRO MARIA MATOS

HOJE

às 16 e às 21.45 horas

Ruth Escobar

apresenta

Missa Leiga

de CHICO
DE ASSIS

Prémio da crítica bra-
sileira para melhor en-
cenação e melhor mú-
sica

DIARIAMENTE
às 21.45 horas

M/ 14 anos

A SEMANA

A OPOSIÇÃO EM CONGRESSO



Foi autorizada, pelo governa-
dor civil do distrito de Aveiro,
dr. Valle Guimarães, a reali-
zação de 3 a 8 de Abril do Con-
gresso da Oposição Democráti-
ca. O regulamento foi já aprova-
do pela Comissão Nacional do
Congresso que pretende a «dina-
mização da actividade demo-
crática», a «laboração de um
diagnóstico crítico da realidade
portuguesa» e a «definição das
linhas gerais de actuação demo-
crática». O Congresso apreciará

teses e comunicações que pos-
sam ser abrangidas pelos seguin-
tes temas: desenvolvimento eco-
nómico e social; estrutura e
transformação das relações de
trabalho; segurança social e
saúde; urbanismo e habitação,
cultura e juventude; desenvolvi-
mento regional e administração
local; organização do Estado e
direitor do homem; situação e
perspectivas políticas no plano
nacional e internacional.

OS TRÊS PILARES

Na sua mensagem de Ano
Novo, o Chefe do Estado, co-
mentando a situação interna-
cional, afirmou a dada altura:
«Após prolongadas tentati-
vas junto do sector do traba-
lho, nos primeiros anos de ac-
tuação e, mais tarde, junto das
chamadas elites intelectuais,
que não produziram todos os
resultados que esperava obter,
o comunismo, sem deixar en-
fraquecer as suas mais
terríveis armas, o fanatismo
dos seus agentes e a parti-
nância da sua acção, imaginou
subverter a igreja, a família e
a escola, três dos principais
pilares da civilização ocidental
e criatá. Na primeira, manejou

com mestria o progressismo e
fez dele seu cavalo de Tróia.
Na segunda, fomentou a con-
testação constante, a propósito
de tudo e de nada, e conseguiu
introduzir a discórdia e o desa-
cato, onde antes e normalmen-
te reinava a harmonia, o res-
peito e a estima mútuos. Na
terceira, e mediante um bom-
bardeamento maciço de propa-
ganda subversiva e pornográfi-
ca, apossou-se de parte da ju-
ventude, tornando-a aguerrida
e corrompendo-a profunda-
mente. Nestes três campos ob-
teve, infelizmente, êxitos in-
comparavelmente superiores
aos conseguidos anteriormente
noutros».

Recenseamento

Iniciou-se na terça-feira o
prazo de inscrição para o re-
censeamento eleitoral dos ci-
dadãos portugueses, com um
fraco movimento nas juntas de
freguesia. Como é hábito, a
grande afluência de pessoas
desejosas de se recensearem
apenas se manifesta nos últi-
mos dias do prazo, quer dizer,
lá para Março ou fins de Feve-
reiro. E isto acontece apesar
de não serem sempre
acessíveis a quem trabalha os
horários de muitas juntas de
freguesia, que fecham as suas
portas ao fim da tarde e à noi-
te. A inscrição como eleitor
faz-se mediante a apresen-
tação de um requerimento ao
presidente da Comissão Re-
censeadora Eleitoral do conse-
lho ou bairro em que se reside,
feito em duplicado, segundo o
modelo patente nas juntas, por
nós já divulgado.

Musicoterapia em conferência

Terminou o seminário sobre
Fundamentos Psicopedagógi-
cos da Musicoterapia, patro-
cionado pela Fundação Cal-
loute Gulbenkian, que durante
os três dias da sua duração
foi orientado pela professora
Juliette Alvin, presidente da
British Society for Music The-
rapy. Divulgou-se a execução
sonora como meio de expres-
são infantil, através de pales-
tras daquela professora, pro-
jecções de filmes, debates, co-
lôquios, etc.. Integrada no se-
minário, realizou-se uma visita
ao Centro de Reabilitação Cal-
loute Gulbenkian, da Asso-
ciação Portuguesa de Paralisia
Cerebral. Foram cerca de uma
centena os participantes, no-
meadamente, educadores mu-
sicais e infantis, professores
primários, pedagogos, profes-
sores de motricidade, etc.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO
UMA OPORTUNIDADE
PARA A SUA EMPRESA

MISSÃO COMERCIAL À DINAMARCA

DE 25-3 A 1-4-73

Com vista a facultar aos exportadores nacionais um conheci-
mento mais concreto das potencialidades do mercado dinamar-
quês, vai o Fundo de Fomento de Exportação promover a deslo-
cação a Copenhaga de uma missão comercial portuguesa. Es-
pera o F. F. E. poder constitui-la com representantes das
actividades industriais e comerciais de maior atractivo para
aquele mercado nórdico. Além de organizar e apoiar finan-
ceiramente a missão, o F. F. E., através da sua Delegação
em Copenhaga, presta assistência local aos seus membros,
com vista, justamente, ao estabelecimento de contactos a ní-
vel pessoal entre exportadores nacionais e importadores dina-
marqueses. Se está interessado em crescer, exportando com
rumo à Dinamarca — não hesite: contacte-nos até ao pró-
ximo dia 25 de Janeiro através de uma das direcções abaixo
indicadas.

Departamento de Relações Públicas e Missões Comerciais
Rua Camilo Castelo Branco, 2-3.º — Tel. 47928/59156 —
LISBOA-1

Delegação no Norte:
Rua Gonçalo Cristóvão, 128-1.º, Esq. — Telef. 380214 — PORTO

O TRÁFEGO TRIBUTADO

Entrará, dentro em breve, em vigor o decre-
to-lei do Ministério das Finanças que regula
os impostos sobre veículos automóveis ligeiros,
de passageiros ou mistos, assim como barcos
de recreio e aeronaves de uso particular.

Estabelecidos, para o efeito, quatro grupos
de automóveis, atendendo à sua cilindrada e
valor. O custo do imposto é também estabeleci-
do em função de três escalões de antiguidade
dos carros — até 5 anos, entre 5 e 10 anos
e com mais de 10 anos. Para os automóveis
de cilindrada até 1 000 cm³, custando menos
de 70 contos, ou menos de 1 500 cm³, sendo
a gasóleo, fica estabelecido que pagarão 300,
150 e 75 escudos consoante tenham, respecti-
vamente, menos de 5 anos, entre 5 e 10 anos,
mais de 10 anos. Os carros de cilindrada entre
1 001 e 1 750 cm³, de preço até 115 000\$00p
assim como os de gasóleo entre 1 501 e 2 000
cm³, pagam 500, 250 e 125 escudos anuais,
segundo o escalão de tempo referido. O tercei-
ro grupo é constituído por veículos entre 1 751
e 3 500 cm³, custando até 250 contos, e por
carros a gasóleo entre 2 001 e os 3 000 cm³
que serão colectados em 2 000\$00, 1 000\$00
e 500\$00 consoante a idade que têm. Os auto-
móveis com cilindrada que ultrapasse os 3 500
cm³ ou os de gasóleo com mais de 3 500
cm³ estão sujeitos a um imposto de 5 000\$00,
2 500 e 1 250\$00.

Para efeitos de tributação, são consideradas
os veículos matriculados ou registados no con-
tinentes e ilhas adjacentes ou, não se encontran-
do nesta situação, logo que decorram 180 dias
a contar da sua entrada em fronteiras portu-
guesas.



MELHORAR OS TRANSPORTES



Descongestionar o tráfego em algumas zonas urbanas e melhorar em rapidez e conforto os transportes públicos são dois dos principais objectivos do projecto de decreto-lei enviado pelo Governo à Câmara Corporativa, que irá dar o seu parecer sobre o texto.

O projecto, da autoria do Ministério das Comunicações, reconhece a inadequação das infra-estruturas básicas rodovias e ferrovias para comportar o crescimento acelerado do tráfego, qualquer que seja o modo ou o tipo de transporte encarado. Pretende-se agora conjugar os planos de transporte das grandes áreas urbanas com os respectivos planos urbanísticos, sobretudo no que se refere a Lisboa e ao Porto.

O transporte público, nomeadamente o colectivo, terá de constituir o principal meio de deslocação dentro das regiões urbanas dado o encargo menor, em custo de transporte e da área ocupada por passageiro, que representa face ao transporte particular. Para tal se propõe uma alteração do regime de prestação dos serviços de transporte público que proporcione rapidez e comodidade a preços socialmente compatíveis. Trata-se de criar vantagens que anulem o atractivo da utilização de veículos particulares para percursos servidos pelos transportes urbanos. A Administração exigirá às empresas a prática de preços abaixo do custo de produção — medida a compensar por meio de subvenções.

A PAZ E A OPINIÃO PÚBLICA

Na sua reunião com os órgãos da Informação, tida nas instalações da Casa da Imprensa, no passado 5, Raymond Goor chamou a atenção para a importância da opinião pública e a sua possível influência sobre o jogo político, quer a nível nacional quer a nível internacional. Relevou ainda o papel dos meios de comunicação, particularmente o jornalismo, na formação de uma ampla e preponderante opinião pública.

Convidado pela Comissão Nacional para a Segurança e Cooperação Europeias, o cónego belga Raymond Goor, chegou na quarta-feira a Lisboa.



POLÍTICA

OS TRANSPORTES

Tomámos conhecimento de que o Governo enviou à Câmara Corporativa, para o competente parecer, um projecto de decreto-lei sobre a política de transportes urbanos. E, em linhas gerais, o Executivo acaba por dar razão a muitas observações que têm sido feitas, inclusive neste jornal. Confessa-se, no preâmbulo do projecto de diploma, que a legislação existente sobre a matéria está desactualizada e não previu a evolução espectacular dos problemas de trânsito. O decreto-lei em perspectiva aborda aspectos de ordem geral e não especifica objectivos concretos. Parte-se do princípio da defesa de soluções «liberais»: não se proíbe o trânsito cidadão de transportes particulares-individuais, mas indicam-se medidas tendentes a «reprimi-lo»: limitação possível do parque de estacionamento, em contrapartida do aumento de transportes colectivos a preços «sociais». Sem um conhecimento exacto das tais medidas objectivas, resta-nos esperar que sejam criadas condições para que todo o esquema possa funcionar. É evidente que, nas actuais circunstâncias, o aumento do número de transportes

não é solução, talvez venha, até, a complicar ainda mais as coisas. O importante será atribuir, de facto, o primeiro absoluto ao transporte colectivo, tornando-o mais humano, barato, e acessível na acepção física do termo: levá-lo ao local onde as pessoas precisam dele. Outros aspectos, entretanto se encontram relacionados e exigem ponderação e soluções eficazes, com vista a evitar as maldadadas e infernais «horas de ponta». Para isso, não haverá outra solução que não seja a de diversificar os horários de funcionamento do comércio dos escritórios, da indústria e das repartições. E isto, com toda a certeza **terá de ser imposto**. Para já, parecerá a muita gente que a solução imediata mais simples seria a de interditar o trânsito, na zona vital da cidade (referimo-nos especialmente a Lisboa e Porto) aos veículos particulares e fixar horas de funcionamento para os transportadores de generos. Libertar a cidade, portanto, para o transporte colectivo. É certo que, antes disso, será necessário construir grandes parques de estacionamento nos subúrbios, levar os transportes até lá, sobretudo o metropolitano. Em linhas gerais, como dissemos, parece que tal solução está nas intenções do Governo.

A. PEREIRA DA SILVA

SOCIOLOGIA

VIVA A FAMÍLIA E SEUS LEGÍTIMOS ASCENDENTES

Sabem que com sete espadas é morto o dragão da droga? Com as sete espadas da meditação filosófica e humanista. Ou seja: «os jovens drogam-se porque o homem deixou de ser visto como um anjo vestido e se transformou no macaco nu de Morris West, mas o homem não é nenhum animal não senhores, é de origem divina, é um anjo vestido. Ensine-mos tal aos jovens e eles não mais se drogarão».

No entanto, dos males que percorrem o mundo há-de o ano dois mil esclarecer que a droga ainda pertencia à escala dos menores. Grande, grande mal é esse da destruição dos lares. E para tamanha vibora se volta o esforço indomável das famílias cristãs. O esforço das famílias cristãs e de todos aqueles que compreenderam que é na família que está a salvação da civilização, da cultura, do sistema socio-económico.

Nesta tarefa de fazer reportagens fui há alguns dias ao Instituto Alemão e ao Colégio do Sagrado Coração de Maria. Aí se ofereciam em colóquio alguns produtos. No primeiro local, um médico alemão especialmente convidado debatia o problema da droga com uma assistência de cem pessoas constituída por educadores, professores liceais... (era uma assistência largamente contente com o expositor — conforme manifestaram ao jornalista — muito embora já tenham visto macacos no Jardim Zoológico e anjos nos sonhos de Peter Pan). No Colégio do Sagrado Coração de Ma-

ria realizava-se a primeira de um ciclo de conferências sobre a família, promovido pelo Secretariado de Acção Pastoral. Este segundo público, mais numeroso, era constituído por casais de meia idade, padres, professores de moral... Lá se teciam considerações sobre a família como «essência constitutiva da pessoa», como «nós conjugal prometedor de valores», como... Lá se reagia ao pânico que as novas gerações provocam no seio familiar, à angústia de separação que os casais mesmo aqueles que se encontram em causas lentos experimentam, lá se exorcizavam os fantasmas da interiorização das estruturas da família no processo de acomodação de cada pessoa à sociedade dita ocidental e civilizada. Tudo num clima de quem não critica mas acrescenta novos pormenores à brilhante exposição do conferencista. «Vede como eles se amam!» Era o dia em que a família se sujeitava à análise filosófica e os participantes prometiam ir para casa tentar ser mais compreensivos. E que a família era constitutiva da pessoa, constitutiva, constitutiva!...

Dois exemplos dos produtos que se servem nos colóquios não frequentados pelos «lisboetas intelectuais».

No segundo local ainda foi alvitrado que se realizasse uma outra conferência — integrada no ciclo — mas dirigida por um jurista. E aparentemente tal estaria correcto, porque o direito não faz mal a nenhuma angústia de separação, antes, tal como a droga, a põe em estado de hibernação. Ou não serão as leis o terror dos instintos, posto em decreto? Mas nem isso...

A droga e a família não são objecto próprio para sociólogos nem para psicólogos. O produto que a sociedade segrega e que lhe responde ao pânico de perder o pé é precisamente o produto filosófico e o produto teológico. Isso mesmo. Idade Média!

FRANCISCO MENDES PEDRO

TEATRO

A MORTE DAS SALAS

Depois da crise (por todos referida) do teatro anuncia-se (manifesta-se) a crise do seu espaço de execução. É o caso da Maria Matos, do Avenida ou do Municipal de S. Luis. As salas fecham-se, tornam-se inúteis ou passam a ser utilizadas noutras actividades. O teatro adoece e morre? Ou será antes, que agonizam os seus espaços especializados, e tradicionais por causa do próprio teatro? Isto é, no teatro que se faz. Todos sabemos dos «condicionalismos» (-justificações) que o limitam: mas também sabemos daqueles que um certo teatro a si próprio se «impõe». A decadência (comercial) dos espaços usuais de representação surge assim como consequência natural e reveladora da «arte» que se pratica: a da organização do seu vazio.

O chamado teatro universitário (e, consequentemente, a sua capacidade de eleição de novos espaços de actuação) já não representa, hoje, uma «salida» para fora do marasmo teatral a que assistimos. Aliás, cabe perguntar se no actual momento, terá razão de existir publicamente, um «teatro universitário». Apoiando a dúvida está o aparecimento de um «pronto-teatro-independente» que, para lá dos problemas de linguagem, procura a valorização — muitas vezes impedida por uma legislação condicionadora do teatro edifício de novos locais de exercício. Assim se passa

e reciação a algumas experiências mais ou menos publicitadas. Não que se faça aqui um elogio da pobreza que, tantas vezes corresponde ao da mediocridade; pelo contrário. A cena comercial encontra-se em crise. Mas aquela que pretende aproximar-se mais do quotidiano e de uma eficaz comunicação, essa, ensaia agora os seus caminhos possíveis. Nela as nossas esperanças.

FRANCISCO NEVES

NÚMEROS

NORUEGA E PORTUGAL

Em 1971, as exportações da Noruega para Portugal apresentavam um saldo de 40 milhões de coroas que se calcula ter sido, no ano agora findo reduzido para 12 milhões. Aquele país nórdico nos anos de 1967, 1969 e 1971, importou mercadorias portuguesas no valor respectivamente, de 67, 92 e 116 milhões de coroas, com especial relevo nos sectores dos têxteis, calçado e do vinho. Nesses mesmos anos, importámos da Noruega, respectivamente, 87, 71 e 158 milhões de coroas. Em 1972, nos seus oito primeiros meses, as nossas importações tinham já para o valor de 116 milhões de coroas contra 128 das exportações.



ORTOLI SUCEDE A MANSHOLT

A comissão dos seis países do Mercado Comum reuniu-se pela última vez sob a presidência de Sicco Mansholt. A nova comissão da Europa por seu lado dos «Nove» reuniu-se ontem pela primeira vez em Bruxelas presidida pelo antigo ministro francês François-Xavier Ortoli. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)



CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A TODOS OS DIAS
MAIORES DE 21 ANOS DAS 15 AS 3 HORAS



INDIA ADAMS
VEGETA NORTE-AMERICANA DA RÁDIO E TV



JIRINA'S COMBO **ORPHEU'S QUARTET**
FERRER TRINDADE e sua orquestra

EDITH SAPPHIR SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

Remédio para a gripe: aspirina, cama e sumos

Somos todos capazes de pensar que os investigadores que têm levado a vida a tentar encontrar a cura para a constipação descobriram uns tantos remédios secretos. Mas não. Fazem como todos nós: sofrem.

«Aspirina, cama e muitos sumos», afirma o dr. George Galasso, chefe do departamento governamental encarregado de descobrir «algo» contra as constipações.

«O meu remédio secreto é o «Kleenex», gaceja, por seu lado, o dr. Bernard Portnoy, da Universidade do Sul da Califórnia e uma autoridade em vírus.

«Uma canja de galinha é uma coisa muito boa. Bebidas quentes, também. São muito mais saborosas e baratas do que uma imensidão de remédios contra as constipações existentes no mercado», declarou o dr. Sol Katz, da Universidade de Georgetown, a uma subcomissão do Senado encarregada de investigar a comercialização dos produtos farmacêuticos.

O dr. George Galasso, chefe da secção do «Instituto Nacional de Alergias e Doenças Infecciosas», anunciou, recentemente, ter posto de parte o seu programa com vista a obter uma vacina contra as constipações.

«Começamos a ver que existem muito vírus da constipação — para cima de cem — e pô-los todos numa vacina é uma coisa sem sentido», declarou aquele cientista.

«A nossa principal esperança reside, agora, em se conseguirem remédios capazes de pôr os vírus fora de combate», afirmou o dr. Galasso. «E neste campo que o Instituto das Doenças Infecciosas está a fazer incidir, com maior insistência, as suas investigações, mas ainda não descobrimos nenhum que nos leve a gritar:

«Eureka, eureka, cá está!», acrescentou.

Isto faz pensar que as antihistaminas, a aspirina, os descongestionantes e outros aliviadores dos sintomas pouco adiantam para uma cura de facto.

Há muitos cientistas, porém, a serem de opinião que não é contra-indicada uma judiciosa utilização daqueles produtos, a não ser para as pessoas, aliás muito poucas, alérgicas à aspirina, por exemplo. Mas, insistem eles, não nos devemos esquecer de que nenhum daqueles produtos cura a constipação, mas apenas os sintomas.

O facto de não fazerem mal não significa, necessariamente, que sejam precisos, ou, de igual modo,

necessitar de todos os produtos neles combinados», afirmou o dr. William L. Hewitt, director da Divisão de Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

«Os doentes devem evitar as combinações fixas, a não ser que necessitem de todos os ingredientes», acrescentou aquele cientista.

Alguns daqueles produtos contêm a quantidade de aspirina a tomar em quatro horas, mas o doente que engoliu o comprimido pode meter para o organismo uma dose maior de antihistamina do que aquela de que necessita de quatro em quatro horas, isto se admitirmos que precisa mesmo de antihistamina», declarou, ainda,

com os pelos das fossas nasais, encarregados de as manterem limpas de mucus e impurezas. Os descongestionantes, se usados regularmente, podem afectar as delicadas paredes internas do nariz.

Ao contrário de muitos outros médicos, o dr. Adams é de opinião que se não deve tomar aspirinas, a não ser que a temperatura exceda os 40 graus. Alega que a febre constitui uma resposta natural que provoca a produção de «interferon», que é um poderoso destruidor de vírus. Se a febre for suprimida pela aspirina, o «interferon» perde muito da sua capacidade de actuar.

O dr. Adams escreveu, há doze anos, um livro em que afirma que muito daquilo a que o povo chama constipações o não é, de modo nenhum. Os sintomas das pretensas constipações podem ser devidos a uma infecção provocada pelos vírus responsáveis pelo sarampo, a poliomielite, a amigdalite e outras doenças de origem vírica.

O dr. Adams faz notar que o mesmo vírus pode causar diferentes doenças, assim como, em contrapartida, muitas viroses diferentes podem causar os mesmos sintomas clínicos — tais como os da constipação, por exemplo.

Exclusivo

«The Los Angeles Times» «DL»

que consigam fazer tudo aquilo que os respectivos fabricantes afirmam que sim.

Em Julho passado, numa lista elaborada pela Academia Nacional das Ciências (U.S.A.) e o Conselho Nacional de Investigação, em que se ajuizava do valor dos produtos contra as gripes e constipações, exprimiase um grande ceticismo quanto a 27 dos nomes incluídos, especialmente a respeito daqueles que incluíam mais de um ingrediente. Existem, por exemplo, muitos produtos que podem ser tomados sem prescrição médica e que contêm aspirina, um antihistamínico e um descongestionante.

«O problema de tais remédios reside no facto de um indivíduo nem sempre

o dr. Hewitt.

Aquele cientista opõe-se, também, à desnecessária administração de aspirina a pessoas que tenham úlceras ou problemas com os intestinos. Razão: a aspirina irrita o estômago.

«Ficaria surpreendido se visse quantos doentes de úlcera nos aparecem a dizer que têm estado a tomar aspirina. Estamos convencidos de que os indivíduos com tendência para a úlcera devem evitar a aspirina», afirmou o dr. Hewitt.

O dr. John M. Adamn, professor de pediatria na Universidade de Califórnia, em Los Angeles, tem muitas reservas a fazer tanto em relação à aspirina como aos descongestionantes. A sua objecção a estes últimos assenta em que intrefere

Cursos agrícolas

Começam a funcionar no próximo dia 23 mais dois cursos de Iniciação Agrícola, nos Centros de Formação Profissional de Pegões e de Benavila, Avis, numa organização da Junta de Colonização Interna.

Na segunda quinzena de Fevereiro terá lugar um curso idêntico no Centro de Formação Profissional da Gafanha-Aveiro.

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO RECOMENDA OS SEUS ESPECTÁCULOS:

TEATRO Telef. 86475c

LAURA ALVES

Rua da Palma
HOJE: ÚLTIMO DIA
«MATINÉE» 16 H.
NOITE 21.45 H.

Um bom espectáculo de teatro
a peça de Henry Denker

O PRINCÍPIO E O FIM

Elenco
por ordem de diálogo
JACINTO RAMOS—LIA GAMA — LIGIA TELES — COSTA FERREIRA
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
4.ª FEIRA: ESTREIA NO TEATRO SA DA BANDEIRA
GRUPO D - M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037

VARIEDADES

HOJE: «MATINÉE» 16 H
NOITE, 21.45 H

4.ª-Feira: Descanso
ÚLTIMOS DIAS
na divertida comédia

A CASA DOS COMUNS

com
SIMONE e CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
LUIS ALBERTO
ALDA PINTO
DARIO DE BARROS
e a colaboração especial de
JOAQUIM ROSA

20.ª SEMANA

GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586

VILLARET

HOJE: «MATINÉE» 16 H
NOITE, 21.45 H

Amanhã:
Descanso da Companhia
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia

SUA EXCELÊNCIA O RENDURA

com
DORA LEAL
a revelação da temporada
na estreia de
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUIS SANTOS

e a participação de
MARIA PAULA

5.º MÊS

GRUPO C — M/14 anos

TEATRO Telef. 327493

CAPITÓLIO

HOJE «MATINÉE» 16 H
NOITE: 2 SESSÕES
20.45 E 23 H
AMANHÃ: 21.45 H

Um «COCKTAIL» de gargalhada
UMA COMEDIA INGLESA com
FLORBELA QUEIROZ

Sexo, nunca! somos britânicos...

(no sex please, we are British)
colaboração especial
IRENE ISIDRO
e pela 1.ª vez em comédia
OCTÁVIO DE MATOS
ENCENAÇÃO de
M.ª HELENA MATOS
CENAS de
OCTÁVIO CLÉRIGO
Grupo D — 18 anos

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

Procura-se o Diabo. Presentemente na Terra. Paga-se bem.

Trazido talvez pelas ondas do oceano espalhou-se por aqui certo organismo, dividido em cursilhos, que despertam em mim um absurdo desejo de sofrer, e nos quais, para me explicar melhor, e usando uma expressão de Fittipaldi — entendo que se trata de um catolicismo envenenado.

Meses atrás, não, creio mesmo que devo dizer há um ou dois anos, narrei, nestas colunas, as aventuras de um meu amigo cursilhista que acabara de se submeter a um ritual idêntico ao das iniciações maçônicas, ao som de marchinhas de carnaval, deturpadas.

Nesse tempo os cursilhos estavam dando os primeiros passos, mas agora (neste Brasil que tanto gostava de experimentar novas seitas) estão florescendo cursilhos de cidade em cidade. Até nas recentes eleições, classe C (isto é, regionais), houve muito candidato que se confessou orgulhosamente cursilhista. E foi eleito.

Padre nosso...

Mas há cruzeiros e calvários em todos os caminhos. Hoje, os cursilhistas, embora apoiados por alguns bispos, estão sendo perseguidos pelos gritos de guerra de certo Percival, de espada erguida, à frente de um exército mercenário que fica nas esquinas da incerteza humana, erguendo altos estandartes vermelhos com três palavras de ouro: Deus, Pátria, Propriedade, e que tem como teológica a defesa dos bens terrestres.

Há certas expressões que para o D. P. P. são demoníacas tabus. Só de ouvir falar, por exemplo, em reforma agrária, logo cai em transe de histerismo.

O actual e profícuo Governo do Brasil na sua lucidez, chega a evitar a expressão, e prefere caminhos mais longos, mas que não foram de imediato as susceptibilidades do D. P. P. Mesmo assim este não deixa de estar alerta. Tão alerta que não gostou de certos pontos de vista do cursilhismo que já considerando — de marxistas. E ao lado do D. P. P. surgem, por sua vez, outros bispos, não, é claro, aqueles que apoiam o cursilhismo. Pois há duas espécies de bispos. Uns mais para cá do que para lá. Outros mais para lá do que para cá. Um cá e um lá ambigualmente confusos.

Mas, felizmente, tudo não excede jornaizinhos especializados, ou sermões (onde não há a retórica do mestre padre António Vieira) ditos em púlpitos ante crentes distraídos.

Aceto tudo, como sabem. Não sou católico. Mas se o fosse não andaria metido nem com cursilhistas, nem com D. P. P. E certo que também não pertenceria ao Exército da Salvação, que aliás nada tem de católico. Como não faria parte do Testemunho de Jeová. Nem andaria atrás desses gurus com teorias de meditação transcendental. Muito menos iria, com os generosos praticantes de Umbanda, ver nascer o ano de 1973, no imenso litoral do Brasil, com metade da sua população, ali, e nas margens de todos os rios e lagoas, só para sentir na brisa matutina a mágica presença de Iemanjá. Não. Se o faço, às vezes, é por curiosidade...

Avé-Maria...

Mesmo assim, creio em Deus. E por isso confesso que estou inteiramente ao lado de Paulo VI quando o Sumo Pontífice, em 15 de Novembro, afirmou convictamente que o Diabo existe e é um ser vivo, com presença física, sendo ao mesmo tempo perverso e perversor, na sua qualidade de inimigo n.º 1 da Humanidade.

AQUI ESTOU!



Sinal da Cruz

Ora, Deus louvado! — se o Diabo está na Terra, parece-me a mim, no meu humilde discernimento, que se torna fácil a sua identificação. O Diabo está entre nós? Na verdade, se viajasse clandestino já teria sido preso pelas inúmeras polícias do Mundo. Que nome usa? Que disfarces utiliza? Qual a sua aparente nacionalidade? Que posto ocupa? Então, é só agir.

Segundo o teólogo Gino Concetti, do «Osservatore Romano», num dos últimos domingos de Dezembro, enquanto não se eliminava Satanás: «Não há mais espaço para a distinção entre o bem e o mal, entre o lícito e o ilícito, entre a luz e as sombras.»

CONVITE: A baronesa de Chimanto convida familiares e amigos para o velório do seu esposo no seu Palácio da Gávea.

Hoje não há mais velórios. Ainda nos seus primeiros tempos de Rio de Janeiro fui convidado a tomar parte em alguns. Sei de velórios famosos. O leitor, se é lido em Manuel Bandeira, conhece por certo a descrição do velório do célebre sambista Sinhô.

Diariamente morria gente graúda. Políticos, conselheiros, capitalistas. O velório fazia parte da vaidade burguesa. Entrava-se com um falso ar compungido, diziam-se à viúva as palavras do estilo, e depois era comer, beber, rir, contar anedotas, dizer mal do defunto e, se possível, tentar um namoro que podia acabar em casamento. Isso explica-se. Meninas não saíam de casa a não ser na companhia dos pais. Os teatros fechavam cedo. Não havia vida nocturna.

A solução para boémios, poetas e jornalistas mal pago, consistia em descobrir qual deveria ser o mais bem fornecido velório da noite. Felizmente, nesses tempos remotos, morria-se muito.

Tudo isso acabou. Hoje, mal se dá o último suspiro e já o corpo é carregado às pressas, levado para uma depen-

dência do cemitério, avisando-se nos jornais da hora em que a Terra há-de comer o nosso pranteado, etc., etc.

Foi por isso, com surpresa, que nos últimos dias de Dezembro, recebi convite para o velório do milionário Arquimedes Salvaterra, que, em Palermo, morrera do coração, e agora voltava, via aérea, numa urna de luxo com tampa de cristal, para junto da inconsolável viúva, a baronesa Chianca, que o esperava, chorando, naquele palacete da Gávea onde tinham gozado vinte e cinco anos de amor e abundância...

Não eram casados, é certo. Mas como se fossem, entendem? O melhor da sociedade carioca frequentava os seus salões. E ninguém faltara.

Havia um monumental serviço de frios, e o «whisky», escocês de verdade, corria fácil. A baronesa. Toda de negro, dava a mão a beijar. Beije!

Todos estavam lamentando que a noite corresse tão depressa, pois a saída do corpo estava marcada para as seis da manhã, quando, de surpresa, entrou a Polícia. Já sabem como é:

— Que ninguém se mexa. Braços no ar. O cadáver é nosso!

... Guardas por todos os lados. Terror. — Meu Deus, que é isto?

A baronesa desmaia.

Carregam a urna, que parte ladeada por agentes empunhando metralhadoras...

— Mas prender um morto? E um morto importante como o Arquimedes? Acusado de quê?

Ninguém podia explicar. A verdade vim a sabê-la hoje. Em Palermo o corpo do desditoso milionário tinha sido aberto, no ventre, de alto a baixo. Esvaziado. Depois recozido. E lá dentro estavam encerrados trinta mil dólares de heroína.

Que, de facto, foram encontrados.

Mas vejamos como vai o Mundo. Agora há quem diga que a baronesa tinha ligações com a Mafia em Palermo, e que o corpo do Arquimedes fora o necessário recurso para que a heroína, viajando de cadáver em cadáver, acabasse chegando a Nova Iorque.

A venda, em qualquer livreria o volume de Baptista Bastos «Cidade Diária».

Um dia, não sei já porquê, aquele Alvaro Gomes, tradutor de legendas de filmes (a que se refere Baptista Bastos, no livro «Cidade Diária» mandou-me, de Lisboa, notícias de um grandalhão de alma lírica que tinha escrito um livro. Livro esse que eu, afinal, já recebera, e tinha por título «Passo da Serpente». Lera-o, confesso, com certa desconfiança.

Aquela desconfiança de que fala Arnaldo Saraiva ao considerar que, em Portugal, vanguarda quer dizer apenas moda, novidades, coisas assim fortuitas.

Anos depois, isto é, em 1970, Baptista Bastos de novo se lembra de mim, enviando-me «Palavras dos Outros», livro de que falei nestas colunas.

Mas agora, depois de ter recebido em Dezembro de 1972 a «Cidade Diária», resolvi confrontar os dois volumes.

No primeiro, ele quis ouvir os outros, para conhecer o mundo. No segundo, resolveu conhecer-se a si próprio, quando descobriu ser dois.

E, nesses dois, um é chuva, é sol, é lama, é amor, é rua dos canos, — enquanto no outro é a busca impossível de um miúdo «sensível e unânime, que já não é, que está cancelado, que é hoje um vago e confuso senhor português, a procurar e a talvez não desejar encontrar esse miúdo». Mas o menino não se perdeu. Está em tudo que é Lisboa. E está nele o autor, porque ele é também Lisboa.

desde que Cesário Verde escreveu «Sentimento de um Ocidental» (1888) nunca ninguém como Baptista Bastos, aprendeu a ser Lisboa. Lisboa angustiada e triste. Lisboa cántico, clamor, ladainha. Lisboa à beira do Tejo. Lisboa de poetas, Lisboa do povo. Ou, como ele diz: — «nesta aritmética de existir, neste berro e neste silêncio, nesta manhã que se aproxima, aqui e sempre, ignorado por ti, aqui me encontro, Lisboa».

Hoje e sempre, ele mesmo. Sempre Lisboa.

Recado

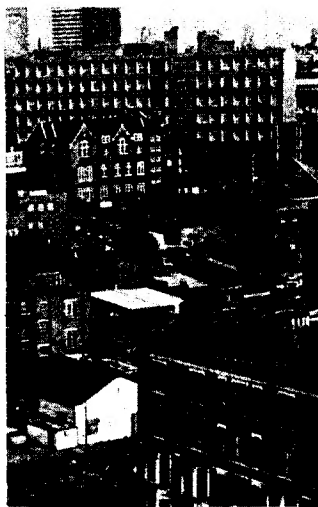
Das mãos do autor recebi agora a novela «Sedução» a que fiz referência aqui mesmo por obra e graça de Arnaldo Saraiva. Respondi-lhe, hoje, um pouco ao acaso. Puz apenas no sobrescrito: Para José Marmelo da Silva: Espinho.

Creio que dá pé. Por certo em Espinho ele é tão conhecido como o é pelo resto do País por todos os maiores da crítica literária.

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28-Ap. 908-Copacabana — G. B. BRASIL

LONDRES:

A FACHADA E O RESTO



Por NUNO GOMES DOS SANTOS

Londres, com sol e uma temperatura muito suportável, foi invadida por turistas das mais variadas proveniências na semana que mediu entre o Natal e o fim-de-ano. Nas ruas, nas escadas rolantes do «metro», nas lojas de Carnaby, nos armazéns de Oxford Street, mal se ouvia falar de inglês. Em contrapartida, o português era moeda corrente no ruído da cidade. E

claro que, para esta situação, muito contribuiu o facto de os ingleses falarem normalmente baixo e os portugueses não terem, em regra, esse salutar costume.

Para quem já conhecia a cidade, Londres apresentava-se, na quadra, com os espaços verdes enriquecidos por uma espécie vegetal que só se dá bem nesta época do ano: a árvore de Natal. Nos jardins públicos, nas lojas, nos quadradinhos de relva dos bairros da periferia, a árvore de Natal lá estava, a lembrar muitas coisas, das quais a menos importante não será o facto de haver muito para vender,

nas lojas de qualquer ramo, algures por toda a cidade.

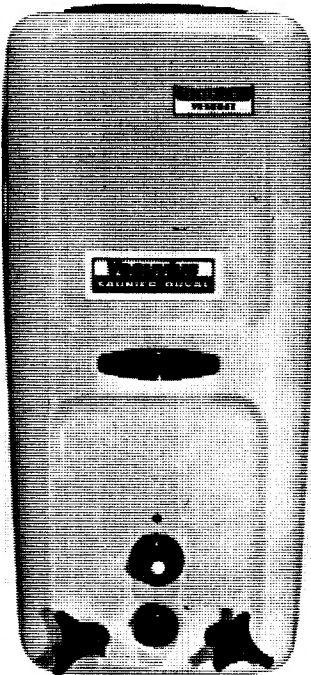
Portugueses de chapéu cinzento na cabeça e mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo, japoneses de meia-idade e sorriso indistinto na dentadura quadrada, indianos engravatados, ingleses (que também os há por lá) e inglesas para todos os gostos, velhas de chapéu na cabeça, novas decotadas como quem deita a língua de fora ao frio: toda esta multidão se move em redor de muitos cinemas, inúmeras lojas, outros tantos «pubs», 52 teatros e muita coisa para viver.

Esta a impressão que fica

para quem vê de fora. Por dentro da cidade, escondido pela fachada das lojas com artigos do Afeganistão e outros, o trabalho organizado, as horas certas para tudo, os problemas que não nos tocam a nós, que estamos de passagem, mas que existem e são prementes.

Fica-nos, portanto, a fachada. Só que há sempre uma certa relação entre ela e o que está por detrás. Talvez seja por isso que vale mesmo a pena ir a Londres. Outros ares, claro.

esquentador
Vesuvius
SAUNIER DUVAL



Vesuvius
SAUNIER DUVAL

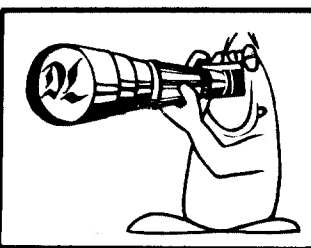
abriu
correu
aqueceu

NA COZINHA
sempre que é preciso
água quente

PARA O BANHO
sempre que é preciso
água quente
instantaneamente...
água quente!

Vesuvius
SAUNIER DUVAL

com



A SEMANA

Construção civil mais cara

O índice do I.N.E. (base, 100, Março de 1949) indica que o custo da construção civil, no continente e ilhas, se mantém em constante subida, com um agravamento de 14,9 pontos nos prédios com três pavimentos e dois fogos por pavimento, no período compreendido entre 30 de Setembro de 1971 a 30 de Setembro passado.

No terceiro trimestre de 1972, segundo ainda o I.N.E., foram passadas 9.302 licenças para construções novas, no continente e ilhas (mais 1 216 que em igual período de 1971). Relativamente a Lisboa, o número de construções novas autorizadas no 3.º trimestre deste ano, foi de 46 (menos 32 que em 1971) das quais 44 se destinam à habitação, e duas à instalação de indústrias.

Não temos espaço para discutir o complexo problema da construção civil e as causas que levam ao seu encarecimento. Nem é esse, digamos de passagem, o propósito do nosso apontamento. Apenas tentaremos aforar uma pequena mas importante parte da questão, com uma única pergunta: quem vai pagar o agravamento dos preços da construção civil? Calculamos quem será e nós, que também pagamos renda, já sentimos um estranho arrepio de desconforto.

RECENCEARMO-NOS É UM DEVER DE TODOS

Começaram no passado dia 2 e decorrerão até 15 de Março, as operações do recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional.

Quer isto dizer que se devem recensear no período indicado todos os cidadãos portugueses de ambos os sexos, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português e não estejam abrangidos por alguma das incapacidades previstas na Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946 e, ainda, dos que, embo-

ra analfabetos, hajam sido anteriormente recenseados, com fundamento no regime que vigorou até à publicação da Lei n.º 2.137, de 26 de Dezembro de 1968.

Vai, pois, aproximar-se mais um acto eleitoral. É necessário que todos estejamos nele, sejam quais forem as nossas convicções ou credos. A abstenção é a mais clara das faltas de dever cívico mormente numa altura em que se pretende habituar um povo a algo que o levaram a esquecer: o direito de voto. Além de que a irresponsabilidade de uns tantos sempre acaba por criar o desânimo na mente de outros tantos, quando o que se torna necessário é encarar aquilo a que se chama futuro com a consciência de uma plena força colectiva.

SOBE O PREÇO DO VINHO

A batata e o vinho aprestam-se para galgar as fronteiras dos seus actuais e já nada convenientes preços. Porque a produção foi mais escassa do que a do ano passado, porque o produtor exige maior rentabilidade, por isto e por aquilo, a verdade é que os preços nunca baixam, nunca estabilizam. No caso do vinho — e o facto tem ressonância por sermos considerados um dos maiores produtores mundiais — o aumento de preço por litro começa a ganhar foros de «escândalo», sobretudo se nos lembrarmos que ainda há relativamente curto tempo se autorizou uma subida substancial. Por este caminhar, não tarda que paguemos o vinho ao preço do champanhe, ou que, dada a equiparação de preços os bebedores de vinho passem a preferir acompanhar as refeições com o belo e dourado espumante. O pior é que a solução não surgirá por aí. O pior é que o vinho, além de caro, nos chega à mesa abastardado. O pior é que não se parece conseguir, nem uma contenção de preços, nem melhorar a qualidade. Então, onde vamos parar?

JOSUÉ DA SILVA



BARBA, CABELO INFLAÇÃO

Os barbeiros também subiram os preços do corte de cabelo e daí que nem todos possam ir ao tradicional «baeta» alindar a cabeça. Então, recorre-se à tesourada caseira, que mais acima mais abaixo, remedeia a questão e sai mais barata. O nosso camarada Rui Pacheco viu a cena junto da Rotunda da Encarnação e não resistiu à tentação de apontar a objectiva. Comentário da mulher-barbeiro: «**Ponha lá no jornal que não se pode ir ao barbeiro e que eu cá me ajeto a cortar os cabelos da casa.**» Para preços altos e cabelos compridos, o remédio está à vista. Tesourada cá, tesourada lá e pronto.

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK
BALTIMORE
NORFOLK

Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça a moderna e rápida motonave espanhola

« GALEONA »

em 15 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

LISBOA - 2

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV

ADM. UNIVERSIDADE

MAIORES DE 25 ANOS — PREPARAÇÃO INTENSIVA

EXTERNATOS

São Vicente

Rua do Paraíso, 28
Tel. 664100

Marquês de Pombal

Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21/83 46 58

Álvares Cabral

Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74/5

LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS



D. ALDA DO QUENTAL CALHEIROS VIEGAS LEITÃO

MISSA DO 7.º DIA

O Conselho de Administração de VICTOR GUEDES — INDÚSTRIA E COMÉRCIO, SARL, e os demais Corpos Gerentes cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu querido amigo e colega Paulo de Almeida Leitão, e que pelo seu eterno descanso será mandada dizer missa do 7.º dia, na Igreja do Sacramento (ao Chiado), amanhã, dia 8, pelas 12 horas.



D. ALDA DO QUENTAL CALHEIROS VIEGAS LEITÃO

MISSA DO 7.º DIA

Paulo de Almeida Leitão, filha, genro, neto e mais família participam que amanhã, dia 8, às 12 horas, na Igreja do Sacramento (ao Chiado) será celebrada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.



D. ALDA DO QUENTAL CALHEIROS VIEGAS LEITÃO

MISSA DO 7.º DIA

O pessoal de VICTOR GUEDES — INDÚSTRIA E COMÉRCIO, SARL, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu Administrador Paulo de Almeida Leitão, e que pelo seu eterno descanso será mandada dizer missa do 7.º dia, na Igreja do Sacramento (ao Chiado), amanhã, dia 8, pelas 12 horas.



O ÁLCOOL E A DROGA

«A toxicomania nos Estados Unidos — dizia o presidente Nixon em 17 de Junho de 1971 — tem agora o aspecto de uma catástrofe nacional. Se não pusermos fim a este flagelo, será ele que dará cabo de nós.» Depois desta declaração de guerra, cada dia que passa traz a sua colheita de novos casos: prisão de «passadores», de revendedores, de traficantes, descobertas de redes de distribuição, de «stocks», de laboratórios clandestinos; ainda há pouco, julgamento em apelo de Ange Simonpieri, morte de um general mexicano na Santé, caso Christian David e processo Ricord em Nova Iorque... O «flagelo» vai ser vencido?

Há três maneiras de o combater. Em primeiro lugar, cuidar, desintoxicar os drogados, opor uma activa contra-propaganda no âmbito da expansão da toxicomania: é evidentemente necessário, mas é agarrar-se aos efeitos sem remediar as causas. Em seguida, dar caça aos traficantes, destruir as suas redes, isolar os locais de produção dos países consumidores: está bem, mas é ainda insuficiente. Seria preciso, e isso seria ainda melhor, evitar ou, pelo menos, controlar estreitamente a cultura da papoila dormideira, fonte do ópio do qual são extraídas as drogas «duras», as mais perigosas e as mais difundidas, a começar pela mais temível dentre elas, a heroína. Ao fim e ao cabo, não têm os Estados Unidos.

Os meios de extirpar, de uma vez para sempre, a raiz do veneno?

A resposta é: não. Esta resposta negativa, formulada na categoricamente dois inquiridores no termo de uma minuciosa investigação através do mundo. Uma jornalista, Catherine Lamour, e um economista da Universidade de Paris que se assina Michel R. Lambert, percorreram todos os locais em que brota a papoila dormideira, todos os locais onde se produz o ópio ou se transforma o mesmo em morfina e, depois, em heroína. Seguiram os seus caminhos secretos até Nova Iorque, Genebra, Marselha e Paris, até aos infelizes que são suas vítimas. Consignam, num livro que acaba de ser publicado e fará ruído, «As Grandes Manobras do Ópio», as suas observações e as suas conclusões.

São formais: a repressão do tráfico malogrou-se quase inteiramente; a inter-

dição da cultura da papoila dormideira malogrou-se totalmente; não há praticamente nenhuma esperança de estancar a fonte do ópio, nenhuma esperança de evitar que a heroína chegue aos drogados. O «flagelo» é quase incrível.

Um saquinho contendo cinco miligramas de heroína pura adicionada de lactose, uma «dose», é vendido na rua, em Nova Iorque, ao preço de cinco dólares. Assim repartido, o quilo de heroína atinge o preço fantástico de um milhão de dólares. Ora, a matéria prima necessária para fabricar esse quilo de heroína, isto é, dez quilos de ópio em média, foi paga ao camponês tailandês ou turco que cultiva a papoila dormideira por 500 dólares, no máximo. Entre estes 500 dólares de compra e o milhão de dólares de vende corre a cadeia de traficantes.

Um investimento inicial multiplicado por dois mil: é um bom investimento. Se se acrescentar que só o mercado americano consome anualmente 10 a 15 toneladas de heroína pura, o que representa um «volume de negócios» da ordem dos 10 a 15 biliões de dólares (aproximadamente 2 milhões 650 mil contos a quase quatro milhões de contos), compreende-se o motivo por que o comércio da droga recruta incessantemente novos participantes e procura incessantemente alargar a sua influência, estendendo-se a outros países desenvolvidos. Compreende-se, também, por que é que pode desviar uma parte desta enorme volume de lucros para praticar a corrupção numa grande escala e comprar todas as necessidades necessárias.

Em face desta indústria

poderosa, o Estado federal americano põe em acção dois serviços, a Repartição dos Narcóticos e Drogas Perigosas (B.N.D.D.) e um sector das alfândegas, dotados, em conjunto, com 315 milhões de dólares de créditos para 1972. A partida não é igual: é David contra Golias. Assim, o encaminhamento do ópio e dos seus derivados para o consumidor não pode ser interrompido: os próprios serviços encarregados da repressão calculam que 90 por cento das entregas chegam ao seu destino. Se o Líbano, placa giratória de escoamento do ópio do Próximo Oriente graças ao porto franco de

Beirute e ao segredo bancário, for «queimado», de Marselha, grande centro de transformação, se tornar menos seguro, arranjar-se-ão as coisas em Amsterdão, no Paraguai, no Panamá ou no México, para as necessárias fases do negócio. Os avisados comerciantes chineses do Sudeste da Ásia, os cultivadores dos confins afgã-paquistaneses, recrutam já por bom dinheiro os químicos capazes de instalar, nos próprios lugares de produção, refinarias meio clandestinas. A alma do comércio é a arte de se adaptar às circunstâncias, e este comércio sabe viver com o seu tempo.

A produção mundial de ópio oscila, conforme os anos, entre 2000 e 3000 toneladas. Cerca de metade é utilizada na indústria farmacêutica. O resto é absorvido pelo mercado da droga, em primeiro lugar no Próximo Oriente, onde o consumo é importante, e, em seguida, na América e no resto do mundo.

Só por si o «triângulo de ouro», essa «região das três fronteiras» da encruzilhada do Laos, da Birmânia e da Tailândia, produz todos os anos o ópio suficiente para

fornecer o mercado americano durante dez anos. No Pachtunistão, nos confins do Afeganistão e do Paquistão, onde a cultura da papoila dormideira é estritamente controlada pelas autoridades, a colecta oficial permitiu reunir o ano passado oito toneladas de ópio para uma colheita avaliada em 200 toneladas. Esta região ainda não abordou as margens do dólar, mas isso não deverá tardar, porque será necessário substituir o maior produtor, e a melhor qualidade, a Turquia, onde noventa mil famílias vivem da papoila, pelo que se podia dizer que ela era «o petróleo da nação». De facto, o governo de Ancara, cedendo às fortes pressões americanas, acaba de interditar a sua cultura. Porém, levantam-se já os protestos contra a insuficiência das compensações financeiras obtidas. Convém não se cantar vitória demasiado cedo, como aconteceu com o caso do Irão, em 1955, quando este país tomou a mesma medida, porque, treze anos mais tarde, o Irão decidia retomar «provisoriamente». A produção da papoila é de desenvolvê-la até:

Assim, é o desaire. Mas um desaire de que nós, franceses, não temos o direito de trocar.

As contas do álcool têm sido feitas centos de vezes. No passivo da nação, 7 biliões e meio de francos — avaliação média e moderada que compreende aquilo que é calculável: as despesas específicas da segurança social e dos hospitais (aonde o alcoolismo custa oito vezes mais do que uma doença corrente, mesmo que seja tratado como um mal clássico), os acidentes de viação e de trabalho; porém, como contar os mortos, os sofrimentos, as vidas despedaçadas, as crianças inferiorizadas?... No activo do Estado, os impostos e as taxas sobre o álcool, ou seja um bilião e meio de francos, e os impostos antecipados sobre as actividades económicas ligadas ao álcool — mas que, para o essencial, seriam recuperadas noutras rubricas fiscais — ou sejam 2 biliões e 100 milhões de francos.

Um bilião e meio de um lado, 7 biliões e meio do outro, sem contar com o «pretium doloris» e a hereditariedade.

**LISBOA
PORTO
VIGO**

**2
ligações
diárias
durante
todo o ano**

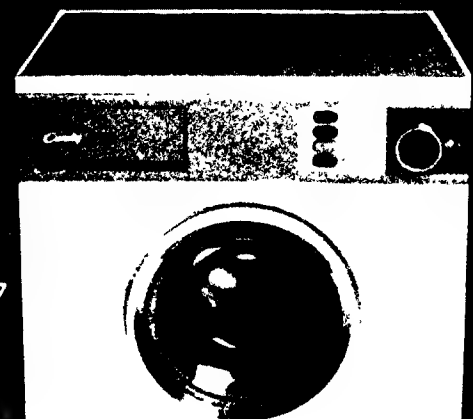
**Caminhos
de Ferro
Portugueses**

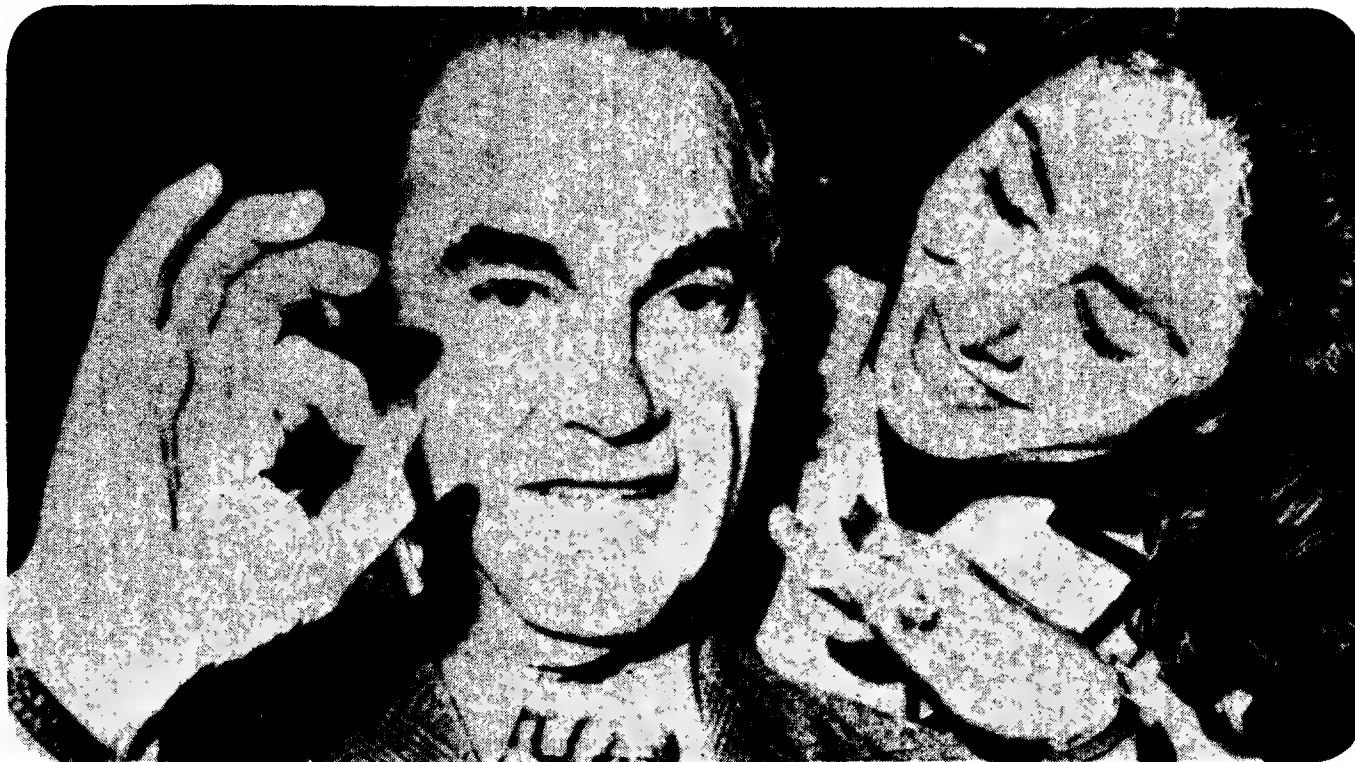
**+ FÁCIL
+ AUTOMÁTICA
+ ECONÓMICA**

maquina de lavar roupa

Candy

a única com economizador





O governador do Alabama George Wallace acena dizendo que está tudo «OK» antes de se dirigir a uma assembleia de industriais em Montgomery



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

TAXAS DE JURO

DEPÓSITOS A ORDEM
(pessoas individuais)

Até 50 contos

3% ao ano

No excedente a 50 contos

1,5% ao ano

DEPÓSITOS A PRAZO
novas condições
(entidades privadas)

6 meses renovável

5,25% ao ano

Superior a
1 ano, renovável

5,75% ao ano

Importâncias múltiplas de 1 000\$00
com o mínimo de 10 000\$00.

Os actuais depósitos a prazo de 1 ano, renovável, e a prazo de 15 meses, renovável, quando da sua renovação passam ao novo regime de depósitos a prazo superior a um ano.

Os juros dos depósitos estão isentos de quaisquer impostos nos termos da lei.
O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

A Festa da Epifania comemora-se hoje

A festa da Epifania, que é comemorada neste fim de semana por todas as igrejas cristãs do mundo, tem sido, ainda mais do que o Natal, objecto de controvérsia.

O seu nome deriva de uma palavra grega, «epiphaneia», que significa «manifestação».

Segundo o antigo ritual cristão, a festa comemora a «manifestação de Cristo aos povos», que ocorreu quando os magos chegaram ao estábulo em Belém.

A narrativa do acontecimento vem no capítulo segundo do evangelho de São Mateus — e o facto não é mencionado em qualquer outro texto bíblico. São Mateus diz que, pouco depois do nascimento de Jesus, «alguns homens que estudaram as estrelas vieram do Oriente até Jerusalém, e perguntaram: Onde está aquele que nasceu para ser o rei dos judeus? Vimos a sua estrela quando surgiu no Oriente e viemos para o adorar».

São Mateus prossegue, dizendo que os homens do Oriente localizaram finalmente Jesus, seguindo a estrela, a qual «ia à frente e parou sobre o local onde se encontrava a criança».

«Entraram e viram a criança com Maria, sua mãe. Ajoelharam e adoraram-no. Abriam então os sacos e ofereceram-lhe as suas dádivas, ouro, incenso e mirra.»

Isto é tudo o que o Evangelho diz sobre o assunto.

Todavia, a imaginação dos fiéis embelezou ao longo dos séculos esta simples história com profusos pormenores.

Por exemplo, decidiu que eram três os visitantes quando no evangelho não se indica o seu número. Descreveu-os como «sábios» no sentido de astrólogos — e como reis do Oriente. Deu-lhes nomes — Gaspar, Melchior e Baltasar — e estabeleceu que Gaspar oferecera o ouro, Melchior o incenso e Baltasar a mirra.

Posteriormente, uma nova adaptação, que data da idade Média, revela que Gaspar era negro.

Não há qualquer base bíblica que justifique estes pormenores. Há, todavia,

uma certa plausibilidade histórica para a narrativa, na sua totalidade.

No período do nascimento de Jesus, existia na Pérsia um grupo de sacerdotes que acreditava no aparecimento de um salvador do mundo, que nasceria judeu e que teria o seu nascimento marcado pelo aparecimento de uma brilhante estrela.

Por outro lado, Jesus não nasceu no primeiro ano da nossa era. O monge romano que elaborou o nosso actual calendário cometeu um erro matemático e falhou quanto à determinação do primeiro ano da era de Cristo. Assim, é provável que o verdadeiro ano do nascimento de Jesus tenha ocorrido sete anos antes — ou seja: Pelo calendário actual, no ano sétimo antes de Cristo.

O astrónomo Johannes Kepler observou em 1603 a conjunção pouco vulgar dos planetas júpiter e Saturno, a qual provocou um efeito de luz semelhante ao de uma estrela, nova e brilhante, aparecendo súbitamente no horizonte. Por cálculos matemáticos, Kepler declarou que a conjunção dos dois planetas se tinha produzido também no ano sétimo antes de Cristo.

Deste modo, é inteiramente possível que os astrólogos persas tenham observado esta brilhante «estrela no Oriente» e que tenham tomado esse acontecimento pelo sinal de que nasceria na Judeia o salvador do mundo. De igual modo, é possível que se tenham dirigido para lá, portadores de presentes.

Todavia, é difícil conceber como é que poderiam ter sido «guiados» por uma estrela, a não ser que a tenham usado como ponto fixo de orientação, tal como os mareantes costumavam fazer com que a estrela polar e que se tenham dirigido nessa direcção, perguntando ao longo do caminho por um recém-nascido, até que chegassem junto do estábulo, em Belém.

Quer os factos se tenham passado deste modo, ou de outro, a verdade é que o seu significado religioso da adoração dos magos permanece o mesmo.

Compañía Transatlántica Española, S.A.

MADRID

PARA:

NEW YORK
FILADELFIA
NORFOLK

Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça a moderna e rápida motonave espanhola

«VALVANUZ»

em 26 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

LISBOA - 2

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex 1416 — LLOXAV



olhos postos em Paris para ver quando e como vinha a paz. Porém, o Camboja, como o Laos, não devem ser incluídos no acordo, se não no que se refere à não intervenção americana nesses países. Não haverá qualquer plano para sanar os conflitos internos nesses países. E, mesmo que os houvesse, eles seriam artificiais, pois nem a FUNK do Camboja nem o Neo Lao Akest (comumente designado por Pathet Lao) do Laos foram devidamente ouvidos. Por outro lado, o próprio príncipe Sihanouk está farto de afirmar que a paz no Vietname não significa, de modo algum, a paz no Camboja. Segundo ele, a luta no seu país terminará apenas quando o regime de Lon Nol for derrubado e o poder assumido pelas forças populares que constituem a FUNK (Frente Unida Nacional Kampuchéa). É compreensível que Sihanouk os homens da FUNK pensem assim, pois a situação no país é o resultado da intervenção americana no Vietname e na Indochina. Assim, não parece justo que, resolvida — pelo menos momentaneamente — a questão vietnamita, os cambojanos tivessem de arcar com as consequências de um facto a que, em grande parte, são alheios.

que actualmente se pratica no comércio entre os dois países.

6 SEXTA O «Diário do Povo» de Pequim, órgão oficial do Partido Comunista Chinês congratulou-se com o alargamento da Comunidade Económica Europeia, considerando-o um passo importante para «contrariar as ambições económicas e políticas dos Estados Unidos e da União Soviética». O título do artigo, transmitido pela Agência Nova China dizia: «Os países da Europa Ocidental fortalecem o seu alinhamento contra as duas superpotências». Esta posição dos dirigentes chineses não é nova nem inesperada. Desde há muito que Pequim defende o Mercado Comum, como forma de oposição à União Soviética, o que é o mesmo que dizer: de manutenção das tensões no continente europeu. Quanto à afirmação de que a Comunidade Europeia se opõe também aos Estados Unidos da América e de que o seu alargamento fortalece essa posição de independência, basta lembrar a dependência económica da Grã-Bretanha em relação ao colosso americano; convém recordar que a notícia de Pequim foi publicada nos mesmos jornais que anunciavam a visita de Jack Lynch, o primeiro-ministro da Irlanda (outro dos países que agora entraram para a CEE), aos Estados Unidos, onde foram pedir investimentos de capitais americanos para o seu país; e nem é preciso chamar a atenção para o facto incontroverso de que as grandes companhias multinacionais americanas têm cada vez mais poder dentro dos países do Mercado Comum, quase todos eles membros da NATO, a organização militar anticomunista de que os Estados Unidos são os chefes de fila.

7 SÁBADO Existem 20 milhões de doentes mentais nos Estados Unidos. O número é astronómico e inquietante, mesmo atendendo a que os americanos têm forte inclinação para se preocuparem exageradamente com a saúde mental e, além disso, a que têm à sua disposição grandes meios para a detecção de tais doenças. Mas 20 milhões é quase 10 por cento da população. A associação que revelou estes números, no entanto, não procurou apontar para possíveis razões inerentes aos Estados Unidos que pudessem esclarecer e justificar tão elevado número de doentes mentais. A associação preferiu atribuir aquele número a traumas que as crianças sofrem nos últimos tempos do período de gestação e nos primeiros de vida extra-uterina.

1 DOMINGO O último dia do ano foi de violência na Irlanda. Haverá quem diga que é um mau prenúncio para 1973. Não devemos ser assim pessimistas. A violência continuará na Irlanda, do Norte e do Sul viu a violência alargar-se à República da Irlanda, o que demonstra claramente que uma solução da questão irlandesa não se pode confinar aos seis condados do Ulster. Mais: os problemas da sociedade da ilha — de toda a ilha — estão de tal modo agudizados que a mera reunificação de apenas teria a vantagem de oferecer uma hipótese de adiamento de um confronto que, a continuar-se como agora, se avizinha a passos cada vez mais largos.

2 SEGUNDA Os «Seis» passaram a ser os «Nove». Está formado o maior bloco comercial do mundo. Novas perspectivas se abrem para a Comunidade Económica Europeia. Mas, neste momento grande para a CEE, não será pertinente lançar algumas interrogações? Sobre tudo porque estamos também em época de détente, de entendimento entre os povos e os países europeus? A CEE é normalmente muito louvada por quem vê nela uma forma de melhoria das condições de vida dos povos que nela estão integrados. Mas será esse — o de dar uma vida melhor e mais livre — o objectivo da Comunidade? Dentro de um quadro de abrandamento das tensões no nosso continente, a CEE contribuirá para essa cooperação que se deseja como única forma de assegurar uma paz duradoura? Ou, pelo contrário, a Comunidade Económica Europeia constitui um reforço de um dos blocos militares em presença? São questões importantes que é preciso esclarecer completamente, retirando as respostas da sombra em que são permanentemente colocadas, nos meios de informação normais, pela espessa cortina dos grandes números, das estatísticas, das previsões furológicas, da «qualidade da vida». É indispensável descer ao fundo das questões, descortinar entre o evidente aquilo que o não é, mas que determina o que vai acontecendo e esclarece sobre as intenções e a lógica de uma organização como a Comunidade Económica Europeia, mais conhecida por Mercado Comum.

3 TERÇA No céu do Líbano, aviões sírios e israelitas entraram em luta, enquanto, para aumentar o barulho, a DCA libanesa tentava afastar os aviões estrangeiros. Ao que parece foi abatido um aparelho de cada lado, mas não é isso que tem mais importância, tanto mais que os pilotos foram vistos a cair em páraquedas. O que importa sublinhar é a frequência com que sírios e israelitas se enfrentam a tiros de canhão e a golpes de caça. A guerra, mais ou menos surda, entre árabes e Israel desde o conflito dos seis dias ameaça abrir-se,

tornar-se a guerra em grande escala como o que ocorreu em 1967. Infelizmente, a situação que se vai mantendo artificialmente não pode permanecer indefinidamente. Ante a constante recusa de Israel em ceder os territórios ocupados durante a guerra, os países árabes só têm, de facto, o recuso à guerra como forma de solucionar a questão. Isto é, de reaver esses territórios. O conflito só ainda não rebentou porque os países árabes sentem que não são superiores a Israel do ponto de vista militar e porque as grandes potências não estão interessadas em arriscar um confronto entre elas, em defesa dos aliados que têm na área. Mas o perigo de guerra é permanente e qualquer falsa menos controlada a pode fazer deflagrar.

4 QUARTA A notícia é curta e frequente: agrava-se a situação no Camboja. Este «agrava-se» depende, evidentemente, de quem está a falar. Para os guerrilheiros Khmers, a si-

5 QUINTA Fidel de Castro anunciou que a União Soviética aceitara um adiamento do início do pagamento da dívida cubana àquele país. Segundo informou o dirigente cubano, Cu-



Um padre americano visita alguns dos prisioneiros de guerra que se encontram em Hanói devido aos ataques que os EUA levam a cabo contra o Vietname do Norte.

tuação melhora, uma vez que o que se considera um agravamento são os seus próprios êxitos. A notícia lembrava ainda que este «agravamento» da situação se verificava na altura em que todos estavam com os

ba só começará a pagar essa dívida, que é muito volumosa, dentro de 13 anos. Por outro lado, a União Soviética concordou também em pagar pelo açúcar e pelo níquel cubanos que importa o dobro do preço



William Sullivan, subsecretário de Estado americano, fala aos jornalistas depois do seu primeiro encontro com os representantes de Hanói em Paris para as conversações técnicas para o cessar-fogo. Será desta?

COMENTÁRIO INTERNACIONAL FINALMENTE O ACORDO

Os bombardeamentos a norte do paralelo 20, no Vietname do Norte, terminaram. Como se pode ver no que disse há duas semanas, o facto não me surpreende. Ele resulta das dificuldades facilmente previsíveis que Nixon iria encontrar — caso os ataques contra as cidades norte-vietnamitas continuassem — no Congresso do seu país. Na verdade, é já do conhecimento público que os representantes do Senado e da Câmara dos Representantes (o que é caso novo) aprovaram moções propondo cortes orçamentais de molde a impedir a continuação do esforço militar americano no Vietname. Essas moções não foram apresentadas para votação nas Câmaras apenas porque o presidente suspendeu os ataques e ordenou ao seu conselheiro Henry Kissinger que reiniciasse as conversações com o dirigente de Hanói, Le Duc Tho. Essas conversações começaram amanhã. Elas evidenciam o esforço e o sacrifício dos vietnamitas, a consciência de muitos americanos, o clamor de um mundo preocupado. Poucas vezes se terá verificado uma tal identidade de opiniões a respeito de um acontecimento mundial. Desde o presidente Pompidou — que afirmou, talvez olhando para uma união da esquerda cada vez mais forte, discordar da tática da intercalação de conversações com bombardeamentos até aos social-democratas Olaf Palme — que comparou os bombardeamentos de Hanói e de Haiphong. Tudo isso contribuiu para que o presidente americano ordenasse a suspensão dos ataques. Mas, segundo a estratégia desde sempre seguida por Nixon, os bombardeamentos têm toda a lógica. Eles surgem com a naturalidade das coisas naturais. Eles são a consequência lógica de uma estratégia que pretende esconder a todo o custo a falência de uma política, levada a cabo por três presidentes, mas que não deriva directamente do alvedrio de qualquer deles, antes provém da forma como os Estados Unidos estão organizados, social, política e economicamente. Onde as opções presidenciais são determinantes é na forma como se leva a cabo a política iniciada. Na intensidade dos bombardeamentos, por exemplo, e nos alvos escolhidos. Mas os bombardeamentos — pelo menos das grandes cidades — acabaram e as negociações secretas vão recomeçar. E imperioso não esquecer o que se passou, mas é também necessário olhar para a frente, para uma paz que é, cada vez mais, possível e para a reconstrução de um país devastado pela mais poderosa máquina de guerra jamais posta em acção no nosso planeta. Tudo pode voltar à mesma, é certo, mas os vietnamitas e o mundo deram, neste curto período que mediou entre 18 de Dezembro e 30 de Dezembro, uma eloquente amostra de que é cada vez mais difícil obstruir o caminho de uma paz justa na Indochina. Inúmeras notícias, provenientes de vários pontos do mundo, dizem que um acordo de paz será assinado antes de 20 de Janeiro. Assim seja.

VILLASVERDE CABRAL

Exclusivo
«Le Monde»/«DL»

A SANGRENTA REALIDADE DA MAFIA

POR CADA CABEÇA QUE CAI, HÁ DUAS OUTRAS QUE SE ERGUEM

A MAFIA DE ONTEM E HOJE, de Georges Oms, ed. BORDAS, 144 pgs.
A MAFIA, MITOS E REALIDADES, de Maz Gallo, ed. Seghres, 142 pgs.
O MUNDO ALUCINANTE DA MAFIA, de Henri Amoroso, ed. «Pensée Moderne», 250 pgs.
«L'ONORATA SOCIETÀ», de Jacques Kermaol, ed. «La Table Ronde», 245 pgs.

É de temer que com o aparecimento, nos «écrans» de Paris, do filme de Terence Young, «Cosa Nostra», depois do êxito mundial de «O Padrinho», de Mario Puzo (sem contar com os 12 milhões de livros vendidos) o novo jogo de sociedade «The godfather game», em que os jogadores se «matam» para apanhar os «rackets» mais suculentos, a Mafia se torne um produto de consumo como qualquer outro, asseptizado e inofensivo. No entanto, «Cosa Nostra», extraído de «The Valachi Papers», de Peter Maas, segue, quase fielmente, as terríveis confidências do «Gangster» Joe Valachi sobre a família de «don» Vito Genovese, e deveria esclarecer os espectadores sobre a trágica realidade da Mafia. A realidade, aliás, não deixa de nos lembrar a sua presença quando os jornais nos dão notícia das disputas do «gangster» Meyer Lansky com Israel, por exemplo, ou do processo de Joseph Ricord, em Nova Iorque. Não se sugere, mesmo, que a Mafia pode estar na origem dos assassinatos de John e Robert Kennedy e no acidente de aviação que levou à morte de Enrico Mattei? A verdade é que a longa série de assassinatos de políticos, de sindicalistas (em geral das esquerdas) de simples transeuntes apanhados numa batalha de «gangster», de que a Mafia foi a instigadora, vem apoiar o que permanece, por falta, na maior parte dos casos, de provas, como fortes suspeitas. Nenhuma dúvida pode haver de que os livros que acabam de aparecer sobre o assunto vêm confirmar, se disso houvesse necessidade, a sangrenta omnipresença da Mafia...

Em 1919, em Favara, na província siciliana de Agrigento, um velho de oitenta e três anos morreu na cama. A surpresa foi tanta, que a família mandou gravar na pedra tumular: «Morto de morte natural». É verdade que aquela cidadezinha de vinte e cinco mil habitantes havia tido um ano particularmente fértil em mortes rápidas: cento e cinco crimes ficaram quase todos, todos impunes. A Mafia reinava aí a tiros de «lupara», que vem a ser uma espingarda de dois canos

utilizada na caça aos lobos...

Cinquenta anos mais tarde, nos Estados Unidos, o «capo mafioso» Joe Colombo, «abafado» com três tiros na cabeça por um negro, no meio da multidão dos membros da Liga para a Defesa dos Direitos Cívicos dos Italianos. O assassino foi morto, tendo a sua vítima entrado num longo coma. Este episódio sangrento reacende a guerra dos «gangs» para a conquista da «Cosa Nostra», ramificação americana da Mafia.

«Há dois mil e quinhentos anos que somos uma colónia escreveu o autor de «O Leopardo». Ninguém dúvida, com efeito, de que a história da Sicília tenha forjado uma mentalidade particular dos seus habitantes. A ilha foi invadida e explorada pela maior parte dos povos do Mediterrâneo. O poder político foi sempre imposto do exterior. A Sicília ganhou uma desconfinça instintiva quanto ao poder e aos seus cobradores de impostos, de que nunca verá as vantagens económicas. Mas é perto do fim do século XVIII que aparece o tipo mafioso, numa altura em que a nobreza de barões e príncipes passa a maior parte do tempo em Nápoles ou em Roma. A aristocracia decadente abandona nas mãos rapaces dos administradores a exploração dos domínios e a sua defesa contra os bandidos. Foram os camponeses a tudo pagar. Pouco a pouco, a Mafia divide-se em «famílias», partilha territórios, e cria um poder paralelo. Descontente com o Governo de Nápoles, favorece, nomeadamente, o desembarque das tropas garibaldinas.

Após a unificação da Itália, a Sicília é percorrida por bandos de camponeses esfomeados, reclamando aquilo que o poder central lhes recusa: uma reforma agrária que permitisse uma redistribuição das grandes propriedades. Os latifundiários uniram-se aos bandoleiros para se defenderem desses camponeses que lutavam pela sobrevivência. Em contrapartida, os grandes proprietários protegiam os bandidos das ras incursões dos «Carabinieri». A Mafia deslocava-se já para o lado de uma determinada ordem.

A «COSA NOSTRA»

Em Roma, os barões aprenderam depressa como se faz um deputado, como se escolhem os candidatos ao Parlamento, como se faz «votar bem»... A Mafia prestou serviços e reforço, pouco a pouco, o seu domínio sobre os campos. Parasita e aliada da classe dirigente da ilha, a «honrada sociedade» servirá de intermediária, assegurando-se da direcção dos assuntos criminais da ilha.

O desenvolvimento da Mafia

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.

GRANDE OURIRESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Fernanda Pinto Valada, R. Joaquim S. Faria, 18-A ALVERCA



O massacre do Dia de São Valentim, em 1929, foi ordenado por Al Capone

americana seguiu idêntico percurso, sobre um fundo de miséria e isolamento. Os filhos dos emigrados dos anos 90, excepção ao «melting pot», sentiram grandes dificuldades em se inserirem na sociedade americana, permanecendo fiéis às tradições familiares. Além disso, chegavam à América numa altura em que os anglo-saxões pareciam deter todos os postos dirigentes. O siciliano, por sua banda, sentia-se isolado no interior da colónia italiana. O espírito mafioso encontrou aí um meio fecundo para se perpetuar. Mas foi graças à «proibição», decretada em 1920 pelo Congresso dos Estados Unidos, que os «gangs» italianos se desenvolveram. Entre os «gangs» de diversas nacionalidades, serão os mais adaptados à exploração dos alambiques, graças à origem camponesa dos habitantes da «pequena Itália». Surgem os patrões de nova organização, Lucky Luciano, Al Capone, Vito Genovese. Desenvolvendo-se a par da economia dos Estados Unidos, as actividades dos «gangs» vão estender-se em todas as direcções, não sem conflitos, no número dos quais figura o célebre massacre de S. Valentim. É com a reunião de Atlantic City, em 1929, de uns trinta «gangsters» italianos, judeus sicilianos e irlandeses, que se vai constituir a moderna Mafia americana: a «Cosa Nostra». Johnny Torrio, retirado em Itália, regressará para presidir à União Siciliana, centro da nova organização. Torrio decide dissolver os pequenos «gangs»: «segundo um processo de concentração económica», nota Max Gallo, estabelece-se um sistema de contabilidade ramificada por todo o país e estabelecem-se para cada actividade (prostituição, jogo, «rackett» etc.) as taxas a pagar. Além disso, criou-se um fundo de muitos milhões de dólares consagrados à corrupção do poder político, judicial e municipal.

Na Sicília, sob a orientação do presidente da Câmara de Palermo, Césare Mori, uma terrível repressão se abate sobre a Mafia. O fascismo de Mussolini, com efeito, não podia tolerar a ordem mafiosa. Ao visitar a ilha, o Duce havia sido ferido no seu orgulho pela advertência feita à multidão por um «Don» local: «Que ninguém toque meu cabelo do meu amigo Mussolini, pois terá de haver-se comigo e com os meus compadres!» Com Césare Mori a justiça será expeditiva, sendo utilizados todos os métodos de tortura, mas só em parte conseguirá quebrar a coligação entre os grandes proprietários de terras e a Mafia. Mas, à parte umas tantas cabeças, a repressão só atingirá os pequenos mafiosos.

Enquanto alguns dos seus membros emigravam para os Estados Unidos, a Mafia encolhia-se e esperava. Césare Mori, tornado megálomano, foi, por sua vez, destituído, depois de ter acusado, intempestivamente, um deputado. Os seus sucessores serão mais prudentes.

A «Cosa Nostra», por seu lado, após uma opulência sem precedentes — controla todos os jogos, a prostituição, a droga as corridas, penetra nos sindicatos das docas e dos transportes por estrada — vai conhecer algumas dificuldades com os agentes do Tesouro. Os «gangsters» não podem, com efeito, revelar a origem delituosa da sua enorme fortuna (e sob o impulso de Meyer Lansky, o genial «gangster» judeu, que os seus amigos passarão a investir em negócios legais). Depois de Al Capone, é Lucky Luciano a ser preso.



Big Jim Colosimo era o dono dos bordéis de Chicago. Seu sobrinho, Johnny Torrio, foi o primeiro chefe de Al Capone. Na última foto, o gangster Dion O'Banion

Vito Genovese, o sucessor, prefere regressar a Itália. Oferecerá um quarto de milhão de dólares para a construção da sede do Partido Fascista.

O.S.S. e M.I.S.

Mas será sobretudo a guerra a revelar o poderio e a eficácia da Mafia. Os agentes secretos americanos pedem a Lucky Luciano, que continuava preso, que mende os mafiosos vigiar os portos, a fim de impedir o desembarque de espíões. Depois, utilizarão o perfeito conhecimento que Lucky Luciano tinha do Mediterrâneo — conhecimento que adquiriria ao instalar a sua rede da droga — para a preparação do desembarque. Em Julho de 1943, um avião sobrevoa de Villalba, onde reside Don Calogero Vizzini, o «capo» dos «capi» sicilianos, seis dias antes do desembarque aliado. O avião, que tem o brasão de Lucky Luciano, deixa cair um sobrecito destinado a Don Calogero. O acordo entre este e Lucky Luciano iria ser frutuoso: as tropas italianas, à chegada dos aliados, desertaram em massa, miraculosamente vestidas de trajes civis, fornecidos pelos «mafiosi». Com o coronel Polletti, governador militar americano da Sicília, reapareceu Vito Genovese, que conseguiria nomear os seus «amigos» para os postos de chefia. Don Calogero Vizzini será, assim, nomeado... presidente da Câmara de Villalba. A partir daí, a colaboração da O.S.S. com a Mafia tornou-se evidente. Os americanos, que sonhavam transformar a Sicília num porta-aviões do Mediterrâneo, apoiarão, sem reservas, o movimento separatista siciliano, nomeadamente o M.I.S. (Movimento para a Independência da Sicília) de Finocchiaro Aprile. Seguir-se-ão exacções e expedições punitivas de toda a espécie, até que a «honrada sociedade» se decida a abandonar os separatistas, nomeadamente o célebre bandido Salvatore Giuliano, que cairá nu-



Al Capone instalou o seu primeiro quartel geral no número 222 da Avenida Wabash, em Chicago. Na foto seguinte, o gangster nos seus dias de glória

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de Monitor nas seguintes especialidades:

- AJUSTAGEM
- CANALIZAÇÕES
- CARPINTARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- CARPINTARIA DE MOLDES
- COFRAGENS E ARMADURAS
- COMPOSIÇÃO MECÂNICA
- ELECTRICIDADE AUTO
- ELECTRICIDADE B.T.
- ESCRITURÁRIOS DACTILÓGRAFOS
- FRESAGEM
- MECÂNICA-AUTO
- PEDREIROS
- PINTURA METALÚRGICA E DE AUTOMÓVEIS
- REPARADOR DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
- SERRALHARIA CIVIL
- SOLDADURA A ARGON
- SOLDADURA A ELECTRO-ARCO
- TORNEAMENTO

EXIGE-SE

- Bons conhecimentos profissionais

OFERECE-SE

- Carreira atracente
- Bom vencimento
- Regalias sociais

Informa-se até ao próximo dia 20 de Janeiro nos Centros do Serviço Nacional de Emprego localizados em: Abrantes, Aveiro, Barreiro, Beja, Braga, Bragança, Caldas da Rainha, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Évora, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Lisboa, Portalegre, Portimão, Porto, Santarém, São João da Madeira, Santo Tirso, Setúbal, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira, Vila Real, Vila Real de Santo António e Viseu.

ma emboscada inspirada por Don Calogero. Foi Molotov, conta Jacques Kermol, quem salvou, indirectamente, a unidade italiana ao sugerir, aos anglo-saxões, em referendos monárquico na Grécia, que aqueles podiam aceitar. Daí o referendos propostos por Atlee, para a Sicília, sob o «tróvão» aliado, também não ter tido lugar. Entretanto, a ascensão da democracia-cristã sossegará os «mafiosos» que saberão colocar nela os seus homens.

Durante este período, funcionaram da melhor maneira as relações entre a Mafia e a «Cosa Nostra». Mas este intercâmbio irá opor, na Sicília, os dirigentes tradicionalistas da Mafia aos «jovens lobos» da «Cosa Nostra», de métodos de exploração mais modernos e também mais expeditivos. Don Genco Russo, eleito pela velha Mafia, tenderá para os novos. Finalmente, o «capo» de Palermo, o dr. Navarra, será eliminado por Luciano Liggio, que se tornará um dos grandes da especulação imobiliária na cidade. Liggio importará uma trégua entre os clãs por meio da persuasão e do assassinio. Como resultado desta «guerra» são muitos, dizem, os pilares dos prédios da cidade a encerrarem cadáveres...

Em 1960 a guerra vai reacender-se em consequência do «boom» da especulação com os terrenos, as adjudicações e a conquista do «controlo» dos brancos. Os carabinieri pagam, também, as custas deste acerto de contas: assim, a explosão de um Alfa Romeo Giulietta fará sete mortos entre eles. No entanto, a Polícia e os juizes conhecem todo a «máquina» da Mafia. Mas os processos a nada levam, por falta de provas, vendo-se os investigadores e juizes perante a «omertá» ou a intervenção de altos dirigentes da democracia-cristã. Graças a estas protecções, as diversas comissões anti-Mafia a pouco chegaram, a despeito de numerosas detenções de «capi». Como escreve Georges Oms, no seu interessante livro: «Por cada cabeça que cai, há duas outras que se erguem...».

HOMENS DE RESPEITO

Quanto a Vito Genovese, regressado aos Estados Unidos, vai fazer funcionar em pleno as redes da droga, com o auxílio de Lucky Luciano, deportado para Itália, antes do total cumprimento da pena a que fora condenado, isto em troca dos «serviços prestados» à O.S.S.. Também aqui se vão reacender, entre as famílias, as guerras de sucessão, sobretudo depois da prisão de Vito Genovese. Os êxitos do «Narcotic Bureau», que atingem as «famílias», favorecem as ambições dos «soldados». Uma dessas guerras, a «Banana War», iniciada em 1966, nas ruas de Nova Iorque, por uma série de liquidações físicas, levou a prolongados enfrentamentos: a conquista do poder ainda não terminou.

A luta contra a Mafia é, hoje em dia, conduzida, em conjunto, pelas justicas americana e italiana. Mas, apesar de inegáveis êxitos de polícia, a Mafia, sempre presente, reina em Palermo, faz a lei em Kennedy-Airport, controla as empresas de importação de produtos alimentares, as cadeias de distribuição, de transportes por estrada, infiltra-se nos casinos, na construção civil, etc. Fenómeno mais inquietante, por intermédio dos bancos suíços, a que os Estados Unidos pediram, recentemente, o levantamento do segredo bancário, investe em empreendimentos legais, fachadas ideais para o crime. De Palermo, a Mafia subiu a Milão, passando por Marselha, Roma, Amsterdão; de Chicago, estendeu-se até ao Vietname do Sul. As receitas da «Cosa Nostra» ultra-

passam os 30 bilhões de dólares por ano, mais do que o orçamento da França...

A extraordinária ascensão dos «homens de respeito» não se explica apenas por uma particular mentalidade patológica, descrita pelo dr. Henri Amoroso no seu livro, mas também pela complacência dos políticos. Não se citam, por exemplo, como «amigos» notórios os antigos ministros italianos Mario Scelba e Bernardo Matarella? A Mafia soube também, na outra margem do Atlântico, conseguir apoios entre os indivíduos que rodeavam Roosevelt!

A «Time» escreveu, em 1969, que vinte e cinco senadores são «amigos dos amigos».

A Mafia, que organiza militarmente os seus aderentes para a conquista do poder, numa versão criminosa dos partidos totalitários, é, como afirma Max Gallo, «o fascismo no crime».

O «DOSSIER» DE MARIO PUZO

«O «DOSSIER» DO PADRINHO E OUTROS TEXTOS», foi agora traduzido em França, por Jean Perrier, para as edições Robert Laffont.

Não se conte com Mario Puzo para nos esclarecer sobre a Mafia. Neste livro, o autor revela, sobretudo, que nada sabe dela — a não ser pela leitura de revistas — e conta os seus desentendimentos com Hollywood para a adaptação cinematográfica de «O Padrinho». Fala-nos da tristeza que sente por não ter sido conhecido pelos seus outros romances, em que pusera toda a sua arte. Dito isto, reconhece que «O Padrinho» é um acerto no plano da técnica, um bom trabalho de profissional. Para apagar não se sabe que complexo, publica algumas novelas. Uma delas é excelente e mostra, com toda a evidência, que se pode escrever um «best-seller», e, ao mesmo tempo, ter-se verdadeiro talento.

O CÓDIGO

A Mafia, instaurou, noutros tempos, uma série de rituais, que iam do baptismo ao juramento de lealdade e à sucessão. Os rituais, hoje em dia, fazem mais parte de uma certa lenda do que da realidade. No entanto, a Mafia tem um vocabulário próprio, de que convém conhecer as palavras principais:

OMERTÁ: a lei do silêncio, sem a qual a Mafia não existiria.

MAFIA: na origem, movimento de resistência contra os árabes. Os historiadores atribuem diversas origens à própria palavra.

COSA NOSTRA: de «Cosa Nostra», a «coisa nossa». Versão americana da Mafia, que sucedeu à «Mão Negra».

CAPO: o chefe.

CONSIGLIERI: o conselheiro, próximo colaborador do «don».

DON: um grande chefe. De tem todos os direitos sobre a «família», em troca da sua «protecção».

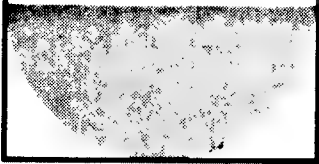
FAMÍLIA: conjunto dos que servem um «don», os «soldados».

DOS PADRINHOS AOS PRIMOS

Parecem fugidos, directamente, de um filme de série B. Bonacheirões, piedosos, generosos, untuosos, os «Don» são «homens de respeito». Quem fez com que a Mafia se tornasse conhecida foi Don Vito Cascio Ferro. Nascido em 1862, na província de Palermo, casou-se com uma jovem professora que o ensinou a ler e escrever. Aderiu ao movimento anarquista e socialista numa altura em que era particularmente dramática a situação económica e social na Sicília.

Continua na página seguinte

ESTRANGEIRO



Jerusalém — Com uma voz um pouco fatigada, ela conta uma vez mais a sua história, num hebreu hesitante: originária de Vilno, na Lituânia, chegou há onze meses a Israel com seu marido, que é pedreiro, e um dos seus filhos. O outro não teve o direito de deixar a U.R.S.S., porque acabara de fazer o serviço militar. Seis anos decorreram entre o dia em que pediu o seu visto de saída e o obteve. Partiu, diz ela, «porque a campanha de anti-semitismo tinha-se acentuado, sobretudo após a Guerra dos Seis Dias». E acrescenta: «É o governo soviético que está na origem desta campanha; a própria população não era a tal ponto tão hostil. É, talvez, porque os lituanos detestam os russos ainda mais do que os judeus.»

Não estudou e, portanto, não teve de reembolsar o governo das despesas do mesmo antes da partida. Porém, seu marido teve de pagar 900 rublos por cada visto (e o abandono da nacionalidade soviética), embora ganhasse 120 rublos por mês (de facto, estas somas são geralmente reembolsadas pela agência hebraica). Foram autorizados, como todos os emigrantes, a levar consigo 100 dólares. De qualquer maneira, não tinham consigo muito mais do que isso... Em Israel, «o começo foi difícil», mas, finalmente, habituaram-se pouco a pouco, «porque toda a gente os ajudou».

A partir de Abril de 1971, duzentas e cinquenta famílias idênticas a esta, isto é, cerca de oitocentas pessoas, instalaram-se em Migdal Haemek, uma pequena cidade em plena expansão na estrada de Haifa a Nazaré. À sua chegada, ficaram a cargo, principalmente da toda-poderosa central sindical, a Histadruth, que, neste centro de reagrupamento pelo menos, parece resolver todos os problemas que possam surgir a uma família de imigrantes desarmados e desamparados que desembarca no aeroporto de Tel-Aviv. Atribuem-lhe um apartamento geralmente pequeno e modesto, num dos numerosos imóveis construídos à pressa na periferia da cidade. A maior parte encontra rapidamente um emprego nas empresas locais (couro, algodão, sumos de frutos, ladrilhos, etc.) ou vai trabalhar na vizinha cidade de Haifa. Porém, enquanto não têm recursos próprios, a comunidade (isto é, em geral a agência hebraica) subvenciona as suas necessidades.

Quanto são, na totalidade, estes recém-chegados que, hoje em dia, alimentam essencialmente a corrente de imigração? Entre 1968 e 1971, só da União Soviética chegaram 4.000 judeus. Depois, o fluxo aumentou sensivelmente, de forma irregular, com variações fantásticas na concessão de passaportes, que os israelitas não conseguem explicar. Em 1971, o número de soviéticos atingiu 13.000, e pensa-se em Jerusalém que, este ano, ultrapassará os 30.000, num total de cerca de 48.000 imigrantes. Só em Novembro último chegaram 4.000, dos quais 600 num só

EMIGRANTES SOVIÉTICOS EM ISRAEL



dia. Quanto aos próximos anos, os israelitas, considerando que, a todo o momento, Moscovo pode interromper a corrente migratória, abstêm-se de fazer previsões muito optimistas, mas calculam que o número de 30.000 entrados anualmente será um mínimo.

Estes novos imigrantes vêm, na sua grande maioria, das repúblicas do Báltico e da Geórgia, acessoriamente da Rússia e da Ucrânia (20 por cento apenas). Estão representadas todas as categorias sociais — haveria até antigos oficiais do exército vermelho — no entanto, a maioria são famílias modestas (e frequentemente muito religiosas) provenientes das margens do Mar Negro, sendo os funcionários e os membros das profissões liberais originários sobretudo dos países bálticos ou de Moscovo.

Os dirigentes israelitas calculam, em todo o caso, que se trata de uma «imigração de qualidade». Em primeiro lugar, porque estes recém-chegados são, segundo uma expressão ouvida aqui, «sionistas puros». E preciso compreender que, neste caso, em vez de serem simplesmente «refugiados» como aconteceu anteriormente com as populações dos «ghettos» de outros países, estes fizeram uma escolha deliberada: decidiram menos deixar a U.R.S.S. do que escolheram via para Israel. Um deles, que prefere, aliás, ser qualificado como «repatriado», diz-nos que nunca teria deixado Moscovo para ir para qualquer outro país que não fosse Israel.

Por outro lado, os imigrantes soviéticos têm geralmente uma formação profissional, mesmo que esta, como veremos, tenha de ser adaptada e completada, e que a sua qualificação seja inferior à exigida em Israel. Eles são, portanto, rapidamente «produtivos», o que não acontece com certas outras categorias de imigrantes chegados no passado.

O afluxo de judeus soviéticos levantou, não obstante, sobretudo durante o último ano, sérios problemas às autoridades israelitas. Tiveram, principalmente, que improvisar estruturas de acolhimento, acelerar o programa de alojamento, encontrar trabalho para milhares de pessoas em sectores os mais diversos. Assegura-se em Jerusalém que esta nova vaga tem sido absorvida sem prejuízo, sem que daí resulte desemprego.

Para estes imigrantes, o problema essencial não é, pois, encontrar alojamento e emprego, mas o de se adaptar a todos os níveis, psicológico, social, profissional — isto é, inserir-se numa sociedade fundamentalmen-

te diferente daquela que deixaram.

O primeiro obstáculo é o da língua. Poucos dentre eles falam já o hebreu (frequentemente, os georgianos nem sequer compreendem o russo), mas em seis meses de cursos intensivos conseguem, diz-se, tirar-se de dificuldades. De princípio, têm naturalmente tendência para viver em conjunto. Porém, logo que a barreira da língua é franqueada, as diferenças esfumam-se, estabelecem-se relações. A vida comunitária, na escola, no exército, na empresa, faz o resto. O fenómeno do «melting pot» (cadinho) verifica-se aqui como nos Estados Unidos. Para os georgianos, de um particularismo muito marcado, a adaptação é particularmente laboriosa. De princípio, fez-se a sua disseminação, pensando que a sua integração seria, assim, facilitada. Porém, esta experiência traduziu-se por um malogro, e eles foram finalmente reagrupados numa vintena de centros.

A APRENDIZAGEM DO LIBERALISMO

É suficiente falar com alguns destes judeus transplantados para Israel para ter uma ideia das múltiplas implicações de um tão profundo desenraizamento: depois de terem sido modelados pelo colectivismo e pela burocracia, têm, de um dia para o outro, que se adaptar a um sistema do tipo liberal, a novos mecanismos de pensamento, a novas normas e hábitos. Enquanto que, na sua antiga pátria, o Estado decidia por eles, estão agora, sem transição, perante uma sociedade fundada na iniciativa individual. Conta-se a anedota daquele alfaiate a que o Estado havia fornecido alojamento, loja, etc., e que, ao fim de um mês, não vendo aparecer qualquer cliente, vai protestar junto dos ministérios por não lhe terem dado nenhuma encomenda...

Numerosos são aqueles que têm praticamente que reaprender uma profissão que julgavam poder exercer nas mesmas condições em que a exerciam na U.R.S.S., simplesmente porque os critérios, as normas, as técnicas, são aqui diferentes. Para dar um exemplo: um economista de formação exclusivamente marxista está, durante os primeiros meses, completamente desamparado. Determinado sábio, que dirigia em Moscovo um importante laboratório, teve de se reciclar quase completamente, e ocupa em Jerusalém a simples função de empregado especializado do laboratório. «De princípio — diz — não foi fácil, toda a minha vida havia mudado, andava perdido...»

Os israelitas sabiam que as algumas dezenas de milhares de judeus (em três milhões) que deixaram a U.R.S.S. durante estes últimos anos, não eram comunistas convictos. Mas ficaram espantados ao constatar o grau de alergia neles verificado: os imigrantes soviéticos fogem sistematicamente a tudo que lhes pode recordar a colectivização, e, até, a vida comunitária. Não querem, evidentemente, ouvir falar dos «kibutzim» e cita-se, como uma curiosidade, o facto de alguns jovens que decidiram fundar um «kibutz» no Golan. Conta-se até que um certo número de imigrantes soviéticos se sobressaltou, à chegada, à vista de uma bandeira vermelha, ou do bilhete de identidade, de cor vermelha, da Histadruth. Quando a esquadra esperava, apesar de tudo, recrutá-los para as suas fileiras, é, de facto, para os partidos da direita que a maioria deles se volta (Por outro lado, não passam por ser os menos hostis aos árabes).

A chegada maciça dos judeus vindos da U.R.S.S., como recentemente, sem dúvida, as «vagas» precedentes, suscita, em Israel, reacções complexas, a solidariedade a enevoar-se às vezes de uma certa animosidade. Porque eles obtêm imediatamente as vantagens materiais dos primeiros chegados, os «pioneiros» dos anos 50, levaram tanto tempo a conquistar, os novos imigrantes são, frequentemente, objecto de uma certa inveja. «Os israelitas — segundo a famosa fórmula — são pela imigração, mas contra os imigrantes.»

Esta atitude parece ser particularmente vinculada relativamente aos soviéticos, não somente porque são os últimos recém-chegados, mas também porque adquiriram a reputação de ser muito exigentes, menos conciliadores do que outros, e, às vezes, arrogantes até. Na sua maior parte de origem cidadã, aspiram — quando o não «exigem» — a ser alojados nos grandes centros, e de preferência em Jerusalém ou Tel-Aviv. Conta-se que alguns, após terem desembarcado, não querem abandonar o aeroporto desde que os não instalem num local à sua escolha, em geral num bairro que lhes tenha sido recomendado por um parente ou um amigo que os precedeu. Mesmo que seja exagerada, esta anedota, entre outras, permite apreciar a reputação de que gozam: «Quando um judeu soviético desembarca no aeroporto, saúda com ambas as mãos fazendo o sinal V, que significa não vitória, mas «vila», viatura...» As más línguas pretendem, também, que a senhora Golda Meir, que é de origem russa, como, aliás, outros dirigentes israelitas, tem tendência para favorecer os amigos compatriotas.

De facto, tal como as que a precederam, a corrente de imigração soviética levanta às autoridades locais problemas específicos, que elas não duvidam poder resolver graças à sua experiência, a uma organização bem rodada, ao factor tempo, e, talvez, sobretudo aquilo que, segundo elas, constitui o melhor cimento para a integração: o sionismo.

«LE MONDE» / DL

A MAFIA

Continuação da página anterior

Tendo o movimento sido duramente reprimido por Roma, Vito Ferro refugiou-se na Tunísia, tendo regressado, em 1894, e tornando-se mafioso. Depois de diversos actos de banditismo, emigrou para os Estados Unidos, em 1901, onde se tornou conselheiro da famigerada «Mão Negra». Sob o seu impulso, esta organização depressa abandonou o seu aparato anarquista, trocando-o pelo «racket», à siciliana. Vito Ferro regressou a Palermo em 1904, estabelecendo, assim, a primeira ligação entre a «Mão Negra» e a Mafia. Depressa passou a controlar as principais «famílias», forçando-se uma personalidade de benfeitor e justiceiro. O que o não impediu de matar, nomeadamente o polícia americano Joe Petrosino, por conta dos seus amigos do outro lado do Atlântico. Cumprido, assim, o «contrato». Condenado, em 1930, por ... contrabando, esteve preso até morrer, em 1943. Do fundo da prisão continuou a dirigir a Ma-

fia como apoio, no exterior, de Don Calogero Vizzini...

«COMO A VIDA É BELA»

Senhor incontestado da «honrada sociedade» foi, por certo, Don Calogero Vizzini (1877-1954). O próprio Lucky Luciano lhe prestou vassalagem beijando-lhe a mão ao suzerano. Antes de sucumbir a um ataque cardíaco, Don Calogero, estendido no chão, murmurou para o céu que tanto prezava: «Como a vida é bela! Tê-lo-à sido, com efeito, para este camponês semi-analfabeto que deixou aos herdeiros uma fortuna de alguns biliões de liras. Bela morte para um mafioso: um cortejo de políticos e eclesiásticos atrás da urna aberta. A entrada da igreja, um anúncio mortuário descrevia os vastos méritos de Don Calogero: «Aquele que, com a habilidade do génio, enriqueceu a sua família, sábio, dinâmico e nunca cansado. Deu o bem-estar aos trabalhadores

da terra e das minas de enxofre. Praticou sempre o bem. Foi apreciado por todos, tanto em Itália como no estrangeiro. Grande na perseguição e no infortúnio. Sempre sorrindo, e illo na paz de Deus, sereno na majestade da morte, a receber a homenagem dos amigos e adversários. Foi um cavalheiro».

Chegar-se-à mesmo a descobrir nobreza, um odor estranho no cadáver daquele que foi o responsável, directo ou indirecto, por várias centenas de assassinatos...

DON PEPE

Don Genco Russo, o sucessor, tem setenta e nove anos. Linda idade para um mafioso. Foi posto em liberdade em 7 de Março passado, quase cego, depois de três anos de prisão preventiva. O tráfico da droga? Não conhece «essa vergonha dos jovens de hoje». Não passa de um velho cansado que ainda se surpreende com a longa lista de crimes de que o acusam». É tudo uma invenção dos jornais», afirma. Don Pepe tem a memória curta. Foi ele, no entanto, o homem de transição entre a velha e a nova geração, que compreendeu todo o interesse que a «honrada sociedade» podia tirar de actividades lucrativas mais modernas — a imobiliária, por exemplo. Esta mudança fez-se com sangue, a expensas dos antigos métodos arcaicos se opunham à extensão de novos «rackets». Claro, os poderes autocráticos de Don Pepe não são tão extensos como os de Don Calogero: o império da Mafia tornou-se muito vasto.

Com a ocupação americana da Sicília, os «mafiosos» sicilianos encontraram-se com os primos da América. Foi o que se deu com a «família» de Don Vito Genovese, morto aos setenta e um anos — longa vida para um mafioso — em 1969, na prisão de Springfields (Estados Unidos). Don Vito foi o chefe da organização internacional. Aquando da ocupação da Sicília, o coronel italo-americano Poletti fez dele seu braço direito.

Entre os outros «capi», os primos Greco, Luciano, Liggio andam a monte. Tommaso Buscetta está refugiado na América. Angelo La Barbera está nas ilhas, Joe Colombo continua em coma. Carlo Gambino e J. Bonanno, os velhos «capi» de Nova Iorque, vão contando os golpes na nova guerra de sucessão.

A C. P. INFORMA:

HORÁRIO DOS COMBOIOS

Serviço especial, de 2.ª classe, para transporte de trabalhadores portugueses destinados ao estrangeiro, de Castelo Branco a Hendaye, às terças e sextas-feiras de 2 de Janeiro a 30 de Março de 1973.

CASTELO BRANCO	P.	20-12
Lardosa	P.	20-46
Castelo Novo	P.	21-03
Penamacor	P.	21-28
Fundão	P.	21-45
Tortosendo	P.	22-09
Covilhã	P.	22-20
Belmonte	P.	22-46
	C.	23-35
Guarda	P.	1-32
	C.	2-13
Vilar Formoso	P.	2-32
	C.	2-35
Fuentes d'Oñoro	P.	3-00
	C.	6-25
Medina del Campo	P.	6-46
	C.	13-22
Irun	P.	13-35
	C.	14-40
Hendaye	P.	14-40
Paris-Austerlitz	C.	22-30

PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?

PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.

PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.

PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.

Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

Por
AUGUSTO QUARESMA

ARTES

PINTORES DO SÉCULO XX NA GALERIA DINASTIA

A reabertura em Lisboa da Galeria «Dinastia» inaugura no panorama das artes plásticas em Portugal excelentes perspectivas.

O critério de escolha só pode merecer o nosso aplauso. A iluminação e a disposição dos quadros vindos de colecções particulares ou solicitados à Fundação Gulbenkian parecem-nos excelentes.

Um seguro bom-gosto uma exigência patente: Appel, Atlan, Camille Bryen, Robert e Sonia Delaunay, Fougita, Hartung, Paul Klee, Lanskoy, Matta, Jean Miotte, Picasso, Poliakoff, Paul Szasz, Arpad Szenes, Viera da Silva, Donald Taitt.

E certo que os Picassos expostos não serão (não o são, a nosso ver) dos mais significativos. Temos porém, em compensação, um insólito Poliakoff figurativo de 1937, e algumas composições deste pintor de modulação cromática extremamente forte e bela, com violentos contrastes. Temos um espantoso Fougita (um nu femi-

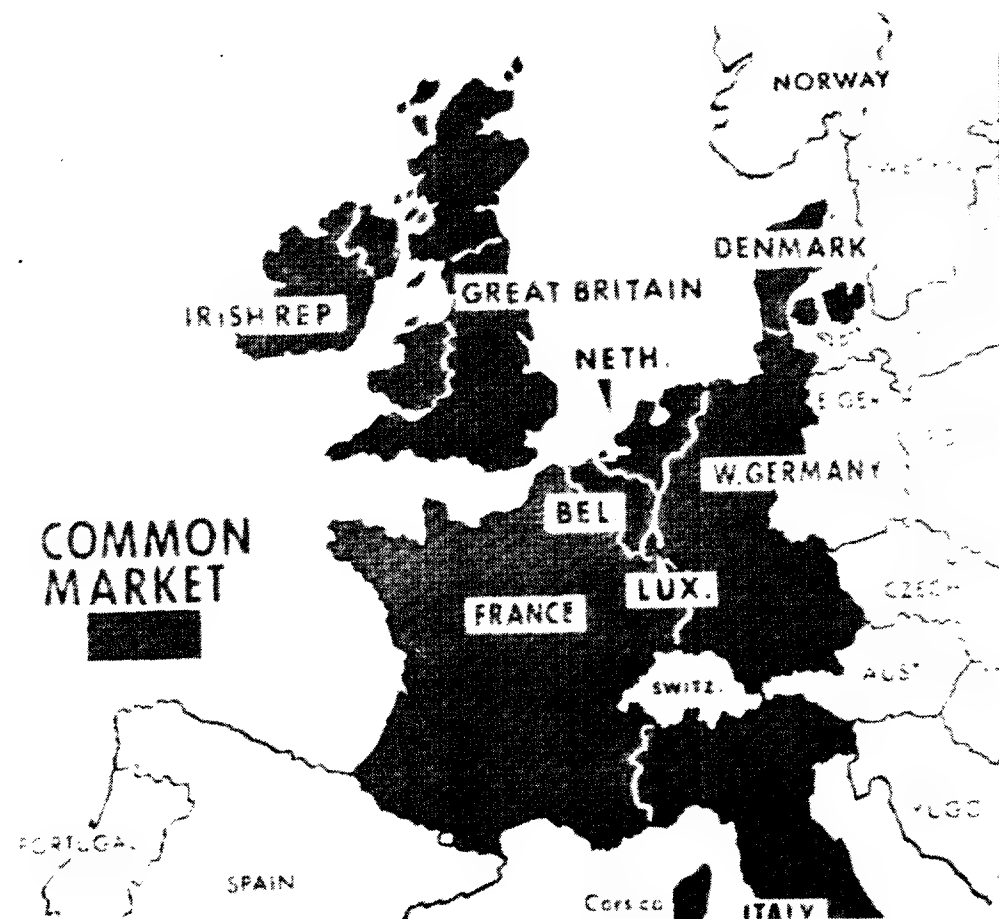


Óleo de Poliakoff

no em tons de pérola), o fabuloso Matta, todo em cinzas de grandes dimensões com as suas subtilezas conotações poéticas, o «Jovem na Vespera» de Paul Klee, em azuis-violetas e verdes, com essa inocência e mistério em que dificilmente al-

guém poderá igualá-lo, e, finalmente, o mundo de Maria Helena Vieira da Silva, especialmente em «Cidade Martir» (onde a qualidade plástica se afirma muito para lá da intenção). Recomendamos urgente visita à Galeria «Dinastia».

COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA



Um novo mapa onde se encontram assinalados os membros da Comunidade Económica Europeia após a entrada da Inglaterra, Irlanda e Dinamarca. O novo «mercado» comporta cerca de 253 milhões de consumidores — uma população maior do que a dos Estados Unidos.

INGLATERRA

A Inglaterra não goza ainda de todos os privilégios do Euromercado, tanto quanto toca ao ministério federal alemão das comunicações. Embora as taxas postais entre os países da

Comunidade Económica Europeia devam ser uniformes, um informador do ministério das comunicações da Alemanha Federal declara que as antigas taxas de serviço postal para a Inglaterra estão ainda em vigor.

«A redução destas taxas requer negociações bilaterais entre a Alemanha e a Inglaterra» — explica o informador, concluindo: «Estamos precisamente a aguardar neste momento que o ministério britânico das Comunicações entre em contacto connosco sobre este assunto.



CINEMA

WOODY ALLEN PRESTA HOMENAGEM AO GRANDE CONQUISTADOR BOGART

«Se Woody Allen não é o «little fellow» de Chaplin perdido num mundo invadido de sexo, então eu não sei o que é ele. O que Woody acrescentou foram a psicanálise e no que ela transformou o «little fellow», as pílulas e o que elas têm feito para conquistá-lo ainda. Woody é o próprio «sentimento de rejeição». Ele é aquilo que você sente quando não consegue marcar o encontro que todos os demais conseguiram. Ele é a derrota perso-

nificada e também a esperança. O que o torna tão notável é que se pode entender perfeitamente como e porque as miúdas o rejeitam e se pode sentir como ele se sente depois do último «não» e torna a casa. Para todos aqueles que amaram e não foram correspondidos e novamente tentaram e outra vez não foram correspondidos — e deve haver milhares de pessoas assim — «Play It Again, Sam» é um bálsamo, uma gargalhada restauradora.»

Um assaltante desastrado, diga-se de passagem. Havia bons gags, excelentes piadas e uma constante irreverência para com as coisas e instituições norte-americanas. Na verdade, um pouco de Chaplin, dos Irmãos Marx e também de W.C. Fields, e tudo dentro de uma linha coerente com a tradição ilustre da comédia americana. Quanto a *Bananas*, exibido o ano passado no cinema São Jorge, o filme ainda está patente na memória de todos aqueles que o viram: uma sátira, não á revolução latino-americana em si, mas à maneira pela qual ela é vista pelos elementos progressivos norte-americanos e, porque não dizer, por uma grande parte dos europeus: uma aventura romântica, num cenário tropical.

TALENTO NATO

Quando em «O Inimigo Público» Woody Allen interpretou o tipo desastrado que sonha em dar o grande golpe do assalto e se encrenca todo, ele estava, na realidade, dando forma de ficção a algumas das suas fantasias de juventude. Filho de um motorista de Brooklyn e chamando-se Allen Stewart Konigsberg, ele teve a infância e a juventude povoada de sonhos, alguns dos quais bastante bizarros, como este em que se via transformado em assaltante cheio de coragem e

auto-suficiência, a roubar algumas astronómicas de algum banco. Entretanto, ainda no liceu, Woody começou a exemplificar a teoria que hoje sustenta de que os comediantes e comediógrafos são talentos natos. A sua habilidade em improvisar gags o tornava mais notável entre os colegas do que as notas medíocres que alcançava. Mas apesar disso, o seu QI estava bem acima dos companheiros. Aos 17 anos enquanto muitos colegas dormiam sobre os livros do curso preparatório para a universidade, ele já fazia cerca de mil dólares semanais, escrevendo e interpretando piadas e «sketches» humorísticos na televisão e clubes nocturnos. Antes apenas escrevera para gente como Walter Winchell, Ed Sullivan e Earl Wilson. Depois deste início a sua técnica foi-se aprimorando ao mesmo tempo em que Woody passava a frequentar, com uma voragem incontrolada, as salas de cinema e teatro, onde, gradativamente, passou também a ganhar notoriedade como intérprete.

Fez «Que há de novo, Gatinha», e 1965; estreou a sua primeira peça em 1966, na Broadway («Don't Drink the Water») com enorme sucesso, e, em 1969, escrevia, dirigia e interpretava *Take the Money and Run* (O Inimigo Público), ao qual se seguiria, em 1970, *Bananas*, onde, outra vez, é autor intérprete e realizador.

Woody Allen jamais estudou dramaturgia, interpretação ou encenação e os seus estudos universitários foram, como já se disse, medíocres. Apesar disso, poucos são os que contestam ter ele rejuvenescido o ensaio satírico nos Estados Unidos, através da sua coluna no «New Yorker». O seu primeiro livro, «Getting Even» é um formidável sucesso e o seu quarto filme, *Play It Again Sam*, adaptação feita por ele mesmo da peça teatral que escreveu com o mesmo nome, vem sendo saudado como notável. Mas, desta vez, a realização ele a entregou ao seu amigo Herbert Ross, um ex-coreógrafo que já havia dirigido Peter O'Toole na versão musicada de «Adeus, Mr. Chips» e que, ainda recentemente foi notícia por causa da sua briga com Raquel Welch, durante as filmagens de *The Last of Sheila*.

O MITO DE BOGART

Falemos um pouco de filmes em exibição no Apollo 70. O



título *Play It Again, Sam* é uma citação a Humphrey Bogart e ao clássico *Casablanca*. Esta é a frase com que Bogart — naquele filme — encomendava ao pianista negro Sam (Dooley Wilson), que tocasse outra vez *As Time Goes By*, a canção que lhe recordava o affair romântico que tivera com Ilsa Lund (Ingrid Bergman). O filme de Woody Allen começa precisamente com a cena na qual Bogart e Bergman se despedem de vez em *Casablanca*, ela para seguir o seu destino com o marido e ele ao encalço de novas aventuras. Na plateia Woody — no filme, Allan —, de boca aberta, profundamente emocionado. Allan é um escritor cinematográfico sem maior expressão, a quem a mulher (Susan Anspach) decidiu abandonar. Os seus melhores amigos, Dick (Tony Roberts) e Linda (Diane Keaton), dão o melhor de si no sentido de devolverem a ele a alegria perdida e o entusiasmo que se foi com o afastamento de Nancy. Tony e Linda não são tão felizes como supõe Allan e, muito em breve, ele se sentirá atraído pela mulher do amigo, uma vez que todos os esforços do casal, no sentido de que ele encontrasse uma nova companheira, simplesmente fracassam.

Enquanto isso, de tempos em tempos, o ídolo de Allan, Humphrey Bogart, materializa-se e o instrui em relação às mulheres. Numa das cenas que pode ser assinalada como uma das mais engraçadas do filme, Bogart — interpretado por Jerry Lacy — ensina o tímido roteirista como seduzir a negligenciada mulher do amigo. Suas máximas são preciosas e fazem sucesso junto à

nossa marialvíssima plateia: «As mulheres, afinal, não são tão complicadas; jamais encontrarei uma que não se mostre sensível ao argumento de uma bofetada ou da bala de um 45».

O filme se encerra com Allan e Linda, no aeroporto, revivendo a cena inicial, vista com Bogart e Ingrid Bergman. Depois de uma noite juntos, os dois decidem que estarão melhor separados. Como nos outros filmes de Woody Allen, o final, embora repleto de efeitos cómicos, tem um quê de nostálgico, como se ele estivesse eternamente a viver a situação daquela piada do sujeito que aparece com um punhal enterrado no peito e diz:

«Não tem importância, só dói quando dou risadas.»

W.D



Archer Winsten, crítico cinematográfico do «New York Post» não é o primeiro e nem será o último crítico a descobrir um certo parentesco cinematográfico entre Woody Allen e Charles Chaplin. Também no programa distribuído no Cinema Apollo, onde «O Grande Conquistador» inicia, com sucesso, a sua terceira semana de exibição, este parentesco é lembrado. Entretanto, numa entrevista recente, o próprio Woody desconheceu esta influência. Disse ele:

«Se me perguntarem quem são os meus heróis, darei uma resposta simples e verdadeira: George S. Kaufman e os Irmãos Marx.»

Quanto a Groucho Marx, o único remanescente do trio (antes, quarteto) famoso que formou com os seus irmãos Chico e Harpo (além de Zeppo, ne época em que eles eram quatro), deu a sua opinião sobre Woody Allen:

«Dizem que Allen tem algo dos Irmãos Marx. Não é bem assim. Ele tem a sua originalidade. É o melhor, o sujeito mais engraçado que anda por aí.»

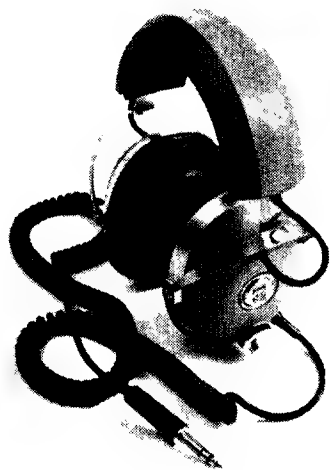
Partindo de Groucho, uma personalidade que sempre se caracterizou por uma ironia devastadora e uma irreverência quase desmedida, trata-se de

um elogio formidável, surpreendentemente sóbrio, cheio de respeito e calor. Mas, na verdade, Groucho apenas fez justiça ao talento de Woody, o comediante (actor, realizador, roteirista de filmes, autor de peças teatrais, programas de televisão e livros) que os críticos americanos estão a considerar o sujeito mais engraçado que pisa, actualmente, os palcos ou «sets» de filmagem dos Estados Unidos.

Allen é conhecido do público português. Além de «O Grande Conquistador», outros filmes foram exibidos em Lisboa e Porto, como «Que há de Novo, Gatinha?», «O Inimigo Público» e «Bananas». No primeiro, produzido em 1965, ele foi roteirista e actor, mas Peter Sellers, no papel de Dr. Sigismundo, um psicanalista maluco, acabou ficando com a glória. O segundo era um filme mais modesto na sua produção, observação que não implica numa crítica à sua qualidade. Aliás, entre nós, «O Inimigo Público» conseguiu grande êxito, ficando quase dez semanas em cartaz no Cinema Borna. Woody fazia, neste filme, o sujeito baixinho, afinal tímido e inteligente que ele é, que só encontra um jeito para amenizar o seu complexo de inferioridade — ser assaltante.

RÁDIO

RÁDIO A SÉRIO NOS "ASSOCIADOS"?



TRÊS JOVENS PROFISSIONAIS TENTAM A REVOLUÇÃO PELA QUALIDADE

Entrevista de Josue da Silva

Três jovens profissionais da rádio estão a tentar uma revolução total na programação dos «Emissores Associados de Lisboa», procurando que aquela estação emissora venha a enfileirar junto das suas congêneres mais cotadas. Alguns programas sofreram profundas remodelações e outros foram criados a partir do fim do ano, tendo em vista uma melhoria de qualidade e uma outra dimensão radiofónica no trabalho dos «E.A.L.» O nosso jornal entrevistou estes três responsáveis que nos confiaram abertamente todos os seus desejos e esperanças.

O que é que as minhocas têm a ver com a rádiodifusão? A pergunta tem o seu quê de piada revisteira. De humor á Alvaro de Laiglesia. E poderia ser ofensiva para os profissionais da nossa rádio, se na realidade a tomássemos á letra. A verdade no entanto, é que ela tem tido aplicação por parte dos rádio ouvintes dos «Emissores Associados de Lisboa». «Os Minhocas» ou a «Rádio-Minhocas» tornaram-se uma espécie de tradição com que se pretendia definir um certo trabalho de rádio que ali, nos «E. A. L.» parece ter criado raízes e frutificado. Entenda-se: por culpa própria de alguns «nomes» que por lá passaram dispostos a tudo, menos a fazer ouvintes. Uma estação de rádio, ainda da chamada rádio comercial tem de possuir um critério que ressalve as suas responsabilidades no contacto com o público. Esse critério no qual está envolvido um determinado brio profissional e uma consciência de realização nem sempre atendíveis, andou largamente arredio dos estúdios dos «Emissores Associados de Lisboa». Não agora, quando um grupo de jovens empreendedores e dinâmicos resolveu «reabilitar» os «E. A. L.» e dar-lhes uma dimensão que os coloque em paralelo com que de melhor se está a concretizar por aí em qualidade radiofónica. Assim, a «Rádio-Minhocas» morreu com o ano de 72. Em seu lugar e graças a estes jovens «atrevidos» e inconformistas, surgirá uma nova potência radiofónica disposta a dar que falar e a marcar a melhor presença em competição directa com a ouzada (ou nem tanto) programação de outras estações emissoras. Hermenegildo Gomes, João Paulo Dinis, António Sala, são os três impulsionadores da renovação que se está a processar nos «E. A. L.» Impulsionadores responsáveis, já com vasta experiência a dispensar adjectivações sonoras. Eles são rádio no corpo e no espírito. Uma equipa que nasceu para a coisa da rádiodifusão e a que, só faltava para se propulsar, chegar ao estágio actual: o duma verdadeira equipa, onde os conhecimentos técnicos e a capacidade de organizar de saber criar um público de dimensionar um programa de estabelecer coordenadas inteligentes mesmo á beirinha do puramente comercial andam de mãos dadas.

«RÁDIO-MINHOCAS» CHEGOU AO FIM

Agora outra era. Vamos ter programação «a sério» nos

«Emissores Associados de Lisboa». Melhor, essa programação já começou.

— A nossa equipa, a equipa de que eu também faço parte — começa por nos dizer João Paulo Dinis — vai acabar com essa ideia de que nos «E. A. L.» não há rádio digna do seu nome. «Rádio-Minhocas» desaparece assim, sem glória, cedendo o passo a uma actuação que, em rádio, só se pode estabelecer através de uma conjugação onde os factores profissionalismo e comercialização se encontram no único polo possível: qualidade.

Hermenegildo Gomes coloca a questão nestes termos:

— A «Alfabeta» é uma empresa proprietária de duas estações de rádio (rádio «Voz de Lisboa» e «Rádio Peninsular») e tem-se caracterizado até agora como todos os «associados», embora com uma certa melhoria de qualidade em relação aos restantes postos, pela realização de pequenos programas absolutamente comerciais, de quartos de hora e meias horas, sem função específica, sem nenhuma importância, apenas, quanto a mim, «perigosos». «Perigosos», digo referindo-me a uma certa realidade socio cultural e mesmo musical. A partir de agora — acrescenta Hermenegildo Gomes — nós vamos fazer um programa de manhã um programa de tarde e dois programas á noite, o que permite a unificação da programação local.

Em seguida, Hermenegildo Gomes explica-nos como se distribuem tarefas da equipa: o António Sala encarrega-se essencialmente do programa da manhã (Programa «Dimensão»), ele, Hermenegildo realizará o programa da tarde (Programa «Agora e Aqui»), seguindo-se pela noite, ás 22 horas o «Progressão», um programa que já é emitido há nove meses com êxito relevante e depois ás 0 horas, de 2.ªs 3.ªs, 5.ªs e sábados, o «Quatro Tempos», que se prolongará até ás duas da manhã.

— É claro que por enquanto — explica Hermenegildo Gomes — os nossos programas de manhã e de tarde ainda andarão um pouco ao sabor do tempo que temos disponível na contextura dos «associados». Assim, vai-nos ser difícil, por enquanto, repito, manter a desejada inviolabilidade do nosso tempo de programação.

Homens da rádio, todos eles têm a palavra nos lábios. Estamos reunidos na sala da programação de «Alfabetas». António Sala adianta-se:

— No programa da manhã,

cuja realização está a meu cargo, vou contar com a colaboração de Maria Helena, Carlos Pereira da Silva. Direi que acima de tudo é um programa, até pela hora a que é emitido, dedicado ás senhoras. No entanto, não vamos abdicar e tentaremos abolir por completo a ideia de que a senhora que nos escuta se engloba naquele grupo de ouvintes que preferem unicamente ouvir discos do António Mourão ou do rancho folclórico tal e tal. Acho que a mulher hoje em dia tem uma função muito mais importante do que espreitar a superfície das coisas. Dentro dessa ideia, estamos a munir-nos de uma série de bons colaboradores, tais como o médico pediatra dr. Samuel Ribeiro, que falará exactamente sobre a educação de crianças. E não esquecendo os homens, porque — contra-põe António Sala num aparte — sabemos que também há homens de manhã a ouvir rádio, teremos um especialista de automobilismo, Manuel de Sá, aos nossos microfones, vamos arranjar alguém que nos vai falar de decoração, dois actores estrão connosco a falar ao ouvinte de teatro, teatro infantil e teatro adulto e poesia, não esquecendo a música, naturalmente. E na música haverá insistentemente escolha na qualidade. Em relação á música internacional, tal escolha recairá sobre o que essa música de melhor nos pode oferecer, como é óbvio. Não vamos para já pensar que conseguiremos dar o melhor programa da manhã, entre todos os que existem, mas procuraremos que seja um dos melhores. E com o tempo talvez possamos discutir os lugares de primazia na preferência do público.

MÚSICA E CULTURA

Agora é Hermenegildo Gomes que retorna ás explicações. Para ele, o seu programa da tarde, o «Agora e Aqui», tem de atingir um público vasto, mas não só: a possibilidade de conquistar uma verdadeira audiência, de a mais contando com concorrentes de vulto, só se pode encontrar na qualidade. Além de apontamentos de reportagem a cargo de João Paulo Dinis e Carlos Pereira da Silva, e de uma rubrica com prestígio assinalada desse extraordinário profissional que se chama Américo Leite Rosa, este programa procurará o desenvolvimento cultural dos ouvintes, através da emissão de «flashes» sobre assuntos de cultura geral.

— Com o auxílio de boas enciclopédias, ofereceremos ex-

certos da história universal e da história da arte, tudo em tempo muito curto á maneira de «spot» publicitário. Tenho a consciência de trabalhar para um público heterogêneo o que me leva a pensar que as palavras e a música do meu programa têm de se dirigir a esta realidade. Não tenciono por isso mesmo, converter este programa num feudo intelectual, fechado em si mesmo, pois considero tão perigosos os grupos de «élites» como os popularuchos. O programa «Agora e Aqui» primará pelo movimento, duma maneira séria que não consentirá a brincadeira radiofónica. E por que os vencimentos de uma estação de rádio são extremamente baixos (como já disse numa outra entrevista) considero que não vale a pena vender mediocridade.

E Hermenegildo Gomes acrescentaria outras coisas. Dir-nos-ia, por exemplo, que a maior enfermidade da rádio portuguesa reside na criação, de há dez anos a esta parte, de «monstros» da rádio que, na sua generalidade não passam afinal de indivíduos subdesenvolvidos culturalmente. Terminam como directores de empresas discográficas e rea-

que apresentamos e pelos seus colaboradores. João Paulo Dinis é quem bota palavra acerca de Quatro Tempos, que terá a dirigi-lo Paulo Medeiros, estando a locução e assistência a cargo do nosso entrevistado:

— Estes programas das «horas mortas» de noite (e eu considero que «horas mortas» passaram a ser um eufemismo) têm características muito especiais — afirma-nos João Paulo. O nosso dirigido sobretudo aos automobilistas vai obrigar-nos a trabalhar em grande, pois teremos de estar ligados ás portagens, ás brigadas de trânsito e ás estradas, procurando servir o melhor possível aquela camada de ouvintes com informações sobre o tempo, volume de tráfego, desvios ocasionais e tudo o que lhes seja útil. Isto, aliado a reportagens do exterior, ás «directas» com o acontecimento e a uma preocupação de manter actualidade, vai descambar, certamente, numa programação viva e mexida em toda a linha. A parte musical terá de obedecer igualmente a este princípio de dinâmica.

João Paulo Dinis fala-nos, depois, no novo material posto á disposição dos novos programas, visto que se tornaria

Gomes, acerca da incompreensão que tem rodeado os «E. A. L.» e os que ali trabalham. Diz-nos ele que, além dos maus produtores, outro factor tem contribuído para o ostracismo da sua programação: a imprensa. Isto mesmo, sem papas na língua. «A imprensa trata-nos muito mal, faz o possível por nos esquecer, bem ao contrário de como procede com outras estações emissoras.»

João Paulo Dinis reforça Hermenegildo Gomes, apresentando exemplos como o do lançamento de certos discos em que todos os órgãos da informação e todos os emissores de rádio estão presentes por convite expresso menos... os «E. A. L.» «Há para aí uma ideia errada» — acrescenta — de que os profissionais que trabalham noutras estações (cito especialmente a «Renasença» para estabelecer melhor contraste) são os «craques» da nossa rádio. Ora isso é não apenas injusto como perfeitamente incoerente e nós vamos prová-lo. Pelo menos no que toca a «Alfabetas».

Esta é a vontade de três homens que lutam pela rádio como quem luta pela cêda diária. Agora, será necessário



António Sala, Hermenegildo Gomes e João Paulo Dinis, os responsáveis da nova linha de programação de «Alfabetas-73», dos Emissores Associados de Lisboa, falam para «DL»

lizadores de rubricas de oito e dez minutos, que talvez não contribuam para a melhoria da programação radiofónica no nosso país, mas que lhes encham as algebeiras duma forma ou de outra

A GUERRA DA IMPRENSA

O terceiro novo programa de características renovadoras dentro das possibilidades de Alfabetas e dos «Emissores Associados de Lisboa», é o «Quatro Tempos», que já conta três meses de existência, embora só a partir do fim do ano, mais propriamente a partir destes inícios de 73, entre na tal linha de revolução pela qualidade, proposta pelo trio de jovens

que os próprios «Emissores Associados» se associem realmente a este espírito de qualidade e não permitam que determinados oportunismos, para os quais a verdadeira programação é letra morta e para quem só conta o dinheiro que se tira a um par de horas de programa, interrompam ou prejudiquem um entusiasmo e um amor á profissão já patentes no que a esta hora está a ser feito em «Alfabetas».

Vamos pois escutar «Rádio-Peninsular» e «Rádio-Voz de Lisboa», que não só nos oferecem de hoje em diante, muitas horas de alegria, como também nos vão mostrar uma outra dimensão na rádio-difusão nacional.



MARIA OLGUIM

ACTRIZ HÁ 55 ANOS



... Dia 12 de Janeiro, no palco e no «écran» do Teatro de S. Luiz, Maria Olguim vai ser homenageada. Setenta e nove anos de idade, cinquenta e cinco de actividade, Maria Olguim vive presentemente da costura e habita um quarto. Recebe um conto, quatrocentos e cinquenta de reforma. Estreou-se no cinema mudo em 1922, em «Tinoco em Bolandas». Daí para cá, esteve presente em dezenas de filmes nacionais: «Ala Arriba» (1942), «O Costa do Castelo» (1943), «A Menina do Rádio» (1944), «O Hóspede do Quarto 13» (1946); «Um Homem do Ribatejo» (1946); «Os Vizinhos do Rés-do-Chão» (1947), «Viela, a Rua sem Sol» (1947), «Leão da Estrela» (1947), «Não Há Rapazes Maus» (1948), «Uma Vida para Dois» (1948), «Heróis do Mar» (1949), «A Morgadinho dos Canaviais» (1949), «Vendaval Maravilhoso» (1949), «O Desterrado» (1949), «A Volta do José do Telhado» (1949), «Cantiga da Rua» (1949), «Frei Luís de Sousa» (1950), «O Grande Elias» (1950), «Sonhar é Fácil» (1951), «Saltimbancos» (1951), «Madragoa» (1951), «Nazaré» (1952), «Parabéns, Senhor Vicente» (1954), «Vidas Sem Rumo» (1956), «O Noivo das Caldas» (1956), «O Tarzan do 5.º Esquerdo» (1958), «A Costureirinha da Sé» (1959), «O Primo Basílio» (1959), «Encontro com a Vida» (1960), «A Ribeira da Saudade» (1961), «Retalhos da Vida de um Médico» (1962), «O Crime da Aldeia Velha» (1964), «O Trigo e o Joio» (1965), «Lotação Esgotada» (1972).

A entrevista que a seguir publicamos, fala por si só, na sinceridade das suas contradições, na ingenuidade de certos pressupostos. Por si mesmo se justifica a justiça da homenagem.

— Maria Olguim: a sua carreira de actriz estende-se ao

era muito melhor que a de hoje... tinha muito mais graça, mais belas mulheres do que agora tem, sim!, porque agora são manequins, mais nada...

— Mas então, conte lá como é que era. Nós não vimos a «revista» desses tempos, assim como a maioria do público

Macedo, a Luz Veloso (também trabalhei com ela numa revista chamada *Cabra Cega*)... Com quem me lembra de ter trabalhado foi com a Deolinda Seial, a Dina Teresa (a que fez a *Severa*), a Anita Salambó, a Maria das Neves... Olhe, artistas que chegavam ao palco e en-



Helga Liné, Maria Olguim, José Victor e Manuel Correia no filme «Saltimbancos».

teatro e ao cinema, mas sobretudo ao cinema, não é verdade?

— Sobretudo cinema, mas também trabalhei muito no teatro, mas muito mesmo! Com o Alves da Cunha, com a Cremilde de Oliveira e com outros empresários que já morreram.

— A sua carreira inicia-se no teatro ou no cinema?

— No teatro. Comecei a trabalhar com amadores, na Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz.

— Onde é que nasceu?

— Em Castelo Branco.

— Pode-se saber quando?

— A 26 de Abril de 1894.

— Com que idade aparece no teatro?

— Aos vinte e sete anos. Como amadora, aos vinte e quatro. Depois fui para o Porto e comecei a trabalhar na revista.

— Lembra-se ainda de algumas «revistas» onde tenha entrado?

— Trabalhei no *Tiro ao Alvo*, *Revés, Belo Sexo*, *O Reino das Mulheres*, *Caldo Verde*, *Ramboa* e tantas outras... Foi aí que eu comecei a trabalhar. Antigamente, as companhias iam para o Porto e demoravam-se sete e oito meses por lá. Muitas das actrizes que entravam na revista aqui em Lisboa, eram substituídas no Porto. O Alves da Cunha ia para lá, pelo S. João, e chamava-me sempre. Trabalhei em todas as revistas montadas no Porto pelo Alves da Cunha.

— Como é que era a «revista» nessa altura?

— A revista, nessa altura,

de hoje...

— Olhe, a gente não entrava de pernas nuas, que parecia mal. A única pessoa que entrou, aliás quem estreou as pernas nuas na «revista», foi uma pequena que se chamava Judite de Sousa. Fazia o papel de uma boneca e vinha de pernas ao léu. Eu tinha então para aí dezanove anos... Foi por volta de 1915...

— E, como estrutura, a revista era muito diferente da de hoje?

— Não. Era tal e qual a mesma coisa, com *compere* e tudo. Mas era muito mais engraçada, com números de fantasia... E então as apoteoses eram uma maravilha!... Não era só aparecer todo o corpo da companhia... A cena desmanchava-se toda e ficava outra coisa. Parecia o paraíso. Ficava outra coisa diferente do que é agora. Agora é só aquela coisa das raparigas a descer as escadas e mais nada. Piruetas e mais nada... Não viu aqui em Lisboa uma revista que se chamava *Maré de Rosas*? Não, não viu! Nessa altura... Era uma maravilha. No final, o palco não se via. Era tudo rosas. Não sei como é que eles faziam. Aquilo é que eram montagens! Nem sei como é que eles faziam aquilo!...

— Lembra-se ainda de alguns nomes de autores de música e de poemas?

— Já não me lembro. Dos empresários lembro-me alguns. O Oscar de Sousa, o primeiro empresário com quem trabalhei. O Otelo de Carvalho,

chiam o palco. Agora, não...

— Entre os novos da revista de hoje...

— Nada, nada... Não há ninguém. A única pessoa que ainda gosto de ver é a Laura Alves. Mais nada! Não vejo artistas como as daquele tempo...

— Tem visto novas «revistas»?

— Não. Por acaso não vou. Os bilhetes são muito caros e eu não tenho dinheiro para pagar...

— Ainda trabalhou com o António Silva, com o Vasco Santana?

— Com todos. Com Vasco Santana, com o António Silva... AH, o António Silva! tenho umas saudades dele... Trabalhei em quase todas as fitas com ele. E com o Alfredo Ruas, com muitos que já morreram...

NO CINEMA

— No cinema aparece quando?

— Estreei-me no *Ala Arriba*, em 1942...

— E antes, não houve qualquer coisa?

— Houve o *Tinoco em Bolandas*, mas não fazia papel quase nenhum. Nem falávamos. Era ainda mudo. Eu era uma das criadas. Só me lembra disto: nós éramos os criados e fazíamos uma grande orgia, quando o patrão saía. Íamos buscar o champanhe, íamos para a sala, e, quando ele aparecia, era uma festa...

— Isso foi em 1922. «Ala Arriba» é de 1942. Entre os dois filmes, o que é que fez?

— Trabalhei em teatro e tinha um atelier de costura no Porto. Era modista. Por isso nunca saía do Porto. Sempre no Porto. Quando iam as outras companhias lá, eu entrava; quando as companhias iam embora, eu saía e ficava só com a costura. Só vim a Lisboa, uma vez, numa *tournee*, com o Alves da Cunha. Ele pediu-me e eu vim, com Primorosa, *As Pupilas do Senhor Reitor*, *A Taberna*... Quando acabei as peças, fui-me logo embora...

— Portanto, em 1942, Maria Olguim começa a sério com o cinema. «Ala Arriba» é de Leitão de Barros.

— Olhe, estreei-me assim: Um dia fui ao Batalha, ver *A Dama do Tálxi*, que era a história do Augusto Gomes, que matou a mãe da Laura Alves, e fizeram um filme... Eu fui ver, e pensava assim: ai quem me dera ser actriz de cinema. Mas com a minha idade já ninguém me quer. Não sou nenhuma vampa!... Já tinha mais de quarenta e cinco anos. Mas, quando vinha a sair do Batalha, o assistente do Leitão de Barros chamou-me, perguntou se eu era a Maria Olguim, disse que estava farto de me procurar por todos os lados, que o sr. Leitão de Barros queria convidar-me para entrar num filme, se eu estaria interessada... «Nem me diga, se eu gostava de entrar!» «Então amanhã vá ao Hotel Batalha». Que maravilha!, pensava eu. No dia seguinte lá fui. Deram-me um papel com as instruções, com o diálogo que tinha de dizer, disseram-me para seguir à risca o que dizia o papel e eu lá disse. O Leitão de Barros ouviu um bocado, disse: «pronto, não é preciso mais nada, a senhora faz o papel». Foi assim que fui contratada.

— Qual é a opinião do Leitão de Barros?

— Um belíssimo realizador. Um homem que sabia o que fazia. Dirigia muito bem os actores. Olhe assim um bocadinho mal educado, às vezes. Era dos nervos: Mas, em todo o caso, era uma maravilha trabalhar com ele. Depois de *Ala Arriba* fiquei logo contratada para o *Costa do Castelo*, do Arthur Duarte, depois foi a *Menina da Rádio*, *O Leão da Estrela*... Depois nunca mais me largaram...

— Além do Leitão de Barros e do Arthur Duarte, com que realizadores trabalhou mais?

— Trabalhei com o Leitão de Barros, o Arthur Duarte, o Manuel Guimarães, o Henrique de Campos, o Brun do Canto, em Espanha, com o Ladislav Vajda... Em Espanha rodei *O Hóspede do Quarto 13*, do Arthur Duarte, e *A Viela*, do Ladislav Vajda... Ainda entrei em *Parabéns, Sr. Vicente*... Fiz lá três filmes...

— Entre os realizadores portugueses, com quais gostou mais de trabalhar?

— Com o Guimarães e o Arthur Duarte. Com o Guimarães, porque já somos amigos há muito tempo, já sei muito bem o que ele quer... Com o Arthur Duarte, passa-se a mesma coisa... Os meus melhores filmes foram com o Guimarães e o Duarte...

— Quais são os filmes que prefere?

— Os dramáticos. Gosto dos *Saltimbancos*. Tenho uma paixão pelos *Saltimbancos*. Mas também gosto muito do *Leão da Estrela*, do Arthur.

UMA HOMENAGEM

— A ideia da sua festa de homenagem partiu de quem?

— Da revista «Plateia».

— Porque é que a «Plateia» lhe faz esta festa de homenagem?

— Eles disseram que era porque eu merecia esta festa. Também o dr. Caetano de Carvalho e o dr. Félix Ribeiro anuíram logo, dizendo que eu era merecedora de uma festa.

— O que é que constitui o programa da festa?

— A exibição do *Ala Arriba*, de Leitão de Barros, e alguns excertos de outros filmes que interpretei, donde se escolheram algumas das minhas melhores cenas. Além disso, haverá ainda um acto de variedades, para que o público não fique aborrecido de ver só fitas. Fitas que já viu. No acto de variedades, irão aparecer a Orquestra da Emissora Nacional, o Ballet de Verde Gaio, a Carmen Dolores a recitar, o António Vilar que recita Camões, a Laura Alves, que vai interpretar comigo uma cena do *Costa do Castelo*, eu vou apresentar os artistas. Vai também o Calvário, a Milú, a Maria de Lurdes Resende, o Manuel Fernandes... Todos eles vão cantar músicas de filmes antigos... Por agora é tudo.

— Diga-me uma coisa: a receita da festa reverte a seu favor?

— Dizem que sim. Que me dê ao menos para sair da situação de viver num quarto, que já estou tão farta... Trinta anos a viver num quarto, é muito...

— Porque é que nunca conseguiu sair desse quarto?

— Nunca consegui porque o dinheiro não chegava. Mesmo quando as rendas eram baratas, eu não ganhava o suficiente para poder pagar a renda. Além disso, como vivo só sempre pensei que vivendo com uma família, viveria menos isolada. Mas nem isso...

— A Maria Olguim vive hoje em dificuldade. Vive num quarto. Gostaria de ter uma casa. Não acha estranho que uma pessoa, como a senhora, chegue aos setenta e nove anos e tenha ainda que andar a trabalhar, por um lado, e, por outro de estar à espera de festas de homenagens para poder sair desse quarto? Não acha que, como qualquer funcionário público, deveria ter um ordenado, uma reforma...

— Mas eu sou reformada. Há uma Caixa de Previdência que me dá, agora, um conto, quatrocentos e cinquenta. Mas, davam-me quatrocentos e vinte escudos. Comecei até por receber duzentos e cinquenta escudos. Isto há dois anos, dois anos e meio. Mas eu... francamente, aquilo não se dava a ninguém, nem recebi. Depois, fui falar com o ministro das Corporações, era então o dr. Gonçalves Proença, e disse-lhe. Ele foi muito gentil, recebeu-me muito bem, e aumentou-me de duzentos e cinquenta para um conto de reis. Só há alguns meses é que me voltaram a aumentar para um conto quatrocentos e cinquenta. Mas é uma reforma que não vale quase nada.

— Portanto, cada actor português tem direito a uma pensão, logo que se reforme...

— Sim a partir dos sessenta e cinco anos. Mas, eu não sabia e só me reformei muito mais tarde. Foram alguns colegas meus que me disseram que eu me podia reformar e que trataram dos papéis, porque eu não sabia nada disso...

— Portanto, cada artista de teatro e cinema tem direito a uma pensão, logo que se reforme. A sua pensão, sem a boa vontade do sr. dr. Gonçalves

Proença, era duzentos e cinquenta escudos. Mas, outras artistas têm uma pensão um pouco maior. Porque é que a sua era mais pequena do que as outras?

— Não sei... Olhe, são coisas que a gente nem sabe o que há-de dizer... Trabalhei sempre no teatro e no cinema, há cinquenta e cinco anos. Deram-me a caderneta da Caixa de Previdência e, quando me fui informar, disseram-me que não tinha lá nem um tostão. Porque a gente desconta para a Caixa. Mas não tinha lá dinheiro nenhum. Eu disse: «Mas eu descontei sempre, desde que trabalho.» Ora eu descontava nas empresas mas elas ficavam com o dinheiro e não mandavam para a Caixa. Por isso tive direito a tão pouco dinheiro. Nem sei mesmo como me reformaram. Foi um grande favor que me fizeram... Até o dr. Gonçalves Proença me disse: «É isso mesmo. Mas isso não acontece só no teatro. Tem acontecido em muitas coisas. Recebem o dinheiro e não dão contas à Caixa.» Ainda agora muitos actores se queixam. Já me disseram que, logo que a gente entra para uma peça, deve logo telefonar para a Caixa a avisar: «Olhe que eu estou a trabalhar no Teatro tal a partir de hoje...» Mas, quando me deram aqueles duzentos e cinquenta escudos, não fiquei contente, não... Duzentos e cinquenta escudos! Então isto é que é uma reforma? Fui logo ao Ministro. Eu sou assim: «o que hei-de dar ao rato, dou logo ao rato». Ele recebeu-me muito bem, disse que já sabia do que se tratava, que ainda não tinha lá o processo, que devia de haver alguma coisa para a pensão ser tão pequena, e a verdade é que, da Caixa, disseram que eu não tinha lá nem um tostão.

— Para terminar: a sua festa de homenagem tem tido muita colaboração?

— Têm sido muito carinhosos. Cartas muito lindas de vários sítios. Muitas prendas, coisas insignificantes, que eu estimo como se fossem de muito valor, e uma prenda que me sensibilizou muito. Foram os Armazéns Monteiros, os donos, que me ofereceram o tecido para o vestido para a festa. Eu fiz o vestido... Tenho episódios lindos. Por exemplo: uma senhora, que foi à papelaria em frente da casa onde moro, e perguntou-se eu morava ali perto. Dizem-lhe eu moro. E, dois dias depois, quando entro em casa, dizem-me que está ali um presente, que uma senhora veio trazer. Uma senhora que disse que gostava muito de assistir às festas de homenagem, mas que me queria oferecer esta prenda. Como eu não estava, ela deixou ficar. Quando desembrulhei, fiquei sensibilizada. Ainda hoje não sei quem foi a senhora. Mas a prenda era três postas de bacalhau, um quilo de arroz, um quilo de açúcar, um pacote de massa, um litro de azeite, três pasteis de nata e três maçãs. Não imagina: fiquei tão sensibilizada, tão agradecida... Aquela lembrança teve tanto valor, como qualquer outra coisa de muito mais valor.

LAURO ANTÓNIO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Portírio Silva Carreira. Rua Projectada à Escola, Casal de S. Vicente MURTAL

MÚSICA E TV

Domingo à noite:

Clara na noite escura

Quando Clara Nunes apareceu, já tinha cantado, com um sucesso incrível, Gabriel Cardoso e Rui de Mascarenhas, já Florbela tinha des-pachado outro mau texto (ainda não lhe deram um que lhe servisse e nos servisse), já a menina pequenita tinha subido por duas vezes ao palco para entregar ramos de flores a Mascarenhas e à Florbela, já Henrike Langele e Maria Dilar tinham cantado uma coisa cada. Quando Clara Nunes apareceu, já tudo estava feito.

AMOR CONJUGAL

Cantou Gabriel Cardoso e disse, cantando, que «amava a vida» como se fora «um amor conjugal». Não Gabriel. Não pode ser. Você canta, mas não pode cantar isso. Porque isso não se diz, não se pode dizer. Não é assim que você dá alguma coisa às pessoas para quem canta. Eu bem sei que pessoas ligam muito mais à toada musical do que às palavras mas, sabe como é, as pessoas trauteiam.



Norberto de Sousa acompanhou Florbela. Fizem o que puderam...



Clara Nunes: a melhor presença de «Domingo à Noite»

vão dizendo, inconscientemente, as palavras, e as palavras inconscientes são, logo a seguir àquelas que, conscientes embora, jogam com a inconsciência dos outros, as piores.

Depois, Rui de Mascarenhas cantou por quatro vezes. Não, propriamente, canções de revolta, mas canções de reviravolta. E, se a música que Mascarenhas canta não deu um salto para a frente, as palavras ficam-se pelo que não quer dizer nada, cobertas por uma pátina de progressismo de fachada. A última das canções foi um apelo: «Jesus come back to us» — Jesus, volta pata junto de nós. Com aquele volume de voz, com os gritos tão altamente gritados, Jesus, lá em cima, deve ter ouvido, até, o «feed back» que a aparelhagem se viu obrigada a fazer.

CLARA

Veio, então, depois de Elsa Saque mal entrevistada e a cantar bem, Clara Nunes. Vinha, como ela própria fez notsr, vestida de lemanjá. Para cantar de sorriso aberto na noite escura. Vinha balançar seu corpo, mostrar seu dente, dar seu recado. Mas o recado que Clara deu não era o que se esperava que desse a que foi considerada (como?) a melhor intérprete brasileira de 1972.

Clara canta bem, tem um passado de samba que lhe dá muito do que consegue transmitir. Certo. Mas Clara não é Elis nem Bethânia. Nada que se pareça. Clara Nunes veio adiar a esperança que alguns nomes já anunciados para próximos «Domingos à Noite» nos dão.

Nuno Gomes dos Santos



Roger Schueler: um maestro que era um espectáculo.

JAZZ DE ASAS CORTADAS

Um maestro impecavelmente vestido e, no entanto, mascando pastilha elástica, dezoito executantes perfeitos, mas alinhados como numa orquestra tradicional, um trombetista capaz de arrancar sons «selvagens» a um instrumento, um trombonista entre os melhores e tudo o mais que fez do Monumental um espaço para o jazz, com a «Millikin University Jazz Lab Band», de Illinois, não chegou para preencher a imagem deixada por um festival realizado em Cascais como que há muito tempo.

Era diferente. Não apenas porque os músicos eram todos brancos, mas também porque havia um maestro que marcava o compasso e cada executante tinha diante de si uma pauta que seguia rigorosamente. Estávamos bem longe da criatividade de Elvin Jones ou de Jean-Luc Ponty. E, se não fosse aquele maestro (Roger Schueler) vibrando, o corpo seguindo o ritmo, o rosto extravasando entusiasmo, diríamos estar perante um exercício escolar, pretensamente certinho, para apreciação de um júri formal, rigoroso e velho.

UM CERTO FRIO

O público português já mostrou gostar do jazz so-frido do negro americano. Mas também já teve oportunidade de provar que, se vier um branco da craveira de Jean-Luc Ponty, mesmo apoiado num instrumento clássico, é capaz de vibrar sem reservas, como faz perante as interpretações no velho estilo de Duke Ellington ou Count Basie.

Ellington e Basie foram precisamente os dois nomes com que abriu concerto da «Millikin University Jazz Lab Band». Mas o fascínio dos nomes e a identifica-

ção das músicas não chegou para dissipar o frio que começava no estar sentado, rigorosamente, numa plateia convencional e acabava na rigidez da interpretação.

UMA VEDETA DESLOCADA

Já o programa estava longe de ser rígido. Começando com interpretações da «grande orquestra», prosseguia com uma formação reduzida, interpretando baladas de jazz, para, em seguida, um outro grupo dar a sua versão de alguns dos grandes sucessos rock, regressando-se, finalmente, à constituição inicial, com a orquestra a tocar em pleno.

Entretanto, houve uma vedeta. O director revelou o nome, que não disse nada ao público, mas tratava-se, certamente, de uma vedeta: pela maneira de vestir (diferente), de sorrir, de cantar. Não tanto por isso, como por a sua voz não agradar, a «senhora de azul» seria mimosiada com assobios, vaías e um pedido insistente para que se retirasse.

Quando isso aconteceu, estava quase a terminar um concerto de jazz universitário que amornou uma tarde de Janeiro, em que centenas de pessoas tinham procurado um pouco mais do que isso: calor.



«The Millikin University Jazz Lab Band»: faltou a criação. «Ellington e Basie, foram precisamente os dois nomes com que abriu o concerto, mas o fascínio dos nomes e a identificação das músicas não chegou para dissipar o frio que começava no estar sentado, rigorosamente, numa plateia convencional e acabava na rigidez da interpretação.»

TROCO

Os seus móveis usados por modernos ou de qualquer estilo, temos grande variedade em exposição. Fabricamos por desenhos. Facilidades de pagamento.

ARMAZENS
DE MÓVEIS
JORGE

Avenida Almirante Reis, 35
(perto da igreja dos Anjos)
Tel. 83 21 61

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Inácio Ferreira, R. Manuel Maria Vieira, 7 ALVERCA



Rui de Mascarenhas gritando por Jesus

O filme do filme



Barbra Streisand e Ryan O'Neal: os «heróis do filme de Peter Bogdanovitch que Lisboa vai ver ainda este mês

CINEMA

"Que se passa, doutor?" Peter Bogdanovitch responde

Considerado pela crítica inglesa a melhor comédia do ano, o filme «Que se Passa, Doutor?» (What's Up Doc?), de Peter Bogdanovitch que a Warner Bros. se apresta para candidatar os «Oscar», foi o escolhido para estrear uma nova sala de exibição de Lisboa, a do cinema Castril, instalado no edifício do mesmo nome e que abrirá ao público ainda este mês.

Apesar dos últimos filmes em que Barbra Streisand participou terem sido musicais («Funny Girl», «Hello Dolly!», «On a Clear Day You Can See Forever»), «What's Up Doc?» não o é. Trata-se de uma comédia muito bem recebida pelo público e na qual «miss» Streisand canta uma canção de Cole Porter — «You're the Top».

Não é, aliás, a única canção que a cantora-atriz interpreta no filme. Recuemos um pouco no tempo e lembremo-nos do filme «Casablanca», com Humphrey Bogart no protagonista. Nesse filme, uma canção com já alguns anos reconquistou o sucesso quando foi interpretada ao piano por Dooley Wilson. Tratava-se de «As Times Go By». Pois em «Que se Passa, Doutor?» Barbra Streisand interpreta, de novo, a canção, não a completando, recordando-a apenas, e fazendo-nos recordar os filmes de Bogart, Ingrid Bergman e Paul Henreid.

Neste filme, que Lisboa verá em breve, Barbra Streisand contracena com Ryan O'Neal, que toda a gente conhece de «Love Story» e que muito pouca gente vai reconhecer em «What's Up Doc?» Ou

não fôra a mão segura de Peter Bogdanovitch a produzir e realizar a fita...

«Que se Passa, Doutor?» é uma comédia. Nela se conta a história de Howard, um musicólogo que encontra a irreverente Judy numa convenção de musicólogos em São Francisco, Califórnia. Howard e Judy (Ryan O'Neal e Barbra Streisand) encontram-se várias vezes, em situações inacreditáveis, e acabam por se apaixonar. Quais são essas situações e como acontece o «happy-end» não vamos contar: o filme vive essencialmente disso. E do «jeito» que Bogdanovitch tem para o cinema claro.

O filme conta com Kenneth Mars, Austin Pendleton, Sorrel Booke, Michael Murphy e Madeline Kahn, nos papéis secundários e baseia-se numa história concebida pelo próprio Bogdanovitch. Em princípio tudo isto são garantias. A menor não será, com certeza, o facto de Peter Bogdanovitch ter sido o realizador do filme «The Last Picture Show», uma obra que Lisboa, infelizmente, não vai ver.



Viaje para o PORTO durante a noite!

a partir de agora
maior disponibilidade
de lugares
nas carruagens-camas

viaje
de comboio!

Caminhos de Ferro Portugueses

A SURPRESA
DA ÉPOCA
VISITA LISBOA

DESPORTO

O PIONEIRO BOAVISTA JOGA HOJE COM O "LEADER"

Com 20 pontos na classificação geral (13 conquistados em casa e sete fora), o Boavista apresenta-se hoje à tarde no Estádio da Luz numa posição que certamente ninguém previa antes de o campeonato principiar: terceiro lugar.

Quem diria, ao ver o calendário (quando os jogos foram sorteados) que no relvado do Benfica, à 17.ª jornada, se defrontariam nada menos que o primeiro e o terceiro da classificação? Pois é isso mesmo que acontece, para surpresa de muitos, arrelia de outros e alegria dos «axadrezados», erguidos à categoria de melhor equipa de fora de Lisboa.

Como foi isso possível? A pergunta que por aí se faz encontra da parte do técnico brasileiro (campeão do mundo) que orienta agora os homens do Bessa, a seguinte resposta:

— A nossa primeira volta foi muito boa, tivemos poucas contusões, podendo usar sempre o mesmo «quadro». Os jogadores conjugaram-se bem e apenas tivemos como problema a suspensão de Amândio a meio da prova. Por isso tudo correu bem e estamos satisfeitos: tanto pelo futebol que realizámos como pelo número de pontos que lhe corresponderam.

Explica também mais detalhadamente, como conseguiu tal proeza, pois de proeza se trata alçar um clube, que correu riscos de despromoção na época anterior, até ao terceiro lugar:

— Começámos claudicantes, com duas derrotas «bravas». A equipa partia pelo meio campo, de onde tinham saído Franguito, Celso e Jorge Félix. Houve que organizar esse sector para suprir as faltas. Felizmente, já existiam no clube os jogadores necessários (Barbosa e Branco) sendo apenas preciso dar-lhes moral e treino. Contrataram-se, também Lobo e Acácio, dois bons elementos. Com eles

e o juntar nos sete futebolistas básicos com que partimos para o campeonato, conseguimos umas 13 unidades válidas. O «plantel» ainda era pequeno e continuámos a procurar reforços. Veio o Salvador (com o qual já havia negociações) que é um futebolista excepcional e fomos à terceira divisão buscar o médio Domingos, contratou-se Canhoto (muito experiente) Leal, (que era reserva em Guimarães e Celso, que foi promovido senior. Passámos também a contar com mais três juniores aptos a jogar: José Manuel (lateral direito), Mota (médio volante) e Serafim (guarda-redes). São 20 jogadores que me deixam sossegado para o resto do campeonato.

— Com este material humano, que característica básica imprimiu ao «team», para produzir tão bons resultados?

— A rapidez. Tentei adaptar o quadro às tendências dominantes dos jogadores do Boavista. Como são (geralmente) muito rápidos, o padrão-base teria de ser a rapidez. Isto evidenciou-se com a entrada de Salvador. A sua velocidade casou-se com a da equipa e hoje os nossos objectivos, neste aspecto, estão conseguidos.

SEMPRE NA VANGUARDA

O Boavista é o mais antigo clube português dedicado ao futebol. O «association» foi introduzido por um grupo de ingleses que trabalhava na fábrica Graham, da avenida da Boavista, juntamente com os muitos operários portugueses da fábrica, fundaram «The Boavista Footballers», para rivalizar com o «Oporto Cricket and



O «team» dirigido por Aimoré Moreira.

Lawn Tennis». Foi (igualmente) o Boavista o primeiro clube a introduzir o profissionalismo em Portugal, por volta de 1933, não tendo vincado a iniciativa porque os demais clubes boicotaram os «axadrezados», alegando que não jogavam profissionais (que longe vão esses tempos...)

O estádio do Boavista foi durante muitos anos o melhor do Norte do país e, com as obras realizadas ao longo do tempo, o Bessa passa a ser também o primeiro estádio ao estilo inglês, com bancadas cobertas em toda a sua extensão, e lugares excepcionais para ver futebol: muito perto do campo, com um ângulo de visão excepcional. O vanguardismo futebolístico dos homens do Bessa manifesta-se já noutro aspecto. Estão a antecipar quase todos os jogos do campeonato para as tardes de sábado, o que quebra com as tradições nacionais e se adapta ao que hoje se pratica na Inglaterra e Alemanha. Os resultados são excelentes, pois ainda

no sábado passado, contra o Vitória de Guimarães, o Bessa transbordava de público.

Neste momento, o Bessa (que custou 12 mil contos na nova fase), comporta 27.000 lugares, divididos por 5.500 «peões» (únicos descobertos), 16.000 «superiores» e 5.500 bancadas. Desta lotação, sete mil lugares são reservados aos sócios (apenas 5.000 têm as quotas em dia), estando no pensamento da direcção, presidida pelo dr. Cordeiro dos Santos, aumentar a massa associativa para a dezena de milhares.

Estes quase trinta mil espectadores não são, hoje, tão fleumáticos como os de há 50 anos, nos bons tempos das lutas Boavista Footballers-Oporto Cricket. Contam os mais antigos que, nos intervalos dos jogos, as senhoras (familiares de jogadores e directores) traziam cadeirinhas de casa e bules de chá, regalando-se durante o intervalo com umas chávenas quentinhas da britânica bebida... No

sábado passado, no jogo com o Guimarães, o público passou os 15 minutos de paragem em alta gritaria e assobiadela, quase armando zaragata porque era demasiado a assistência para a lotação do recinto. Até nos lugares, em princípio reservados, se acabou o jogo de pé, por quase impossibilidade de visão em boas condições.

O Boavista, que conquistou o seu primeiro título oficial em 1913 (derrotando o F. C. do Porto na final do campeonato da 1.ª categoria da Associação) foi campeão da II Liga Nacional em 1936/37, campeão nacional da II Divisão em 1949/50 e, em 1951/52, conquistou a sua melhor classificação de sempre: um 5.º lugar na I Divisão.

Este ano, o «team» bate-se pelo terceiro posto o que seria sensacional. O primeiro «internacional» do clube foi o guarda-redes Casoto, que em 26-12-1926 jogou pela selecção contra a Hungria (empate 3-3, no Porto) garantindo os histo-

riadores que se tratava de um grupo de futebolistas húngaros, de dois clubes, e nunca a selecção nacional. Depois de Casoto, brilharam ainda os irmãos Caiado e Serafim Baptista.

O «PLANTEL» E OS RESULTADOS

Treinado por Aimoré Moreira (18 anos como treinador, 57 de idade, campeão do mundo como técnico do Brasil no Chile — em 1962 e um senhor do futebol mundial), em colaboração com Garcia, o Boavista reúne neste momento o seguinte «plantel»: guarda-redes — Victor Cabral, Barrigana e Serafim; defesas: Bernardo da Velha, Lobo, Leal, Mário João, Franque, Amândio e José Manuel; médios: Barbosa, Branco, Acácio, Aleixo, Mota e Domingos; avançados: Moinhos, Salvador, Canhoto, Tai e Celso.

Deste bloco, têm jogado ultimamente, como titulares, Vitor Cabral, Bernardo da Velha, Mário João, Amândio, e Lobo; Barbosa, Branco e Acácio; Moinhos e Salvador. Fraque, Aleixo e Celso também actuam com frequência na primeira categoria. Barbosa, Moinhos e Amândio estão a participar nos treinos da selecção de «Esperanças», devendo jogar pelo menos os dois primeiros.

Quanto a resultados, avultam as vitórias sobre o Sporting (3-2, em casa), Porto (3-1), União de Coimbra (3-2) e União de Tomar (1-0, igualmente em casa) e os triunfos fora, sobre o Atlético (4-2). No total, o Boavista soma 20 pontos (os mesmos do Sporting como fruto de oito vitórias, quatro empates e quatro derrotas. Sensacional: marcou tantos golos quantos sofreu (26). Contra o Benfica, na segunda jornada do campeonato, o Boavista sofreu, em casa uma derrota de 3-1. E hoje, como será?

DANIEL REIS

NO NOVO ESTÁDIO DO BESSA

A multidão está ali, a dois passos dos jogadores que mais aplaude. E o Boavista, onde a juventude é nota grada, vai dando alegrias aos seus adeptos. Aqui foi contra o Vitória de Guimarães: a inteligência de Mário Wilson não bateu a experiência de Aimoré.



DL/DESPORTO

Por ORLANDO DIAS AGUDO

A SEMANA NACIONAL

Fim de ano em cheio para a turma de honra do F. C. do Porto: veio ao Estádio Nacional conquistar um resultado que há vinte anos se lhe negava: três-zero ao Sporting representando um feito espectacular mesmo tendo em conta o fraco rendimento que a turma leonina tem vindo a demonstrar na presente época.

Começou pois, da melhor forma, o fim de ano dos portistas: porque o balanço que uma vitória destas empresta a qualquer turma tem (forçosamente) que se reflectir nos jogos seguintes. Ao invés, a derrota leonina teve o condão de trazer a primeiro plano alguns segredos escandalosos no plano da preparação e comportamento dos jogadores, resultando daí uma onda de renovação que se adivinha próxima da concretização.

Oito atletas portugueses alinharam em quatro provas de S. Silvestre. De S. Paulo à Madeira, passando por Luanda e Madrid, camisolos do continente estiveram presentes em corridas de fim-de-ano, tendo conquistado uma série de classificações honrosas. Em S. Paulo o veterano benfiquista Carlos Tavares, correndo ao lado de autênticos «monstros» do atletismo mundial, conseguiu a 23.ª posição, que em valor absoluto, não se poderá equiparar ao extraordinário segundo lugar de Carlos Lopes, conquistado em Luanda. Em Madrid, Aniceto Simões e Fernando Mamede, classificaram-se em 5.º e 6.º (respectivamente) para, no Funchal, os atletas metropolitanos conquistarem quatro dos seis primeiros lugares: Morujo Júlio foi segundo, Fernando Assis foi terceiro, Américo Barros foi quinto e Vasco Pereira o sexto.

No conjunto, bom comportamento dos atletas de Portugal europeu, a prometerem alguma coisa para o ano de 1973.

Na Holanda (mais propriamente em Groningen) o jovem Vladimiro Miranda é notícia de sensação: no campeonato da Europa de juniores, em xadrez, consegue bater os adversários mais cotados, classificando-se em segundo lugar no grupo C. Claro que não se pode sonhar com uma vitória absoluta do nosso jovem xadrezista, mas o seu feito pode e deve ser realçado pelo que representa de esperança a nível internacional.

A selecção nacional voltou ao relvado do Jamor para mais



Peres e o dr. Brás Madaleno: entre ambos, o balançar da orientação das gentes sportinguietas.



No Jamor, o técnico Peres Bandeira é escutado pelos juniores da selecção.



O F. C. Porto que conquistou uma das vitórias nacionais mais retumbantes da sua história. Em cima, a contar da esquerda: Manhiça, Rolando, Guedes, Gualter, Pavão e Rui. Ajoelhado: Celso, Abel, Oliveira, Flávio e Ricardo.

uma sessão de treino que serviu (apenas) para sublinhar os bons momentos que atravessa-

sam os benfiquistas Toni e Eusébio e o portista Abel. José Augusto continua a preparar o

onze nacional com vista à próxima campanha internacional: onde está em jogo a qualificação do nosso futebol para a fase final do próximo Campeonato do Mundo, em Munique. Será que as boas figuras feitas em Inglaterra (em 1966) e o brilhante comportamento na Mini-Copa (em 1972) vão ter continuidade?

Ao aeroporto de Lisboa, chegaram duas novas esperanças do futebol português. Pelo menos, dois candidatos a «estrelas»: Melo (vindo de Moçambique para a Benfica) e Herédia (do Barcelona para o F. C. do Porto). Se de Moçambique já vieram excelentes valores para o futebol metropolitano (Costa Pereira e Juca, sem falar de Eusébio), das estranhas têm vindo jogadores recheados de fama que não conseguiram vingar entre nós. E é caso para perguntar se Herédia vem para pisar o caminho trilhado por Di Pace (por exemplo) ou Mosquera...

A derrota do Sporting (frente ao bloco de Riera) somada aos insucessos desta meia época, fizeram encher o dique de descontentamento das gentes leoninas. Durante alguns dias a coisa ainda passou despercebida mas no meio da semana a «bomba» rebentou: a direcção escolhida na última assembleia geral recusa-se a tomar posse, pelo que uma comissão de figuras leoninas estuda a constituição de um outro elenco directivo. E, enquanto isto decorre nos bastidores Peres (tido e considerado como o grande ausente da equipa) surge aos olhos de quem quis ver, a assistir a um treino dos seus antigos colegas. Sinal de que qualquer coisa de importante está para acontecer...

Recomeça o Nacional de andebol com um jogo de grande sensação que pode lançar alguma luz sobre o futuro campeão: o Sporting - Porto. Para assistir a este encontro, o Pavilhão dos Desportos foi pequeno para albergar os interessados no desfecho do embate: porque o F. C. do Porto tinha apenas uma derrota (frente ao Benfica) e o Sporting havia «cilindrado» (duas semanas antes) o único vencedor da turma portista.

E aqui está como uma semana começou com um Sporting-Porto e terminou (também) com «leões» perante portistas...

CABRITA: 20 anos de vida

Por NEVES DE SOUSA

Lagos, 1949. Tínhamos saído de Lisboa, manhã cedo, a caminho do Algarve. Alberto Ribeiro ao volante, Frei Diogo Crespo no mesmo banco, eu e Júlia Barroso nos outros lugares. O rumo: a igreja em que ia ser baptizada a filha de Fernando da Silva Cabrita, já então o «menino-bonito» de um Olhanense que, em 1924, arrancara um Campeonato de Portugal.

Festa rija: Cabrita eufórico. Olhão em pedra à porta do templo: para ver sair a Maria Regina e os padrinhos, cantores da moda. Alberto Ribeiro a dar autógrafos e a cantarolar o «Hilário». A Júlia (primeira «Rainha da Rádio Portuguesa») com a mãe e o mano Zé a falarem com os conterrâneos de Lagos, a terra solarenta da intérprete de «Adeus». E, depois, no «copo de água», os «craques» à volta da sua «estrela»: o possante Abraão, Rodrigues (o «periscópio»), o duro Nunes, o «científico» João dos Santos, o «velhinho» Grazina, o impetuoso Loulé do cabelo aberto para os lados, o fortalhado Moreira, o Joaquim Paulo da perna bamba, o habilidoso Salvador e o canhoto Palmeiro. Uma equipa de respeito: que deu cabo das passas, dos bolos e do vinho enquanto o Diabo esfregava um olho.

O Tempo dançou no calendário. Cabrita esteve com um pé no Sporting, na temporada em que o malogrado Joaquim Ferreira iria morrer no Parque Eduardo VII. O Benfica e o Beirenenses estiveram na corrida pelo chutador: o Olhanense abriu tanto a boca no pedir que o avançado-centro algarvio se tornou um dos primeiros emigrantes do futebol português, ainda antes de Bravo e de Rogério, muitos anos até que chegasse a vez de Aguiar e Emílio Graça.

No Angers, Cabrita foi primeira figura. Ganhou amizade com André Simonny e trouxe-o consigo para a Covilhã, quando voltou ao futebol português. Mais chamadas à selecção nacional (de Tavares da Silva), a tarde inesquecível em que enfiou Ocwork na algeibra dos calções e, um belo dia, a entrada no Benfica como técnico, já depois de um ciclo de trabalho em outros clubes de projecção menos eloquente.

Outra vez o calendário aos pulos: Cabrita em Tomar. Novas amizades, mais trabalho, as características de bom profissional a distinguirem o seu apêgo ao esforço. E, aqui há meses, a volta à Luz, como ajudante de Hagan, como (efectivo) preparador de campo. Ao terminar o primeiro terço do campeonato, fica com a castanha quente na mão: mas o Benfica trepa a pulso o obstáculo de Guimarães e salta como um garoto feliz por cima da rasteira do Lavradio. E Fernando Cabrita entra na história de um «record», associa o nome a uma proeza que poderá resistir anos e anos a fio a assaltos de todas as outras frentes.

Está agora na beira do relvado da Luz. Com a mesma serena tranquilidade com que, uma bela tarde, no extinto Francoforte de Santa Justa, me contou (ao lado de Manuel dos Santos) que ia deixar o Olhanense e tentar a vida em outras paragens. Com a mesma simplicidade com que, na volta de França, chegou a minha casa e poisou sobre uma mesa o tinteiro amarelinho com a Torre Eiffel que nessa altura era prato obrigatório em todos os «souvenirs» parisienses. Com a mesma paz de espírito com que, em cada domingo de jogo, saía dos estádios para ir ouvir missa na Igreja mais próxima. Com a mesma fala quente e arrastada com que recordava a estreia na selecção em tarde de botas novas (a rasgarem-lhe os pés com traços de sangue), com que evocava a difícil operação ao joelho feita ainda nos tempos vividos no Esperança de Lagos. Sem nunca alterar o ritmo cadenciado das palavras, a mesma única ruga cavada na testa, o mesmo sinal de calma em todos os actos.

Estivemos uma tarde destas outras vezes juntos. Cada um de nós pensou (estou certo) em tudo isto: e em muito mais que eu irei escrever um dia. Mas, no espaço de duas colunas, como poderá caber toda a história de um homem de corpo inteiro?



Treinador e jornalista: encontro no estádio.

O COMENTÁRIO

QUANDO OS ÁRBITROS FOGEM DO ALVO

Ouvir-se de boca responsável, numa das últimas reuniões de árbitros: «... que se proíba a publicação de apreciações não fundamentadas à actuação das equipas de arbitragem, emitidas por jogadores ou dirigentes desportivos, entrevistados pelos representantes dos órgãos da representação».

Pois. E, aprovada esta moção, acabam todos os problemas da arbitragem portuguesa: porque são os jogadores e os dirigentes que, com as suas lamúrias, estragam todo o espectáculo.

lo e semeiam o descrédito entre os homens do apito. Porque são, no fundo, os homens dos jornais que têm a culpa: vão à procura de quem acusa sem fundamento e transformam o mar que poderia ser calmo num oceano cheio de ondas. Porque são os jogadores e os dirigentes que, tentando ca-

lar a boca aos seus adeptos, lançam as chamadas aos pobres árbitros, acusando-os de coisas que mais ninguém viu.

Pois. Estou quase de acordo com o qualificado dirigente que pronunciou a sentença. E, para estar totalmente a seu lado, só falta que: 1.º — os árbitros to-

mem a responsabilidade de todos os seus julgamentos e no final de cada jogo esclareçam os órgãos da Informação dos casos obscuros do encontro; 2.º — que os árbitros se tornem verdadeiramente profissionais e não puros amadores que vão aos campos só para ganhar mais um pouco; 3.º — que os árbitros o saibam ser, começando por admitir os seus auxiliares como ajudantes efectivos.

Se isto acontecer, estou então de acordo: e os jogadores e dirigentes poderão falar sem magoar ninguém.

MORADIA

RESTELO — 4.600 c.

Sólida e esmerada construção, lindas vistas, garagem para 2 carros, arrecadações e garrafeira, grandes quartos e salas, terraço e varandas. Grande jardim.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45-3.º
Telefs.: 32 31 72 - 36 74 44



CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados. EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

F AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

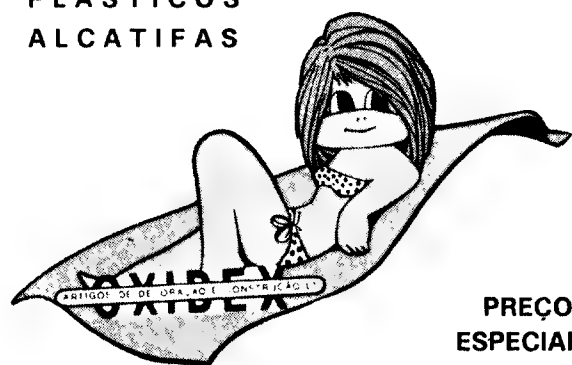
CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

REVESTIMENTOS

PLÁSTICOS
ALCATIFAS



PREÇOS
ESPECIAIS

PARA A GRANDE OBRA

OS MAIS MODERNOS

PAPÉIS LAVÁVEIS PARA PAREDE

1.500 PADRÕES

EXPOSIÇÃO E VENDA

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B—Tel. 532383

HORÁRIO DOS COMBOIOS

Serviço especial, de 2.ª classe, para transporte de trabalhadores portugueses destinados ao estrangeiro, de Vila Real de Santo António-Guadiana a Hendaye, às sextas-feiras, de 5 de Janeiro a 30 de Março de 1973.

V. R. DE SANTO ANTÓNIO-GUADIANA ...	P. 6-25
Vila Real de Santo António ...	P. 6-27
Tavira ...	P. 6-54
Fuseta ...	P. 7-07
Olhão ...	P. 7-17
Faro ...	(C. 7-29)
	(P. 7-30)
Loulé ...	P. 7-51
Albufeira ...	P. 8-06
Tunes ...	(C. 8-12)
	(P. 8-18)
Messines-Alte ...	P. 8-33
São Marcos ...	P. 8-48
Funchal ...	(C. 9-55)
	(P. 10-40)
Castro Verde-Almodôvar ...	P. 11-12
Santa Vitória-Ervidel ...	P. 11-35
Beja ...	(C. 11-53)
	(P. 14-05)
Cuba ...	P. 14-25
Vila Nova da Baronia ...	P. 14-49
Casa Branca ...	(C. 15-18)
	(P. 15-28)
Torre da Gadanha ...	P. 15-50
Vendas Novas ...	(C. 16-07)
	(P. 16-15)
Coruche ...	P. 17-38
Setil ...	(C. 18-43)
	(P. 20-20)
Entrancamento ...	(C. 20-59)
	(P. 21-00)
Matina ...	P. 21-19
Pombal ...	P. 21-57
Coimbra-B ...	(C. 22-31)
	(P. 22-32)
Patninhosa ...	(C. 22-46)
	(P. 22-54)
Mangualde ...	P. 0-10
Guarda ...	P. 1-32
Vilar Formoso ...	(C. 2-13)
	(P. 2-32)
Puentes d'Oñoro ...	(C. 2-35)
	(P. 3-00)
Medina del Campo ...	(C. 6-25)
	(P. 6-46)
Irun ...	(C. 13-22)
	(P. 13-30)
Hendaye ...	(C. 13-35)
	(P. 14-40)
Paris-Austerlitz ...	(C. 22-30)

PARA O PERÍODO
DE 7 A 13
DE JANEIRO



ARIES

(De 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Sob as actuais influências astrais as suas esperanças e os seus desejos serão satisfeitos. Os seus problemas sociais são claramente convidativos. Terá felicidade nas viagens e nos passeios.

DINHEIRO: Período muito vantajoso nos assuntos monetários ou de carácter material. As boas influências planetárias permitir-lhe-ão triunfar em toda a linha. Pode alcançar bons patrocínios.

PROFISSÃO: Os seus interesses profissionais estão sob boas protecções dos astros. Desfrutará de boas ajudas e colaborações eficazes, o que contribuirá para que o seu trabalho progreda num ritmo construtivo. Os seus méritos talvez venham a ser reconhecidos agora.

SAÚDE: Seja perseverante e optimista, e com repouso necessário tudo decorrerá razoavelmente.



CANCER

(De 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Os seus intentos serão alcançados mercê das boas influências astrológicas que favorecerão o que se refere à vida sentimental, familiar e aos seus interesses puramente amorosos.

DINHEIRO: Empresas inesperadas que lhe darão interesse, possíveis propostas com lucro à vista. Despesas extraordinárias ou superiores ao normal.

PROFISSÃO: Tem durante esta semana uma ocasião importante e favorável para a sua actividade profissional. Dedique-se com coragem ao trabalho e procure resolver assuntos pendentes, que anteriormente não estavam ao seu alcance poder solucioná-los como desejava.

SAÚDE: As condições de saúde são favoráveis. Contudo, as ansiedades durante a semana podem provocar um certo desgaste de energias.



LIBRA

(De 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Os assuntos familiares, as amizades e os casos sentimentais são-lhe muito favoráveis e estão sob boas influências durante esta semana.

DINHEIRO: As suas responsabilidades financeiras apresentam-se com boas perspectivas de aumento. Este período será um tanto ou quanto fora do vulgar.

PROFISSÃO: Tudo o que diz respeito à sua profissão está sob influências favoráveis. Faça por melhorá-las. As deslocações em missão profissional também lhe trazem proveito.

SAÚDE: A semana é favorável para a saúde e um tanto propício aos alívios.



CAPRICORNUS

(De 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Período magnífico para as amizades: conquistas de coração, amabilizar relações amistosas, travar interessantes contactos no seu círculo social, etc. A sua boa disposição de espírito será entretanto, estimulada por um sucesso verificado no âmbito das suas relações sentimentais.

DINHEIRO: Semana propícia a aumentos de dinheiros, a melhoria na sua situação económica. Êxito nas empresas e possibilidades de recebimentos referentes a casos atrasados.

PROFISSÃO: A sua posição profissional está sob bom aspecto planetário. O seu juízo será analítico e correcto. O seu trabalho será, portanto, mais produtivo e todos os seus assuntos caminharão bem.

SAÚDE: As condições físicas serão boas, mas procure descansar o mais possível.



TAURUS

(De 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: A vida amorosa, familiar e as relações de amizade são-lhe propícias durante esta semana. Novas oportunidades e importantes relações de amizade com pessoas capazes de lhe serem úteis, são apontadas pelos astros.

DINHEIRO: Terá oportunidade de realizar proveitosas transacções financeiras, porque se observam aspectos favoráveis ao emprego de capital. Poderá fazer aquisições interessantes se for filigente.

PROFISSÃO: Semana propícia para dar um bom desenvolvimento aos seus planos de trabalho, bem como para tirar o máximo proveito de todas as oportunidades que surgirem. Ponha em ordem o que não estiver certo, pois bastante ganhará com isso.

SAÚDE: Cuidado, pois corre o risco de acidente, sobretudo ligados a coisas mecânicas. A falta de paciência pode contribuir grandemente para isso.



LEO

(De 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Reprima a tendência para a obstinação. As discussões e as censuras não têm nenhuma utilidade, mas a lógica e a paciência agem sempre com muito mais eficácia do que a força.

DINHEIRO: Possibilidades de ter de enfrentar dificuldades e passar por alguns dissabores em matéria de finanças. Negócios ou ideias contrariadas.

PROFISSÃO: Faça o possível para que ela decorra o mais calmamente que possa. O mais pequeno descuido nesta ocasião pode acarretar-lhe consequências desagradáveis que terminarão em seu prejuízo e maleficiência.

SAÚDE: Neste período de tempo os influxos astrais incidem de maneira desfavorável sobre o seu sistema articular, sem, no entanto, atingir o aspecto grave.



SCORPIUS

(De 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Se os seus sentimentos não forem providos de boa intenção, não continue a alimentar esperanças irrealizáveis. A ira dos que se sentirem despeitados pode cair sobre vós.

DINHEIRO: Monetariamente é fraco; como tal, o melhor será controlar convenientemente as despesas, porque todo o esforço neste sentido não alcançará grandes resultados.

PROFISSÃO: A acção na esfera profissional tende a ser um pouco mais reduzida, mas com um pouco de coragem os seus assuntos evoluirão no sentido da concretização favorável.

SAÚDE: Cautela, a semana apresenta-se duvidosa e com perigos.



AQUARIUS

(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Será preciso especial cuidado com os seus casos sentimentais. Domine um pouco as facetas desagradáveis do seu temperamento, seja tolerante e tenha boa compreensão. Em caso de qualquer contrariedade que surja controle-se.

DINHEIRO: Seja prudente nas suas especulações financeiras. Muito esforço e pouco resultado, são as suas perspectivas para esta semana.

PROFISSÃO: As suas actividades habituais com um pouco mais de acção e boa vontade, sair-se-á bem delas. Não deve tomar conta de novos empreendimentos, não é favorável.

SAÚDE: Durante o presente período o desânimo e a melancolia atacar-vão-á.



GEMINI

(De 22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: A nota dominante durante a semana é a de harmonia e cooperação na sua vida doméstica. Contudo, um dado aspecto deixa ver que este não é um período em que se deva agir rigidamente em relação à pessoa amada.

DINHEIRO: Intensifique os seus esforços no sentido de melhorar as suas finanças, até porque, durante esta semana as despesas serão provocadas, principalmente, por coisas do lar.

PROFISSÃO: Trate de estabelecer contactos para uma actividade mais vasta. Bons pronunciamentos profissionais e felicidade no trabalho.

SAÚDE: Acontecimentos anteriores podem ainda fazer sentir os seus efeitos na saúde, mas alegre-se porque estes tendem a desaparecer.



VIRGO

(De 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Passará por uma quadra feliz na vida familiar, assim como nas amizades, nos idílios amorosos e em reuniões do seu círculo habitual de palestra.

DINHEIRO: Não espere conseguir grandes resultados, nem conte com qualquer espécie de ajuda. Vá tentando o que tiver, e aceite sem desfalecimentos as contingências do momento.

PROFISSÃO: As suas actividades quotidianas e os negócios habituais com um pouco mais de acção sair-se-á bem deles. Porém, não tome conta de assuntos para os quais não esteja à altura de os poder levar a cabo.

SAÚDE: Seja prudente a fim de se perseverar dos perigos que ameaçam surgir.



SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: A quadra é favorável e incita a novas amizades e ao convívio com as antigas relações. Preste atenção às necessidades das pessoas sob a sua dependência.

DINHEIRO: Neste período terá auxílios de ordem material. Este é um excelente período para comprar imóveis em geral.

PROFISSÃO: Os seus interesses profissionais caminham para uma fase benéfica. Entregue-se com interesse ao trabalho e terá a recompensa. Está próxima a solução favorável de um certo esforço.

SAÚDE: Neste capítulo tudo correrá pelo melhor, no entanto não cometa abusos nem despreze o regime habitual.



PISCIS

(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Excelente período para viver em boa harmonia familiar. Grandes satisfações com amores, amizades, no seu conjugal o ambiente é realmente acolhedor.

DINHEIRO: Excelente período para tratar de auferir bons e interessantes lucros e realizar operações agradáveis e proveitosas.

PROFISSÃO: Ótima semana para atingir um bom desenvolvimento profissional. Aproveite todas as suas ideias novas, que podem levar, nesta ocasião, a boas criações. O momento é para alterações e reformas.

SAÚDE: Procure descansar e distrair-se a fim de sofrer o menos possível os efeitos da melancolia que vos dominará no decorrer deste período.



O presidente Nixon aceita a demissão do general Gerard Smith, ex-delegado norte-americano às conversações de Salt deverá ingressar brevemente numa empresa ligada ao grupo do governador de Nova York, Nelson Rockefeller

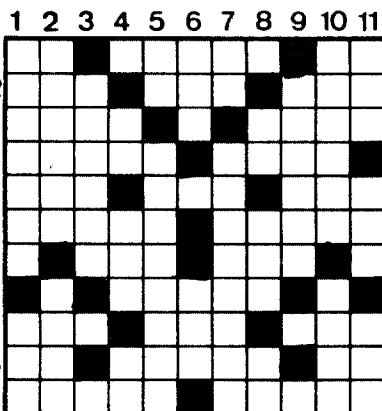


PROBLEMAS CROZIBOL

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 10303

HORIZONTAIS:

- 1 Pertences. Amargor. Campeão.
- 2 Ruído. Nome de mulher. Prendo.
- 3 Grande desordem. Líquido composto de hidrogénio e oxigénio.
- 4 Avaliam. Ir para fora.
- 5 Designação genérica das plantas herbáceas. (Bras). Gavinha. Pequena bigorna de aço sem hastes.
- 6 Fazer horas, matar o tempo (Gir). Expressão.
- 7 Donzela de Orléans. Chefe etíope.
- 8 Sugues o leite materno.
- 9 Doçura. Grande quantidade. Igual.
- 10 O mais. Escarneceram. O sono das crianças.
- 11 Penedo. Ronha (no cavalo).



VERTICAIS:

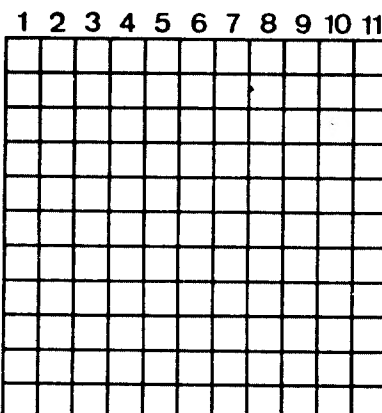
- 1 Mata. Oceano.
- 2 Ecoar. Cabelo.
- 3 Tomara moça.
- 4 Apelido. Armaria. Rado (sq).
- 5 Rádio (sq). Compraria.
- 6 Espaço de doze meses. Maior.
- 7 Tempo do verbo ir. Suportar.
- 8 Em partes iguais. Freguesia do concelho de Penafiel. Ruim.
- 9 Abanas.
- 10 Tolerar. Moço lésbio amado por Safo.
- 11 Ecoa. Preposição. Rate.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6458

HORIZONTAIS:

- 1 Aduz em defesa. Grande peta.
- 2 O mesmo que lérias (Prov. trasm). Sais frequentemente à rua.
- 3 Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Pronome possessivo. Chefe etíope.
- 4 Galio (sq.). Gole. Solitário.
- 5 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Pedra de altar.
- 6 Pedra de moinho. Duna na Suécia. Antiga unidade monetária da Alemanha.
- 7 Engaste de pedra preciosa. Aniversário.
- 8 Ave trepadora. Testemunho.
- 9 Mil e cem em romano. Agrupamento de pessoas. Preposição e artigo definido. Preposição.
- 10 Lagoa do estado da Baía. Adivinha.
- 11 Versejou. Ramadas.



VERTICAIS:

- 1 Inunda. Região montanhosa da Ásia central.
- 2 Calhau. Assinalar.
- 3 Estava. Instigador (fig). Prefixo de negação.
- 4 Germânico (sq). Utensílio doméstico. Jogo dianteiro das carras de artilharia.
- 5 Marca. Preposição e artigo definido.
- 6 Despido (inv.). Campeão.
- 7 Maldições. O mesmo que betele.
- 8 Ouro (sq). Viração Armadilha.
- 9 Patria. Rio da Toscana. Preposição.
- 10 Camareiras. Deslocar.
- 11 Restos mortais. Adiconas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10302

HORIZONTAIS:

- 1 Ácaro. Limam.
- 2 MAIS. VALE.
- 3 Aca. Dói. Lar.
- 4 Da. TARDE. MC.
- 5 Adiar. Então.
- 6 Arca. Mear.
- 7 Ia. Sr.
- 8 Uma. QUE. Amo.
- 9 Ni. Surra. El.
- 10 Caria. Acuda.
- 11 Areal. Sarem.

VERTICAIS:

- 1 Amada. NUNCA.
- 2 Caçada. Miar.
- 3 Aia. Iria. Re.
- 4 Rs. Taça. Sia.
- 5 Dará. Qual.
- 6 For. Mur.
- 7 Idem. Eras.
- 8 IV. Enes. Aca.
- 9 Mal. Tara. Ur.
- 10 Alamar. Mede.
- 11 Merco. Rolam.

Proverbo: MAIS VALE TARDE QUE NUNCA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6458

HORIZONTAIS:

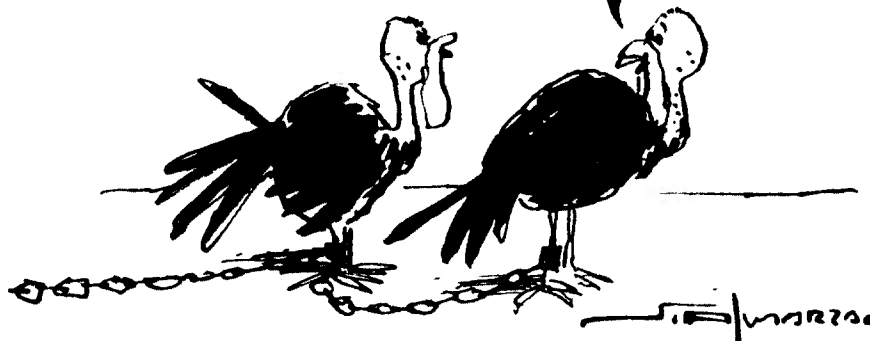
- 1 Nação. Torro.
- 2 Alear. Alias.
- 3 Rer. Res.
- 4 Raça. Paro.
- 5 Arosa. Proas.
- 6 Saria.
- 7 Balir. Atum.
- 8 Ebano. Sondo.
- 9 Lata. Si.
- 10 Ara. Dom. Aar.
- 11 Sasso. Mossa.

VERTICAIS:

- 1 Narra. Belas.
- 2 Alear. Abara.
- 3 Cerco. Lata.
- 4 Aa. Assina.
- 5 Oro. Aero. Do.
- 6 Go.
- 7 Tão. Piar. MM.
- 8 Ló. Pratos.
- 9 Rirão. Unias.
- 10 Raera. Ad. As.
- 11 Ossos. Moera.



NÃO TE PREOCUPES
MUITO, ESTA NOITE
TUDO VAI SER
MARAVILHOSO.



COVILHA LISBOA COVILHA

nova circulação directa
cerca de 6 horas úteis em Lisboa

**melhores horários
serviço de restaurante**
Entroncamento - Lisboa - Entroncamento
(serviço de almoços e jantares)

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

adormeça em Lisboa e acorde em Madrid...

no Lusitânia-Expresso



poupe gastos de hotel, viajando de noite

o meio mais económico de centro a centro das cidades

máxima economia: carruagens-beliches
máximo conforto: carruagens-camas climatizadas

de verão, leve consigo o seu carro

ligações para toda a Espanha

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)
«DOMINGO À NOITE»
No programa de hoje, participam a artista brasileira Clara Nunes, Maria Dilar, Gabriel Cardoso e Rui de Mascarenhas, entre outros.

2.º Programa (22.00)
ANTOLOGIA
«UM PEDIDO DE CASAMENTO»

MADEIRA SIEMENS

ISLAND

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período 12.30 Abertura e missa de domingo 13.10 Dia do Senhor 13.10 Eurovisão — Provas de SKY de Gormisch 13.35 Nos Bastidores da Aventura 14.05 Dia do Senhor 14.25 Andebol de sete — Académico — Progresso 16.20 Robin dos Bosques 16.45 TV Infantil 17.45 TV Rural 18.15 Domingo desportivo — 1.ª edição 18.25 Semi Breve 18.40 Semibreve 19.30 Teletexto, 2.ª edição 19.45 Adeus 15 anos 20.00 TV 7 21.00 Agente Secreto à Força 21.30 Teletexto, 3.ª edição 22.00 Domingo à Noite 23.40 Domingo Desportivo 00.05 Teletexto, 4.ª edição e fecho.	1.º Programa 1.º Período 12.45 Abertura e desenhos animados 13.00 Feminino Singular 13.15 Uma Rapariga Endiabrada 13.45 Teletexto, 1.ª edição 14.00 Vivendo o futuro 14.45 Logo à Noite.
2.º Programa 20.30 O Regresso de Lucy 21.00 Dó, Lá, Si 21.30 Teletexto, 3.ª edição 22.00 Antologia: Um Pedido de Casamento 00.05 Fecho	2.º Período 14.40 Ciclo Preparatório TV 19.00 TV Educativa 19.30 Teletexto, 2.ª edição 19.45 TV Infantil: A Grande Aventura 20.00 Momento Desportivo 20.30 Ao Serviço da Nação 21.00 Desenhos animados 21.30 Teletexto, 3.ª edição 22.00 McCloud 23.00 Teletexto, 4.ª edição 23.45 Meditação e Fecho.
	2.º Programa 20.30 Desenhos animados 20.45 Vivendo o futuro 21.00 Uma Rapariga Endiabrada 21.30 Teletexto, 3.ª edição 22.00 Museu do Cinema 23.30 Fecho

tempo

Situação do tempo
09.00 H
Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H

PORTO	2.º
P. DOURADAS	4.º
COIMBRA	2.º
PORTALEGRE	6.º
LISBOA	3.º
FARO	7.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS
Anadia
Máxima 16.º

Figueira de Castelo Rodrigo
Mínima 5.1.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL
Água do mar 12.4.º
Atmosfera 8.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.43 3,9 m	11.22 0,8 m
18.03 3,6 m	23.31 0,9 m

DIA 8

6.14 3,9 m	11.58 0,8 m
18.34 3,6 m	...

DIA 9

6.46 3,8 m	0.08 0,9 m
19.08 3,5 m	12.37 0,9 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco predominando de Leste; condições favoráveis à ocorrência de neblina ou nevoeiro nas terras baixas e à formação de geada nas regiões abrigadas do interior.

Tem moedas antigas para vender?

Quer ampliar a sua colecção?

Deseja conhecer a maior colecção de moedas portuguesas (cerca de 5.000 exemplares)?

Consulte o DEPARTAMENTO de NUMISMÁTICA do

BANCO PINTO DE MAGALHÃES

AMANHÃ

NASCE AS 8.55
OCASO AS 18.29

DIA 12

DIA 18

DIA 26

DIA 3

EMISSION 1. PROGRAMA

14.30 Tarde Desportiva, Rádio Desporto — Futebol: Relato e informações dos jogos da 17.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — Actualidade Desportiva

17.30 Música sem palavras

18.05 Girândola

19.10 Música da Europa

20.20 Diário Sonoro

20.20 Exatidão em paradas

21.00 Rádio Desporto

21.30 Variedades no Estúdio

22.00 Teatro das Comédias: «O Ciclo do Amor» — original de Jorge Felgueiras

22.35 Música Portuguesa

23.05 Sol e Toiros

23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia

00.00 Junção — (Entra o MF 1 de Lx) — Sinal Horário de um dia para o outro — (cont.)

00.30 Diário Sonoro

00.45 De um dia para o outro — (cont.)

02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 2

14.30 Música Sinfónica

15.00 Opera: «Os palhaços» em dois actos (Leoncavallo)

16.15 Concerto em do menor (Vivaldi): Orq.ª Filarmónica de Nova York, dir. Por Leonard Bernstein

16.30 Música de Piano

17.00 Junção — com o 2.º Programa

PROGRAMA EM MF 1 DE LISBOA

23.00 Rádio Universidade

00.00 Junção com o 1.º Programa

17.00 Perspectivas da obra instrumental de Mozart — Marchas e danças

18.00 Concerto de Domingo — 1.ª Parte — Intercâmbio Musical

18.27 Canções de Hugo Wolf, pelo soprano Evelyn Lear

18.40 Concerto de Domingo — (2.ª Parte) — Intercâmbio Musical

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde desportiva

17.03 Projeção

17.33 Meia hora depois

18.00 Música pelo caminho

18.45 Os ritmos da tarde

19.03 Fórmula 1

19.30 Vedetas e canções

20.15 Comentador desportivo

20.30 De sete em sete dias

22.45 A Estrela da noite

21.02 Leitura

21.30 Impacto

22.30 Quando o telefone toca

23.05 Mensagens bíblicas

23.20 Canções ao acaso

23.30 P. B. X.

Modulação de frequência

16.05 Pêndulo

18.00 O nosso programa

19.05 Vértice

21.00 Boa noite em FM

22.00 Programa à Go-Go

24.00 Em órbita dois

01.02 Banda sonora Sonipol

02.00 Perspectiva

03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

14.45 Onda desportiva

17.30 Música ao volante

18.00 Automobilismo

18.30 Terço e missa

20.05 Zona verde espaço ocupado pela família

20.30 Variedades

20.55 Meditação

21.08 Suplemento especial

21.08 Quando o telefone toca

22.30 Programa dos sócios

23.00 A 23.ª Hora

Farmácias de serviço

LISBOA

TURNO G-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA

Bairro, Rua Prior do Crato, 25 (Telef. 661321); **Bolifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (Telef. 638824).

ALVALADE

Zil, Av. da Igreja, 9-D (Telef. 711730); **Roma**, Av. de Roma, 85-B (Telef. 72466).

ARIEIRO

Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860).

AVENIDA DA LIBERDADE

Fernandes, Rua de S. José, 187 (Telef. 326476).

BAIRRO DA ENCARNAAÇÃO

Ascenso, Praça Norte, 11-A (Telef. 311216).

BENFICA

Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C, à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242); **Alegria**, Estrada de Benfica, 180-A (Telef. 780511).

CAMINHOS DE FERRO

Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Telef. 847019).

CAMPOLIDE

Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610).

CAMPO DE OURIQUE

União, Rua Saraiva Carvalho, 145-F (Telef. 663643).

CHELAS

Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241).

ENTRECAMPOS

Alcantara, Av. da República, 74-A (Telef. 771379).

ESTEFÂNIA

Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Telef. 45578).

LAPA

César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 362631).

LUMIAR

Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telefone 971131).

MATADOURO

Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (Telefone 553468).

SÃO MAMEDE

Albano, Rua da Escola Politécnica, 59 (Telef. 326750).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

S. Sebastião, Largo de S. Sebastião, 7-9 (Telef. 48642).

TURNO G-2

TODA A NOITE

AJUDA

Moura, Trav. da Memória 55 (Telef. 630944).

ALVALADE

S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A (Telef. 725140).

ANJOS

Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (Telef. 821633).

ARIEIRO

Garantia, R. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Telef. 727300).

AVENIDAS NOVAS

Vale, Avenida Marquês de Tomar, 47 (Telef. 773043); **Dalva**, Avenida Duque de Ávila 125 (Telef. 45225).

BAIRRO DA LIBERDADE

Salutar, R. B. 75-A (Telef. 683694).

BAIXA

Azevedo, Filhos, Rossio 31 (Telef. 327478).

BENFICA

União, Est. de Benfica, 592 (Telef. 700092).

CAMPO DE OURIQUE

Nobel, Rua Infância 16 98-B (Telef. 663643).

CASTELO

Ziler, Rua S. Tomé, 54 (Telef. 862835).

ESTRELA

Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo 66B (Telef. 666971).

LUMIAR

Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 790480).

OLIVAIS

Oliva, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237).

PICHELEIRA

Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395-720703).

POÇO DO BISPO

Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11-13 (Telef. 381136).

REGO

Baptista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Telef. 771873).

SANTO AMARO

Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões 42-B (Telef. 638623).

SÃO BENTO

Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros 115 (Telef. 679961).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Almeida Nifo Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070).

CAXIAS

Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS

Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039).

OEIRAS

Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE

Grincho Av. da República, 87 (Tel. 2471204).

S. PEDRO DO ESTORIL

S. Pedro (Tel. 263052).

ESTORIL

Parque, Ld.ª Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).

CASCAIS

Misericórdia R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais** R. Conde Monte Real - B.º Caixas (Tel. 282407).

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Dias Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); **Campos** R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); **Cláudio** R. António Sardinha, 23-D (Tel. 938551).

DAMAIA

Confiança Est. Militar, lote D (Tel. 9710231).

VENDA NOVA

Girassol R. Elias Garcia, 17 - C (Tel. 974161).

QUELUZ

André Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz** Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841).

CACÉM

Central R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS

Químia Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (Tel. 980456).

SINTRA

Marras L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).

COLARES

Colares Abreja (Tel. 299088).

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gamero L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS

Guimarães R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).

ALMADA

Nuno Álvares Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270405).

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança Est. Nacional, 174 (Tel. 224302).

BARREIRO

Higienica R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2273017).

COVA DA PIEDADE

Castro Rodrigues L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121).

MOITA

Silva Rocha P. da República, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO

Montepio R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).

SESIMBRA

Leão Av. Salazar (Tel. 229471).

SETUBAL

Soromenho P. Machado Santos (Tel. 22691); **Alice** P. do Quebedo (Tel. 23743).

SEIXAL

Godinho L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

PORTO

3.º TURNO

SUB-TURNO A

Aves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167. **Clerigos** (dos), Rua dos Clerigos, 36. **Cruz** (da), Rua Costa Cabral, 1082. **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192. **Monte dos Burgos**, Rua do Monte Burgos, 802.

SUB-TURNO B

Aliança, Rua da Conceição, 2. **Boteiro**, Rua da Alegria, 863. **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120. **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367. **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Ped. Teo. Perei, 227. **Vilarrinha** (da) Rua da Vilarrinha, 161.

COIMBRA

TURNO G

Rodrigues da Silva, R. Ferreira Borges, 32 (Tel. 24348); **Neves Morgado**, R. da Moeda, 106-108 (Tel. 23738).

EXCURSÕES CP

Sugerem-lhe MADRID cidade cheia de atractivos no Outono.

Diariamente, dois estilos de viagem: «Lustuosa Express» (de cama ou «couchette») ou comboio «TER» (ar condicionado, cómodo, panorâmico).

Hotel incluído em Madrid, transferências, assistência, etc.

PREÇOS DESDE 820\$00

Informações e folhetos descritivos.

ESTAÇÃO DE LISBOA - ROSSIO
ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA
RUA DO ARSENAL, 124 - 1 - LISBOA
Organização: tel. 36 74 29
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

Cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.00-18.15-21.30 (Grupo C - 14 anos) 11.ª Semana de êxito «UM VÍO-LINO NO TELHADO» Ecran gigante, som estereofónico de quatro bandas magnéticas.

SATÉLITE (Tel. 555134/5)

15.00-17.00-19.00-21.45 (Grupo C - 14 anos) 5.ª Semana A teoria e a prática do cinema aplicado na História «ALEXANDRE NEVSKI» de Eisenstein com Nicolai Tchekassov.

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)

15.15-18.30 e 21.30 3.ª Semana de êxito (Grupo C - 14 anos) «O JUIZ ROY BEAN» De justiça em injustiça impõe a sua lei. Com Paul Newman, Jacqueline Bisset e Ava Gardner. Color. Metro Alvalade.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)

15.00-17.00-19.00-21.45 (Grupo C-14 anos) 6.ª Semana A obra-prima de Robert Rossellini «A TOMADA DO PODER POR LUIS XIV» (Metro-Alameda).

VOX (Tel. 720808)

15.15-18.30 e 21.45 5.ª Semana Esmancolor (Grupo B - 10 anos) Louis de Funès e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS» A Loucura feita cinema.

CONDES (Tel. 322523/326710)

4 sessões diárias - 14.15-16.30 18.45 e 21.45 (Grupo B - 10 anos) 5.ª Semana A loucura feita cinema Louis de Funès e Yves Montand têm «A MANIA DAS GRANDEZAS».

ALVALADE (Tel. 717480)

15.15-18.15-21.45 3.ª Semana (Grupo C - 14 anos) Um filme de Richard Brooks «OS PROFISSIONAIS» com Burt Lancaster, Lee Marvin, Jack Palance, Robert Ryan e Ralph Bellamy.

POLITEAMA (Tel. 326305)

15.15-18.15 e 21.45 (Grupo B - 10 anos) 3.ª Semana triunfal — Terence Hiel e Bud Spencer depois de «TRINITY» novamente juntos em «A COLINA DOS SARILHOS».

ODEON (Tel. 326283)

15.15-18.15-21.30 (Grupo D-18 anos) 5.ª Semana Alfredo Landa, Sylvia Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJAS A MULHER DO DELICADINHO». Um escândalo em graça brejeira.

LYS (Tel. 38560)

14.45 e 21.00 (Grupo D - 18 anos) «AVENTURA É AVENTURA» e em complemento «LUZ QUE CEGA» As 18.30 «AVENTURA É AVENTURA» (Metropolitano: Intendente).

S. JORGE (Tel. 54153/4)

15.15-18.15-21.30 (Grupo D - 18 anos) Sensacional 3.ª Semana Charles Bronson é o «MECÂNICO».

CASINO ESTORIL (Tel. 264621/264948)

15.30-18.30 e 21.30 (Grupo D - 18 anos) «DUAS INGLESA E O CONTINENTE».

EUROPA (Tel. 661016)

15.15 e 21.30 Color (Grupo D - 18 anos) Sophia Loren em «O PECADO» Hoje às 18.30 (Grupo A - 6 anos) «ASTERIX, O GAULÊS».

BERNA (Tel. 776098)

Só às 21.45 22.ª Semana A Paramount apresenta «O PADRINHO» (Grupo D - 18 anos) As 15.15 e 18.30 Para todos maiores de 6 anos — «O COMBOIO QUE LEVAVA SAUDADES» com Dinal Gheridou.

LONDRES (Tel. 731313)

4 sessões diárias 14.00-16.30-19.00 e 21.45 (Grupo D - 18 anos) colorido A estrela do ano! Liza Minnelli «CABARET» (Adeus Berlin!) Snack-Bar-pub «The Flag» O melhor encontro gastronómico.

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15-18.30 e 21.30 (Grupo D - 18 anos) Goldie Hawn e Eileen Heckart numa inesquecível eterna história de amor! «SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES».

AVIZ (Tel. 47183)

15.30-18.30 e 21.45 (Grupo B - 10 anos) 50.ª Semana «Record» exibição em Portugal «TRINITY» - Cow-boy insolente com Terence Hiel e Bud Spencer.

ROMA (Tel. 727778)

15.30-18.30-21.45 (Grupo C - 14 anos) Um filme de Sidney Pollack «AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE» com Robert Redford.

TIVOLI (Tel. 50595)

15.15-18.30-21.45 Technicolor - Panavision (Grupo C - 14 anos) Vanessa Redgrave e Glenda Jackson «AS DUAS RAINHAS».

APOLO 70 (Tel. 763319)

15.15-18.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana Technicolor Genial! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Wood Allen.

EDEN (Tel. 320768)

15.30-18.30-21.45 (Grupo B-10 anos) 4.ª Semana O inimitável Cantinflas em «OS 3 MOSQUITEIROS».

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)

15.30-18.30-21.45 (Grupo A - 6 anos) 4.ª Semana Inimitável. Inesquecível! «LUZES DA CIDADE» Com Charlie Chaplin.

IMPERIAL (Tel. 821933)

21.00 (Grupo D - 18 anos) «A MULHER MAIS BELA» complemento «A Scotland Yard contra Mabuse» 14.45 (Grupo A - 6 anos) Para todo o serviço c/ Bucha e Estica «APURADO».

ROYAL (Tel. 865037)

(Grupo C - 14 anos) «OS COWBOYS».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Café Cura, Rua da Be-lavista, Lote 1 - PINHEIRO DE LOURES

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES

21.45 (18 anos) «O Princípio e o Fim».

MARIA VITÓRIA

20.45 (18 anos) «Cá vamos pagando e rindo».

GIL VICENTE

17.00 (18 anos) «As criadas».

TRINDADE

21.45 (18 anos) «Hedda Gabler».

COLISEU

21.30 (10 anos) «Grande companhia de circo do Natal».

CASA DA COMÉDIA

22.00 (14 anos) «Alice nos jardins do Luxemburgo».

VARIEDADES

20.45 e 23.00 (14 anos) «A cama dos comuns».

CAPITÓLIO

20.45 e 23.00 (18 anos) «Sexo nunca! Somos britânicos».

A. B. C.

20.45 e 23.00 (18 anos) «É o fim da macacada».

VILLARET

20.45 e 23.00 (14 anos) «Sua Excelência, o Pendura».

MARIA MATOS

21.45 (18 anos) «Missa Leiga».

VASCO SANTANA

21.45 (18 anos) «Lar».

LISBOA/Cinemas

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º E 4.º
TELÉF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

MÁQUINAS DE BILHETES

Os trocos são o grande problema

«Mas não posso meter duas moedas de vinte cinco tostões?» — perguntava uma voz apressada. «Não, minha senhora, tem que trazer o dinheiro certo» — respondia imperturbável um funcionário. «Eu quero ir para Cascais. Qual é o botão onde tenho de carregar? Não me en-

tendo com isto e ainda fico sem a «massa»!» — dizia outra voz. A cena um pouco confusa passou-se junto às máquinas automáticas de venda de bilhetes que foram instaladas nas estações ao longo de toda a linha de Cascais. Mais exactamente 28 que foram distribuídas se-

gundo o movimento das gares. Cada máquina importou errada de 90 mil escudos e cada rolo de papel ali colocado fornece aproximadamente sete mil bilhetes. — As pessoas habituaram-se rapidamente às máquinas? — Sem dúvida que sim. Sabe,

as pessoas habituam-se sempre aquilo que lhe traz conveniência. Deixam de estar longo tempo nas bichas. Chegam aqui, metem o dinheiro e pronto têm logo o bilhete. Só o problema dos trocos é que tem criado mais demoras. — respondeu-nos um empregado que ajuda o público na aquisição dos bilhetes.

Isto dos trocos é que não está nada bem. Está a ver, temos que vir trocar dinheiro e como não temos de estar na bicha para os comprar, apanhamos uma fila enorme para os trocos e para mais com a falta enorme que há deles. Solução? Talvez colocar junto de cada máquina um empregado com trocos. Isso seria o ideal! — declarou-nos um pouco irritada Maria Luisa Rebelo Gomes de 53 anos e a residir na Parede.

MÁQUINAS — BOA INICIATIVA

O estudante Carlos Herminio Rodrigues também manifestou a sua opinião:

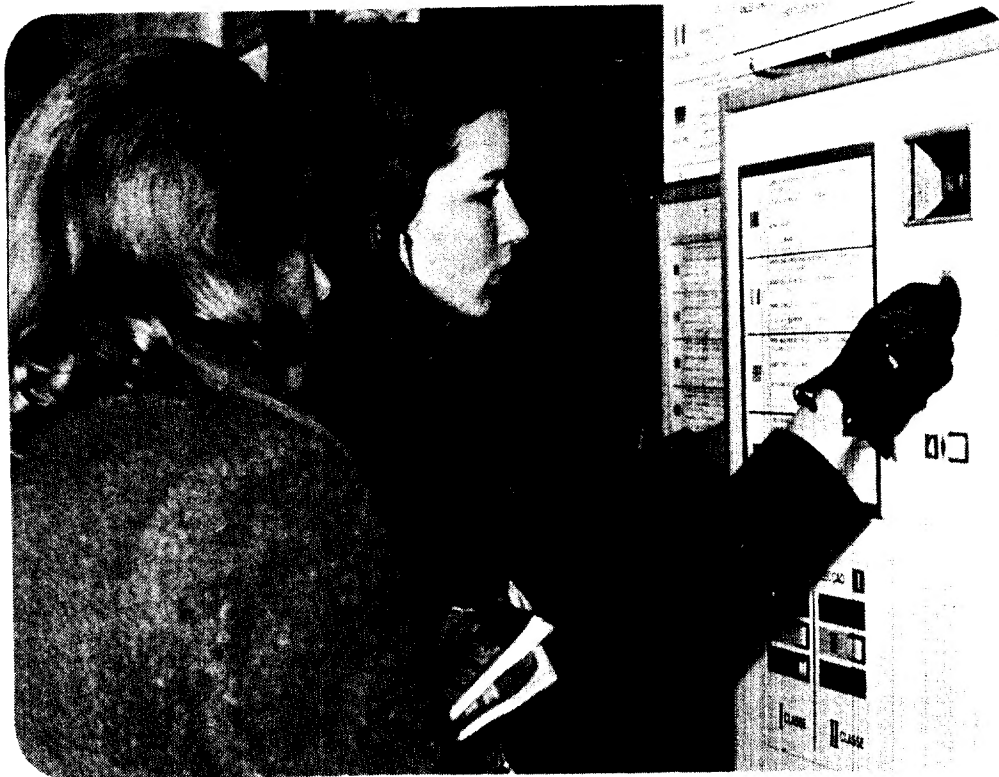
— Assim é muito «giro». A «malta» não precisa de estar na bicha. É muito mais rápido. No estrangeiro é tudo assim, porque é que nós não havíamos de ter? As máquinas são sempre uma boa iniciativa.

— E os trocos?

— Bom, isso é que devia ser solucionado quer pela companhia quer pelas próprias pessoas. Quem viesse para o comboio já devia trazer o dinheiro trocado e na estação deveria



Meter a moeda, carregar no botão e eis o bilhete. Processo rápido e que os passageiros depressa se habituaram.



Mesmo com as máquinas, será que o problema das «bichas» não se resolve?

existir uma bilheteira só para trocos. Talvez, daqui a uns anos...

As bilheteiras vão desaparecer em breve. Apenas ficam aquelas que destinam aos passes mensais ou anuais. Perde-se uma tradição de anos e anos em que as pessoas ficavam durante muito tempo aguardando a sua vez, conversando e lendo o jornal. «O que eu quero é chegar cedo a casa. Agora talvez isso vá acontecer. Quanto aos trocos, espero que isso se possa resolver em breve» — disse-nos ainda Maria Luisa Rebelo Gomes.

Até agora já se avariaram duas máquinas, mas foram imediatamente reparadas. O publi-

co está a ser «ensinado» a trabalhar com elas. Para isso, basta possuir moedas de 25\$0, 55\$00, \$50 ou 1\$00. A última pessoa a pronunciar-se sobre este melhoramento foi uma das figuras mais típicas da estação do Cais de Sodré: o engraxador.

Chama-se Ermelindo Chagas Botelho e tem 57 anos. Também ele se manifestou favorável:

— Tenho reparado que as pessoas já vão mais para as máquinas do que para as bilheteiras. Acho bem, pois é muito mais depressa. Estragou-me foi um «bocadinho» o negócio, porque enquanto estavam na bicha, sempre ia engraxando uns sapatos. Mas olhe, isto é o progresso!

TELEFONES NOS COMBOIOS ROMA-MILÃO

Roma — No seu programa de renovação, modernização e aperfeiçoamento da extensa rede ferroviária italiana e do conforto introduzido nos comboios, está já prevista a adopção do telefone comboio-terra para comodidade dos passageiros que, durante o percurso, poderão da sua caruagem, telefonar para qualquer parte do território nacional italiano.

As primeiras experiências, foram já efectuadas há um certo tempo nos comboios entre Roma e Nápoles, com os melhores resultados. Está programado actualmente a adopção, até ao próximo ano, do telefone nos comboios da rede Roma-Florença-Bolonha-Milão, que é a linha de maior importância e de maior tráfego do sistema ferroviário de Itália. (I.P.).

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Nunes Domingos. Posto de Venda da Estação S. JOÃO DO ESTORIL

ABRIU EM ALMEIRIM O ENSINO NOCTURNO

Almeirim, 7 — Após longo período de espera, começaram finalmente as aulas do curso nocturno de instrução que funciona em Almeirim e nas freguesias limítrofes de Fazendas de Almeirim, Benfica do Ribatejo, Tapada, Cortiões, Paços dos Negros, Marianos e Alorna. No lugar da Raposa, todavia, ainda não começaram, aparentemente por desinteresse dos alunos.

Como referimos oportunamente, eram cerca de 160 os interessados na frequência das aulas em todo o concelho, julgando-se que mais pessoas venham agora a inscrever-se.

Entretanto, logo que seja transferido o material necessário, entrarão em funcionamento algumas salas nas novas instalações da Escola Preparatória Febo Moniz, cuja frequência actual é de 419 alunos no curso diurno e 107 no nocturno, que começou a funcionar este ano. Em face destes números, a Câmara Municipal de Almeirim tem vindo a diligenciar no sentido de ser criada na vila uma secção da Escola Industrial de Santarém que venha a funcionar já no próximo ano.

Assembleia Geral da Associação dos Escanções de Portugal

Realizou-se a Assembleia Geral da Associação dos Escanções (Provedores de Vinho) de Portugal para eleição dos corpos gerentes. Foi aprovada a lista única com a seguinte constituição:

— Assembleia Geral. Presidente, Fernando Lopes; Vice-Presidente, Marques de Oliveira; 1.º e 2.º secretários, respectivamente, Manuel Ladeiras e José Clemente.

— Direcção: Presidente, F. Ferramentas; Vice-Presidente, Zeferino Carreira; 1.º e 2.º secretários, respectivamente, Carrilho Costa e Mário Pereira; Tesoureiro, João Mendes.

— Conselho Fiscal: Efectivos: Morais de Melo e Faro e as firmas Carvalho, Ribeiro e Ferreira e Moura Basto; Suplentes: Guilhermino Ribeiro Ferreira e as firmas Sogrape e Caves Aliança.

Os muçulmanos da Guiné e a bandeira portuguesa

BISSAU, 6 (ANI) — À luz dos princípios de igualdade, da fraternidade e de justiça, não posso deixar de exprimir a minha satisfação por ver incluído nesta peregrinação um grupo de mulheres, atitude de evolução que muito vos honra» — declarou o general António de Spínola, governador e comandante-chefe das forças armadas, aos 39 muçulmanos que no Palácio do Governo, em Bissau, lhe apresentaram os cumprimentos de despedida, antes de embarcarem para os santuários de Meca e de Medina, aonde se deslocam em peregrinação patrocinada pelo Governo da Guiné.

«Nenhum de nós tem dúvida — salientou Aguinaldo Lopes Baldeque, falando em nome dos peregrinos — de que, sem a intervenção do Governo, seria impossível realizarmos esta peregrinação, que é a mais sagrada cerimónia por que todos os muçulmanos anseiam na vida. Quando chegarmos aos lugares santos, faremos as orações necessárias para pedirmos a Alá, além da purificação das nossas almas, que ilumine com a luz da verdade os espíritos de todos a fim de restabelecer a paz na nossa terra. Queremos ainda afirmar que seremos o porta-voz firme e esclarecedor do mundo, e, sobretudo, das nações que vamos encontrar, das obras de desenvolvimento da província

feitas pelo povo e pelo Governo desta parcela de Portugal».

O general António de Spínola, por seu turno, dirigiu-se aos peregrinos nos seguintes termos:

«Ouvi com atenção as palavras do vosso porta-voz, palavras repassadas de gratidão, de confiança e de fé. O vosso sentimento de gratidão deve ser dirigido à Bandeira Portuguesa, que levas convosco, à sombra da qual estamos construindo o futuro melhor por que anseias.

«Muito me conforto, também, a confiança na política do Governo, a qual as palavras do vosso porta-voz traduziram política que se fundamente em princípios de justiça, de fraternidade e de solidariedade humana, que se encontram na génese da nossa religião e consagrados no Alcorão.

«Quero ainda salientar que esta embaixada, para além de ser uma peregrinação de fé a Meca, é também, uma embaixada da nossa Pátria a terras estranhas. Compete-vos demonstrar ao mundo, por todos os lugares por onde passardes, que aquela bandeira é uma bandeira de fraternidade, de paz, e de solidariedade, uma bandeira que, para os muçulmanos da guiné, simboliza os princípios sagrados do Alcorão.